

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Letras

Paulo Ricardo Sousa Ferreira

**NEOLOGISMOS E PROCESSOS LEXICAIS CRIATIVOS:
A produtividade lexical sob a ótica da linguística cognitiva e gerativa**

Belo Horizonte

2021

Paulo Ricardo Sousa Ferreira

**NEOLOGISMOS E PROCESSOS LEXICAIS CRIATIVOS:
A produtividade lexical sob a ótica da linguística cognitiva e gerativa**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Arabie Bezri Hermont

Área de concentração: Linguística

Belo Horizonte

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

F383n Ferreira, Paulo Ricardo Sousa
Neologismos e processos lexicais criativos: a produtividade lexical sob a ótica da linguística cognitiva e gerativa / Paulo Ricardo Sousa Ferreira. Belo Horizonte, 2021.
156 f. : il.

Orientadora: Arabie Bezri Hermont
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras

1. Neologismo. 2. Gramática cognitiva. 3. Gramática gerativa. 4. Vocabulário - Linguagem (Neologismo, gíria, etc.). 5. Linguagem. 6. Linguística - Estudo e ensino. 7. Língua portuguesa - Lexicologia. 8. Língua portuguesa - Palavras e expressões. I. Hermont, Arabie Bezri. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 806.90-3

Ficha catalográfica elaborada por Rosemary Socorro Hosken - CRB 6/3170

Paulo Ricardo Sousa Ferreira

**NEOLOGISMOS E PROCESSOS LEXICAIS CRIATIVOS:
A produtividade lexical sob a ótica da linguística cognitiva e gerativa**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguística

Prof^a. Dr^a. Arabie Bezri Hermont – PUC Minas (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Ev^ª Ângela Batista Rodrigues de Barros – PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Cândido Samuel Fonseca de Oliveira – CEFET-MG (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 26 de fevereiro de 2021.

*Para minha esposa e para minha mãe,
por serem e estarem comigo em todas as minhas razões.*

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Dra. Arabie Bezri Hermont, minha orientadora, pela confiança em meus ímpetos na idealização deste trabalho e por sua mentoria profissional, sábia e acima de tudo humana, mesmo em meio aos desafios que 2020 e o cenário pandêmico nos trouxeram;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo apoio para que o presente trabalho fosse realizado [Brasil (CAPES) – Finance Code 001];

À Prefeitura de Belo Horizonte, pelos trâmites de transferência que me permitiram lecionar em horário noturno, possibilitando assim minha investidura no mestrado;

À colega de trabalho Prof.^a Evani Sabino, cujo incentivo de ingresso à pós-graduação foi basilar para que eu retornasse à PUC Minas;

A todos os docentes da Pós-Graduação de Letras da PUC Minas que tive o prazer de rever ou de conhecer, cujas aulas fizeram-me mais uma vez sentir parte de uma comunidade acadêmica ativa, profícua e diferenciada;

A todos os colegas discentes com os quais compartilhei caminho nas aulas, nas defesas, nos eventos, nos encontros do grupo Estudos em Linguagem e Cognição, em especial, Adriana Cristina Albergaria Fonseca, Israel Marcelo Oliveira e Sabrina Gabriela Vicentini, com quem as discussões eram sempre ricas e agradáveis;

A minha esposa, por todo carinho e compreensão nos momentos em que fui ausente e por sua parceria, cuja importância para mim não cabe em neologismo algum;

A minha mãe, exemplo de mulher e guerreira, não só pela determinação que me ensinou e está impressa em cada palavra deste trabalho: por tudo que sou e jamais conseguirei enumerar;

A meu pai e minhas três irmãs, que mesmo a um estado de distância fazem parte importante de minhas motivações;

Agradeceria a Deus, ao universo e à vida, mas seria pleonástico; esses estão em todos que já mencionei aqui.

Você não sente nem vê
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer
E o que há algum tempo era jovem e novo, hoje é antigo
E precisamos todos rejuvenescer.

(VELHA..., 1976)

RESUMO

Este estudo aborda a prática de neologismos presente no léxico de Belo Horizonte, em ambiente físico e digital, com atenção especial aos fenômenos léxicos produtivos/criativos ativados em sua realização. Objetiva-se compreender os neologismos e seus processos como manifestações criativas intrínsecas à própria linguagem, além do *status* de acessório, seja em uma perspectiva modularista ou holística. Para tanto, sob ensejo de um tratamento rico em pontos de vista, buscou-se aporte: a) primário, em autores da linguística cognitiva e da linguística gerativa, duas teorias opostas, mas coniventes com a importância da cognição no estudo da linguagem; b) secundário, em autores de vertentes variadas atentos ao objeto de pesquisa deste estudo e/ou suas adjacências. O favorecimento da linguística gerativa e cognitiva deu-se em razão da forma como ambas as vertentes privilegiaram estudos morfológicos direcionados à criatividade/produtividade lexical, com propostas de sistemas abstratos de representação à formação de novas palavras, exercitados em nossas análises: as regras de formação de palavras (RFPs), localizadas na teoria gerativa, e os esquemas cognitivos da morfologia construcional, localizados na linguística cognitiva. Por metodologia de pesquisa, optou-se pelo método hipotético-dedutivo, cuja aplicação parte de lacunas dos saberes como problema para se chegar a novos problemas e hipóteses, sob uma perspectiva sincrônica; assim efetivou-se a coleta, a seleção e o tratamento do *corpus* de análise, formado por neologismos suscetíveis aos critérios lexicográficos de nossa pesquisa. Das 103 unidades lexicais coletadas, 84 foram consideradas neologismos, analisadas, qualificadas e quantificadas por processo de formação de palavra, bem como discutidas a partir do escopo teórico elucidado e suas respectivas representações abstratas de generalidade. Constatou-se, com as análises, que a prática de neologismos mira a produção do novo a partir de procedimentos rotineiros de criação linguística: o produto é novitativo, os processos que o disparam são antigos. Percebeu-se também que tanto os esquemas cognitivos quanto as RFPs encontram limitações para representar a formação de novas palavras, sobretudo ao lidar com palavras sem motivação morfêmica, no entanto, a abordagem cognitiva dos esquemas alcança mais processos ao custo de uma análise mais subjetiva, enquanto a abordagem gerativa das RFPs cobre menos processos, com reflexões mais objetivas e estruturais. Compreendeu-se que os componentes do aparato lexical são sensíveis uns aos outros, sejam eles concebidos de forma modularizada ou gestáltica, e essa interligação favorece um teor de combinatoriedade capaz de justificar a fluidez e a frequência dos processos criativos de novas palavras. Assim, confirmou-se a proposição de que os neologismos seriam tão inerentes à linguagem quanto seus próprios processos de formação, diferenciados apenas por

seu *status* novitativo. Depreendeu-se, por fim, que o neologismo pode ser concebido não só como uma nova palavra, mas também um novo uso de palavra, cujos efeitos linguísticos diferem daqueles causados pela identidade léxica anterior. Sob a reflexão de que a subjetividade do critério do “novo” persiste como um dos desafios para o estudo da neologia, abriu-se convite a novas investigações, a fim de ampliar o corpo teórico do objeto na comunidade acadêmica.

Palavras-chave: Neologia. Neologismo. Linguística cognitiva. Teoria gerativa. Processos de formação de palavra. Léxico.

ABSTRACT

The present study addresses the practice of neologisms found in the Belo Horizonte lexicon, in a physical and digital environment, with special attention to the productive/creative lexical phenomena activated in its production. It aims at understanding neologisms and their processes as creative manifestations intrinsic to language itself, beyond the status of accessories, either in a modularist or holistic perspective. In order to do so, on the occasion of a conduction rich in points of view, the following contributions were sought: a) the primary, in authors of cognitive linguistics and generative linguistics; two opposing theories, but complacent with the importance of cognition in the study of language; b) the secondary, in authors of various lines of thought attentive to the object of research of this study and/or its adjacencies. The favoring of generative and cognitive linguistics was due to the way in which both types of approach favored morphological studies aimed at lexical creativity/productivity, with proposals for abstract systems of representation in the formation of new words, exercised in our analyses: word formation rules (WFRs), located in generative theory; and the cognitive schemes of constructive morphology, located in cognitive linguistics. As a research method, we chose the hypothetical-deductive model, whose application considers knowledge gaps as a problem in order to pose new problems and hypotheses, under a synchronic perspective; thus, the collection, selection and treatment of the analysis corpus, which was formed by neologisms susceptible to the lexicographical criteria of our research, was carried out. Of the 103 lexical samples collected, 84 were considered neological and were analyzed, qualified and quantified by word formation process, as well as discussed from the elucidated theoretical scope and their respective abstract representations of generality. The analyses showed that neological practices aim at the production of what is new from habitual procedures of linguistic creation: the product is new, the processes that trigger it are old. It was also perceived that both cognitive schemes and WFRs find limitations to represent the formation of new words, especially when dealing with words without morphemic motivation, however, the cognitive approach of schemes reaches more processes at the cost of a more subjective analysis, while the generative approach of WFRs covers fewer processes, with more objective and structural reflections. It was understood that the components of the lexical apparatus are sensitive to each other, whether they are conceived through a modularized or gestalt approach, and this interconnection favors a combinatorial content capable of justifying the fluidity and frequency of the creative processes of new words. Therefore, the proposition that neologisms would be as inherent to language as their own formation processes, differentiated only by their novitative status, was confirmed.

Finally, it was concluded that a neologism can be conceived not only as a new word, but also as a new use of words, whose linguistic effects differ from those caused by the previous lexical identity. Under the consideration that the subjectivity of the "new" criterion persists as one of the challenges for the study of neology, an invitation was opened to new investigations, in order to expand the theoretical body of knowledge about the subject in the academic community.

Keywords: Neology. Neologism. Cognitive Linguistics. Generative Theory. Word Formation Processes. Lexicon.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Amostra de possíveis neologismos.....	92
Quadro 2 – Neologismos formados por derivação sufixal	101
Quadro 3 – Neologismos formados por derivação prefixal.....	111
Quadro 4 – Neologismos formados por derivação parassintética	113
Quadro 5 – Neologismos formados por composição	115
Quadro 6 – Neologismos formados por cruzamento vocabular	120
Quadro 7 – Neologismos formados por truncamento	124
Quadro 8 – Neologismos formados por reduplicação	126
Quadro 9 – Neologismos formados por recomposição	128
Quadro 10 – Neologismos formados por splinter.....	130
Quadro 11 – Neologismos formados por extensão semântica.....	133
Quadro 12 – Neologismos formados por onomatopeia.....	135

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 – chimilimão (cód. 1)	87
Imagem 2 – belo-horizontês (cód. 69)	104
Imagem 3 – gatonês (cód. 71)	104
Imagem 4 – maratonar (cód. 27)	106
Imagem 5 – Outrar (cód. 9)	106
Imagem 6 – flopar (cód. 88), hitar (cód. 89)	106
Imagem 7 – cinco (cód. 22)	107
Imagem 8 – poliamor (cód. 12)	112
Imagem 9 – dez barra dez (cód. 5), Zé Droginha (cód. 6)	117
Imagem 10 – patológicos (cód. 8)	117
Imagem 11 – cafecolate (cód. 51)	121
Imagem 12 – cachorro-planistas (cód. 77)	121
Imagem 13 – corônica (cód. 82)	122
Imagem 14 – rivoutrada (cód. 2)	122
Imagem 15 – promo (cód. 35), xonei (cód. 34)	124
Imagem 16 – mimimi (cód. 10)	127
Imagem 17 – pipipopopo (cód. 19)	127
Imagem 18 – trans-amor (cód. 39)	128
Imagem 19 – cyberagreste (cód. 78), sertãopunk (cód. 78), amazofuturismo (cód. 80)	131
Imagem 20 – poupecast (cód. 92)	131
Imagem 21 – cremosa (cód. 42)	134
Imagem 22 – nutella (cód. 55)	134
Imagem 23 – hominho (cód. 11)	134
Imagem 24 – de boas (cód. 16), desdeboar (cód. 17), deboadores (cód. 18)	137

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	LÉXICO, PALAVRA E NEOLOGISMO	19
2.1	Conceito(s) de Léxico	19
2.2	Conceito(s) de Palavra	23
2.3	Conceito(s) de Neologismo.....	36
3	PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE PALAVRAS	46
3.1	Derivação afixal	46
3.2	Derivação regressiva	51
3.3	Derivação imprópria	51
3.4	Composição	53
3.5	Cruzamento vocabular	55
3.6	Truncamento	56
3.7	Siglagem/Acrônimo	57
3.8	Reduplicação	58
3.9	Recomposição	58
3.10	Formação por splinters	59
3.11	Extensão semântica	60
3.12	Onomatopeia	63
3.13	Criação ex-nihilo	63
3.14	Empréstimo linguístico	64
4	A MORFOLOGIA E A CRIATIVIDADE LEXICAL EM PERSPECTIVA	66
4.1	Criatividade lexical para a linguística gerativa.....	67
4.1.1	<i>Panorama teórico e a morfologia nos estudos gerativos</i>	67
4.1.2	<i>Produtividade, RFPs e RAEs</i>	71
4.2	Criatividade lexical para a linguística cognitiva	75
4.2.1	<i>Panorama teórico e a morfologia nos estudos cognitivos</i>	75
4.2.2	<i>Produtividade e esquemas construcionais</i>	81
5	METODOLOGIA	89
5.1	Problema e objetivos	89
5.2	Abordagem metodológica.....	90
5.3	Coleta e seleção de dados.....	91
5.4	Procedimentos de análise.....	99
6	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	100
6.1	Análise de neologismos	100
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
	REFERÊNCIAS	145
	REFERÊNCIAS DE CORPUS	150
	ANEXO A – AMOSTRAGEM	156

1 INTRODUÇÃO

O objeto da discussão proposta por este trabalho terá pauta em fenômenos linguísticos relacionados à criatividade lexical e seus processos produtivos, sobretudo, tratará acerca da sensação de novidade frente a algumas dessas formações do léxico, doravante conhecidas por neologismos. Nossa preocupação com o tema envolverá não só discriminá-los, mas também abordar possibilidades de representação do fenômeno enquanto processos formativos cotidianos da língua, inerentes à construção/reconstrução desta em suas frequentes adaptações promovidas em virtude da necessidade humana por comunicação.

Em um espectro mais amplo, Bechara (2009) diz sobre o neologismo: “As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades, culturais, científicas e da comunicação de um modo geral” (BECHARA, 2009, p. 351). Acreditamos que a importância da renovação lexical e do papel exercido pelos neologismos nesse ínterim possam ir além do estado de estratégia linguística. Isso porque temos por hipótese que os processos participantes do nascimento de uma nova palavra promovem relações vinculadas às necessidades humanas comunicativas em um caráter primário, primitivo até; mais que uma utilidade ao falante da língua, a nova palavra — a neologia — seria inerente à língua.

Para esta abordagem, devemos refletir não só sobre o fenômeno neológico em si, mas sobre dimensões outras que satelitizam o tema, de modo a constituí-lo, serem constituídos por ele ou a se relacionarem com a neologia em paralelo. Desses influentes e afluentes, podemos a princípio enumerar, em caráter mais amplo: o léxico da língua, o conceito de palavra e os critérios que a constroem — sejam eles semânticos, morfológicos, sintáticos, fonológicos, pragmáticos, a depender da perspectiva teórica utilizada. Em caráter mais estrito, nosso objeto nos direciona: a) aos processos de formação de palavras com maior previsibilidade sistêmica, como a derivação e a composição; b) aos processos de formação de palavras pouco previsíveis no sistema, como o cruzamento vocabular e criações onomatopaicas (ALVES, 1994; BASÍLIO, 2007; CORREIA; ALMEIDA, 2012; GONÇALVES, 2016a, 2019; ROCHA, 1998; ROSA, 2000; SANDMAN, 1991); c) e às representações de produtividade desses processos formativos, considerando-se o quão presentes são eles no cotidiano do falante da língua portuguesa, especificamente nos gêneros escritos de ampla circulação na internet e na realidade urbana.

Para Basílio (2007):

Quase sempre fazemos uso automático das palavras sem parar para pensar nelas. E não nos damos conta de que, algumas vezes, essas unidades com que formamos enunciados não estavam disponíveis para uso e foram produzidas por nós mesmos, na hora em que a necessidade apareceu. Do mesmo modo, quando estamos lendo um jornal ou livro, em geral não percebemos que algumas palavras do texto não faziam parte do nosso vocabulário anteriormente à leitura. (BASÍLIO, 2007, p. 7).

Essa reflexão corrobora a ideia de que a criatividade lexical é um mecanismo inato aos falantes das línguas naturais e não carece de consciência para se realizar de formas variadas, tanto a partir dos leitores/ouvintes, na interpretação do neologismo, quanto dos escritores/falantes, na produção da nova palavra. Gonçalves (2016b) concorda com Basílio (2007), ao afirmar que “Muitas palavras novas são criadas por esquemas de formação que os usuários dominam inconscientemente.” (GONÇALVES, 2016b, p. 9). Assim, qual a necessidade em se tratar esse tema quando dominamos sua prática de maneira tão espontânea, sem precisar conhecer suas nomenclaturas e explicações?

Ainda que o conceito de neologismo pareça claro, decorrente da composição entre os radicais gregos “neo” (novo) e “logos” (noção), sua definição motiva divergências várias entre teóricos e mostra-se tão complexa quanto o próprio conceito de palavra (CORREIA; ALMEIDA, 2012). É possível que essa mesma opacidade conceitual explique o quanto estudos relacionados aos neologismos mostram-se raros, possibilitando-nos uma grande abertura para abraçar o tema como objeto desta pesquisa. Considerando-se o fenômeno de criação lexical em um contexto mais amplo, para além do *status* de ferramenta esporádica ou dos limites da criação de palavras por vias morfológicas, e motivados por sua ocorrência frequente na vida linguística dos falantes, temos por pergunta a orientar-nos neste estudo: *como se configuram as práticas neológicas na criação lexical cotidiana — em gêneros escritos de ampla circulação na internet e nos âmbitos urbanos —, considerando-se suas particularidades processuais em nível semântico, morfológico, sintático e fonológico?*

Assim, este trabalho tem por objetivo compreender os processos de neologismos como manifestações constantes de atualização linguística, presentes naturalmente no cotidiano do falante. Para engajamento desse propósito, devemos percorrer antes alguns objetivos específicos, a saber:

- Investigar papéis de componentes semânticos, morfológicos, sintáticos e fonológicos nas unidades lexicais neológicas;
- Compreender as complexidades que envolvem o neologismo como expensor do léxico e, em consequência, atualizador constante da própria língua em várias instâncias;

- Distinguir, esclarecer e relacionar os efeitos do neologismo, como fenômeno de criatividade e produtividade lexical.

Das lentes teóricas elencadas para este estudo, traremos argumentos e descrições veiculadas por autores de duas grandes áreas da linguística — a linguística cognitiva e a linguística gerativa — além de outros autores de vertentes variadas cujas obras demonstraram atenção ao tema, a fim de possibilitar uma discussão rica em perspectivas. A razão que nos leva a privilegiar a linguística gerativa e a cognitiva em nosso aporte dá-se pela forma como autores integrantes dessas vertentes privilegiaram por si só os estudos relacionados a uma morfologia direcionada à criatividade/produtividade lexical, em vias de elaborar sistemas abstratos de representação à formação de novas palavras. Naturalmente, dentro desse escopo, serão abordados os conceitos de léxico, palavra, construção, neologia, neologismo, além de outros, indispensáveis para uma compreensão ampla do objeto de estudo e suas adjacências.

Dentro do recorte teórico aqui proposto, o quadro gerativista remeterá aos conceitos e possibilidades de produtividade lexical articulados principalmente por Basílio (1980, 2007, 2010) e Aronoff (1976), com suporte adicional em Katamba (1993), Kenedy (2013), Hermont e Lima (2010), Rocha (1998), Rosa (2000), Scalise (1986) e Xavier e Morato (2014). A base da linguística cognitiva girará em torno da morfologia construcional, idealizada por Booij (2010; 2013) e trabalhada por Gonçalves (2016a, 2016b, 2019) no contexto do português brasileiro, com leituras de apoio na gramática construcional de Goldberg (1995; 2006), em Bybee (2010), Cavalcante e Souza (2010), Ferrari (2011), Oliveira (2010) e Langacker (1987, 2008, 2009).

Autores inscritos em perspectivas outras serão também evocados, diante de duas circunstâncias: 1) sua atenção ao fenômeno neológico; 2) sua atenção aos processos formativos de palavras. São eles: Alves (1994), Bechara (2009), Biderman (1987), Correia & Almeida (2012), Ferraz (2006, 2008), Jackendoff (2002), Mattoso Câmara Jr. (1984), e Sandmann (1991).

Pretende-se partir da literatura teórica mencionada para se estabelecer um paralelo concreto entre os critérios da linguística gerativa e da linguística cognitiva relativa à produção de novas palavras, mediante as concordâncias e divergências destas a respeito da criatividade lexical, em detalhes processuais (representados por regras ou esquemas) e práticos, no tratar de nossa amostra. Essa interação teórica será então aplicada a dados coletados entre 2019 e 2020, em Belo Horizonte, a fim de nos permitir sistematizá-los, quantificá-los e qualificá-los. Os dados, colhidos estes por meio de fotos, filmagens, “printagens” por celular ou computador, serão compostos por neologismos escritos, realizados nos seguintes contextos:

- (a) Gêneros escritos de ampla circulação na internet: memes, tirinhas, charges, anúncios, *banners*, publicitários, literários, comentários, entre outros “quase gêneros” veiculados em redes sociais, como nomes de perfis;
- (b) Gêneros escritos e suportes de visibilidade corriqueira no cenário urbano de Belo Horizonte: publicitários, anúncios, *banners*, faixas, cartazes, *outdoors*, placas, pichações, grafites, fachadas, jornais, adesivos de carro, embalagens de produtos, etc.

A escolha por um *corpus* escrito não é por acaso: ela justifica-se não só pela praticidade de registro e por compor uma fonte mais crível, como pela condição mais favorável à ocorrência de neologismos.

Segundo Basílio (2007),

existe um fator que favorece a formação de novas palavras na língua escrita: o fator tempo. Quando falamos, existe uma pressão bastante forte do fator tempo — o interlocutor exige certa rapidez no fluxo da fala e, via de regra, a atenção não é mantida quando esse fluxo é interrompido ou lento demais, como acontece, por exemplo, com pessoas que estão aprendendo uma língua estrangeira e ainda não atingiram um bom nível de proficiência.

Por esse motivo, a situação de fala não é um espaço adequado para experimentações. Assim, apesar da informalidade que caracteriza a fala coloquial, a formação de palavras novas é mais rara na língua falada do que na língua escrita. (BASÍLIO, 2007, p. 95).

Dessa forma, parafraseia-se que a condição comunicativa da produção escrita e da produção falada trabalham a criatividade lexical de maneiras diferenciadas, centradas nos efeitos mais imediatos característicos de cada modalidade. Enquanto a produção falada caracteriza-se por ser mais dinâmica, espontânea e improvisada, e se usa de um acervo lexical mais confortável para atender à urgência do ato, a produção escrita caracteriza-se por ser mais estática, consciente e planejada, permitindo ao neologista elaborar e compor palavras estrategicamente.

Para Basílio (2007), existem duas razões claras que favorecem a maior ocorrência de novas palavras na escrita, em vez da fala. A primeira dessas razões envolve “a rapidez exigida no ato da fala, assim como a necessidade de garantia de um bom resultado da comunicação.” (BASÍLIO, 2007, p. 95). Isso nos possibilita refletir o neologismo não só na perspectiva de quem o cria, falando/escrevendo, mas também na perspectiva de quem o “cria” em posição do ouvinte/leitor. O leitor também é favorecido pelo “fator tempo” para acessar os aparatos linguísticos como competente da língua, a fim de mobilizar os processos necessários para compreensão de uma palavra ou unidade lexical que seja novidade a seu acervo léxico. Por

outro lado, o ouvinte está tão sujeito às urgências da língua em modalidade oral quanto o falante e, em razão disso, a utilização de neologismos nesse contexto é menos emergente, substituída pelo emprego de unidades lexicais mais comuns.

A segunda razão pressupõe que “a língua falada tem menos exigências do que a língua escrita em relação à forma de enunciados” (BASÍLIO, 2007, p. 96). Isto é, enquanto a linguagem oral dispõe de uma série de elementos extralinguísticos, como gestos, olhares, prosódias, expressões faciais e dêixis, a linguagem escrita deve bastar-se, em maior parte, no próprio texto em sua proposta de sentido — o que torna o neologismo um ferramentário útil para potencializar a comunicação (dada a correta dedução de que seu interlocutor possui os conhecimentos linguísticos necessários para resolver o neologismo sugerido).

Contudo as razões de nossa escolha por trabalhar com o fenômeno neológico em sua realidade escrita não o afirma como desimportante ou ausente na modalidade oral. O neologismo ocorre em ambos os escopos, obviamente, porém, esta proposta favorece a modalidade gráfica por critérios nada mais que práticos, em função de um registro mais sistematizável na lida com nosso objeto e nas reflexões consequentes advindas de seu estudo.

Por fim, a título de antever o decorrer deste trabalho, nosso trajeto se iniciou até aqui esclarecendo a premissa abordada e sua importância, bem como os objetivos da pesquisa, um breve panorama acerca da literatura de apoio e a metodologia para coleta, quantificação e qualificação dos dados. No capítulo segundo, daremos salto ao mergulho teórico previsto, buscando partida nas perguntas básicas “O que é léxico?”, “O que é palavra?” e “O que é neologismo?”, sob perspectivas teóricas mais gerais a princípio. No capítulo terceiro, abordaremos tipos de formação de novas palavras comumente levantados na literatura sobre neologia. Questões relevantes permearão esses dois primeiros capítulos teóricos, como a diferença entre composição e derivação, classes abertas e classes fechadas, descrição de processos de formação de neologismos concatenativos e não concatenativos, expressões idiomáticas como unidades lexicais não composicionais, entre outras discussões que se façam necessárias. No capítulo quarto, traremos panorama respectivo à linguística gerativa e à linguística cognitiva, a fim de compreender como ambas abordam a morfologia e a criatividade lexical em seus quadros teóricos. Apresentaremos também os diferentes modelos abstratos de representação que ambas as teorias praticam no tratamento da produção lexical: as Regras de Formação de Palavras (RFPs), no caso da morfologia gerativa, e os esquemas cognitivos, no caso da morfologia construcional. No capítulo quinto, demarcaremos o processo metodológico de coleta, seleção e tratamento dos dados, detalhamentos sobre a perspectiva sincrônica de nossa pesquisa, além das vantagens de se trabalhar nesta sob uma abordagem científica por viés

hipotético-dedutivo. No capítulo sexto, trabalharemos a descrição, explicação e reflexão sobre os dados, em análises parciais (por processo formativo e por neologismo) e em análise geral, partindo das considerações realizadas em nossa revisão de literatura e da aplicação paralela dos sistemas representativos elencados da linguística gerativa e cognitiva. No capítulo sétimo, pretende-se sumarizar os pontos mais importantes da análise efetivada, a ponto de refletir sobre o neologismo e a criatividade lexical em suas devidas importâncias a partir de confirmações, refutações e novas questões suscitadas pelo exercício de pesquisa.

2 LÉXICO, PALAVRA E NEOLOGISMO

Este capítulo tratará um percurso claro de categorias correlatas para se compreender os entornos teóricos do fenômeno neológico e ele próprio, a partir das respectivas questões:

- (a) O que é léxico?
- (b) O que é palavra?
- (c) O que é neologismo?

Em seguida, abordaremos as duas questões iniciais, expondo seus conceitos pelas perspectivas teóricas pronunciadas na introdução, antes de nos aprofundarmos na terceira, que é mais saliente à pergunta-problema deste estudo e concentrará o sumo de nossas reflexões acerca do neologismo.

2.1 Conceito(s) de Léxico

De acordo com Ferreira (2009), o léxico pode ser definido pelas seguintes acepções: “**S.m.1.** Dicionário de línguas clássicas. **2.** Dicionário dos vocábulos us. por um autor ou por uma escola literária; *lexicon*. **3.** Dicionário abreviado. **4.** P. ext. Dicionário. **5.** *E. ling.* O vocabulário de uma língua [...]” (FERREIRA, 2009, p. 1202, grifo do autor). Apesar de a maioria dos significados se relacionarem à noção lexicográfica de “dicionário”, cabe ao interesse deste trabalho entender o léxico em implicações linguísticas que vão além da grafia. Portanto, tomaremos por ponto de partida para o nosso estudo a quinta acepção — a de que o léxico é um conjunto de vocábulos de um idioma específico.

A depender da vertente teórica, muitas vezes esse conjunto de vocábulos é tido como uma espécie de depósito mental, onde seriam armazenadas as palavras e seus respectivos traços linguísticos. Kenedy (2013), apesar de inscrever-se na linguística gerativa de Chomsky, aponta influências do estruturalista Saussure no modo como o léxico vem sendo interpretado de modo geral pelos linguistas: “o repositório das irregularidades e das idiossincrasias da linguagem” (KENEDY, 2013, p. 135). Tais irregularidades e idiossincrasias seriam as unidades lexicais (morfemas, palavras, expressões idiomáticas), criadas sem motivação direta à ligação entre o significante e o significado; convencionadas pela sociedade extralinguisticamente (SAUSSURE, 2006). Kenedy ressalta ainda que “os falantes de uma língua natural devem memorizar, sem recurso a qualquer tipo de algoritmo mental, a convenção sociocultural que determina a associação dentre dado conjunto de sons e certo significado.” (KENEDY, 2013, p. 135). Basílio (1980), também conhecida por sua investida linguística voltada ao gerativismo,

diz que o léxico se trata de uma competência linguística do ser humano, capaz de abarcar os seguintes postulados:

- a) O conhecimento de uma lista de entradas lexicais; b) o conhecimento da estrutura interna dos itens lexicais, assim como relações entre os vários itens; c) o conhecimento subjacente à capacidade de formar entradas lexicais gramaticais novas (e, naturalmente, rejeitar as agramaticais). (BASÍLIO, 1980, p. 9).

Para Jackendoff (2002), cuja teoria da arquitetura paralela caminha entre a linguística gerativa e a linguística cognitiva, o léxico é o “armazenamento de palavras na memória de longo prazo do qual a gramática constrói frases e sentenças” (JACKENDOFF, 2002, p. 130, tradução nossa).¹ Segundo o autor, entre as interfaces realizadas na arquitetura da linguagem, o léxico seria um ponto de interação entre múltiplas áreas da linguística, como a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica. O autor, em discussão do conceito, traz à tona o léxico na perspectiva de Chomsky (1965) — como um repositório de todas as palavras conhecidas por um falante (CHOMSKY, 1965 *apud* JACKENDOFF, 2002) — e na perspectiva de Bloomfield (1933) — como um repositório de todas as características não previsíveis das palavras (BLOOMFIELD, 1933 *apud* JACKENDOFF, 2002).

Em uma perspectiva básica, o léxico seria um acervo de morfemas, palavras, expressões idiomáticas ou qualquer unidade de sentido não divisível usada como matéria-prima da prática linguística. Ainda que os conceitos de léxico não divirjam tanto entre várias vertentes teóricas, sua processualidade pode assumir teores mais ou menos profundos, em relação à mente humana e à memória, conforme a abordagem.

O que nos interessa neste trabalho vem do fato de que o léxico, mais do que um depósito de unidades lexicais, prova ser também um verdadeiro laboratório mental que permite ao falante não só analisar as palavras como experimentá-las, decompô-las e criar novas palavras, a partir dos processos assimilados. De acordo com Kenedy (2013), na perspectiva gerativista, essa armazenagem — de produtos e de processos lexicais — ocorre de modo tácito, pela e na mente do indivíduo, para ser acessada por nosso sistema computacional, a sintaxe, no instante em que se pratica a língua

Correia e Almeida (2012) comentam que:

¹ “*the lexicon is the store of words in long-term memory from which the grammar constructs phrases and sentences.*” (JACKENDOFF, 2002, p. 130).

o léxico de uma língua é entendido, de forma genérica, como o conjunto de todas as palavras que dela fazem parte. Porém, por trás da simplicidade dessa definição, esconde-se um sem-número de problemas e de questões de difícil resposta no momento em que pretendemos quantificar o léxico. (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 11, grifo nosso).

De fato, tal definição, notadamente sumária, coocorre na voz de muitos outros autores, porém torna-se vaga no instante em que envolve o conceito de “palavra” em seu argumento, dito pelas mesmas autoras como uma definição problemática, apesar de aparentar simplicidade (CORREIA; ALMEIDA, 2012). Ainda, essa concepção breve sugere o léxico como uma lista ou depósito de produtos lexicais prontos e, por isso, não se enquadra no escopo de nosso trabalho, pois não abre espaço à criação neológica: fosse o léxico uma lista pronta de palavras, como o falante criaria ou formaria neologismos, e de modo tão espontâneo? Faz-se necessário pontuar que, conforme elucida Katamba (1993), “o léxico não é simplesmente uma longa, desestruturada lista de palavras. Não é o caso de que cada palavra em uma língua seja única. Em vez disso, muitas propriedades fonológicas, morfológicas e semânticas são compartilhadas por várias palavras” (KATAMBA, 1993, p. 264, tradução nossa).²

As “palavras”, nesse sentido, carregam um número de traços que as levam além da condição de produto, integrando-as aos próprios processos lexicais criativos. Tal ponto entra em acordo com a perspectiva de Jackendoff (2002), em que a armazenagem mental do léxico abarca não só todas as unidades lexicais produzidas, mas também as operações sistemáticas processadas na elaboração dessas unidades, em níveis fonológicos, semânticos, morfológicos e, embora não citados pelo autor, possivelmente sintáticos.

Também inscrito na teoria gerativa, Scalise (1986) traça a distinção do conceito de léxico entre o estruturalismo e a gramática gerativa da seguinte forma:

o léxico, no início, foi concebido simplesmente como uma lista de formativos lexicais, enquanto hoje é pensado como tendo uma complexa estrutura interna, capaz de comandar uma vasta variedade de fenômenos. Por esta razão que a organização do léxico tornou-se uma parte importante da teoria da gramática. (SCALISE, 1986, p. 1, tradução nossa).³

² “[...] *lexicon is not simply a long, unstructured list of words. It is not the case that each word in a language is unique. Rather, many phonological, morphological and semantic properties are shared by numerous words.*” (KATAMBA, 1993, p. 264).

³ “[...] *the lexicon, in the beginning, was conceived of simply as a list of lexical formatives, while today it is thought of as having a complex internal structure which is capable of handling a wide variety of phenomena. It is for this reason that the organization of the lexicon has become an importante part of theory of grammar.*” (SCALISE, 1986, p. 1).

Assim, pode-se pensar o léxico como um conjunto de unidades lexicais — morfemas, palavras, expressões idiomáticas — bem como um conjunto dos processos formativos envolvidos na construção, desconstrução e reconstrução destas unidades; mas não só — existe uma organização muito específica por trás de todo esse acervo, indexada de maneira perfeita a corresponder aos processamentos da prática linguística em toda sua urgência, seja como falante ou ouvinte da língua. Como Kenedy afirma, “as informações conceituais e linguísticas que são armazenadas no léxico de uma língua, ainda que sejam arbitrariamente criadas, encontram-se organizadas na mente humana de maneira sistemática e coerente.” (KENEDY, 2013, p. 135).

No âmbito da linguística cognitiva, não encontramos conceitos dedicados à discussão do léxico em nossa literatura de consulta, porém algumas de suas reflexões nos permitem construir deduções a respeito. Gonçalves (2016b), experiente em aplicar e refletir o modelo de morfologia construcional de Booij (2010), no contexto da língua portuguesa no Brasil, nos apresenta a gramática de construções de Goldberg (1995, 2006), contrapondo-a com a noção de signo saussureana. Segundo o autor: “por signo, na Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006), entendem-se quaisquer estruturas linguísticas, de qualquer nível, não havendo, portanto, separação dos chamados componentes da gramática, como no gerativismo.” (GONÇALVES, 2016b, p. 21). Tal perspectiva anti-morfêmica e holística, própria da linguística cognitiva, demonstra que a percepção do léxico para o autor e sua vertente teórica assume instâncias outras, tão complexa como a noção gerativa, por considerar o processamento mental na construção simbólica do signo — porém vê o signo como “um todo”, desparticionado. Além disso, de acordo com Michaelis e Lambrecht (1996), citados pelo autor, dentro do âmbito da gramática de construções, podemos perceber uma perspectiva cognitiva de léxico que o concebe muito mais como “um mapa do que uma lista de compras” (MICHAELIS, LAMBRECHT, 1996, p. 216 *apud* GONÇALVES, 2016b, p. 21). O inventário de construções de um indivíduo é estruturado, correlacionado e complexo em diversas camadas, todas motivadas em algum grau por padrões, generalizações e ligações interindependentes (MICHAELIS; LAMBRECHT, 1996 *apud* GONÇALVES, 2016b).

Apesar da diferença entre perspectivas, a noção de construção pode ser aplicada com semelhanças à noção de unidade lexical exatamente pela tentativa de trabalhar o objeto linguístico de maneira não atomizada, una, coeso por partículas, mas coerente apenas quando observado de um plano maior, indissociável do menor. Também colaborando com uma perspectiva cognitivista do léxico, Jackendoff (2002) confirma que uma de suas abordagens que ganhou forças foi a de que nele não estão contidos apenas os itens lexicais reais da língua, mas também esquemas mais abstratos pelos quais esses itens podem “herdar” propriedades,

como uma rede intrincada entre esses itens. Ou seja, itens lexicais e processos participariam do repositório léxico, relacionados e indissociáveis em uma mesma trama. Retornaremos à noção de herança, própria da gramática de construções, no capítulo quatro.

A título de exemplificar e exercitar essa perspectiva, podemos considerar Booij (2010), parafraseado por Gonçalves (2016b):

Generalizações morfológicas não podem ser reduzidas ou compreendidas apenas por meio da sintaxe ou da fonologia, ou seja, existe uma gramática morfológica relativamente autônoma, apesar de integrada aos demais níveis linguísticos, num *continuum* léxico-sintaxe (Booij, 2010 *apud* Gonçalves, 2013, p. 29).

Dessa forma, para a linguística cognitiva, ainda que o foco de determinada análise necessite concentrar-se em dado nível linguístico, como a morfologia, a independência desta, enquanto lente de abordagem, relaciona-se a outros níveis — seja sintático, semântico, lexical, fonológico —, aos quais é integrada por natureza.

Prosseguiremos então para a discussão do conceito de palavra sob o seguinte entendimento acerca do conceito de léxico: uma rede de unidades e processos lexicais relacionados ou não semântica, fonológica e morfossintaticamente, conforme abordagem cognitiva ou gerativa.

2.2 Conceito(s) de Palavra

Diversos teóricos compartilham a ideia de que o conceito de palavra é complexo, apesar de sua aparente simplicidade (BASÍLIO, 2007; CORREIA; ALMEIDA, 2012; GONÇALVES, 2019; ROCHA, 1998; ROSA, 2000). O senso comum entende a palavra pelo critério fonológico, como uma unidade sonora, seja em fala, por meio das pausas sutis da pronúncia, ou em representação escrita, na qual essas pausas mostram-se de forma mais marcada nos intervalos entre letras. Porém o critério fonológico da palavra tem uma realidade por vezes psicológica e subjetiva; as características prosódicas de cada falante e suas variações impedem a sistematização e padronização da palavra (ROSA, 2000).

Segundo Basílio (2007),

A palavra é uma dessas unidades linguísticas muito fáceis de reconhecer, mas difíceis de se definir. Na língua falada, o problema ocorre por que não é natural fazer uma pausa depois de cada palavra pronunciada. Daí a dificuldade em definir onde uma palavra começa e a outra termina.

Já na língua escrita, não temos esse problema e podemos definir palavra como qualquer sequência que ocorra entre espaços e/ou sinais de pontuação. (BASÍLIO, 2007, p.13).

Sobre a mesma dificuldade em delimitar as palavras fonologicamente, Rosa (2000) diz que a fala espontânea muitas vezes apaga as fronteiras entre as palavras, produzindo contínuos sonoros. Percebe-se dessa forma que, ao nos debruçarmos sobre um possível conceito de palavra mais assertivo, devemos adotar critérios no mínimo binários⁴ para favorecer a tomada da palavra como objeto de estudo mais concreto. Nas palavras de Basílio (1980), “a palavra é uma unidade linguística básica, facilmente reconhecida por falantes em sua língua nativa.” (BASÍLIO, 2007, p. 14), o que nos remete a um conceito mais intuitivo que descritível, ao menos sob uma perspectiva gerativista. De outra forma, mesmo uma criança, seja ela alfabetizada ou não, pode reconhecer o que é uma palavra, ainda que não consiga explicar o que ela seja (ROSA, 2000). Existe uma facilidade natural dos falantes de uma língua em notar as fronteiras fonológicas entre palavras, por mais assonantes que elas sejam em sua execução fonética.

Segundo Rosa (2000),

A despeito do contínuo sonoro presente na oralidade, os falantes conseguem abstrair parte das características físicas de um enunciado e desenvolver, a partir da mais tenra infância, algum tipo de estratégia que lhes permite segmentar esse contínuo em unidades menores, com base no ritmo do input nativo, seja ele acentual, silábico ou moraico. (ROSA, 2000, p. 73).

Ainda assim, a realidade perceptiva dos falantes nativos de uma língua pode ser subjetiva a ponto de nem sempre uma manifestação fonológica ser abstraída da mesma forma. Conforme Katamba (1993),

A suposição de que as línguas contêm palavras é tomada por garantia pela maioria das pessoas. Mesmo falantes analfabetos sabem que há palavras em seu idioma. Verdadeiramente, às vezes, há diferenças de opinião quanto a quais unidades devem ser tratadas como palavras. Por exemplo, falantes do inglês podem não concordar se *all right* é uma palavra ou duas e, como resultado, disputas podem ocorrer em relação a *alright* como a forma certa de se escrever *all right*. Porém, em geral, as pessoas podem facilmente reconhecer uma palavra de sua língua quando veem ou ouvem uma.

⁴ Como, por exemplo, a noção saussureana de signo: som e significado (SAUSSURE, 2006).

E normalmente seus julgamentos sobre o que é e o que não é uma palavra coincidem. (KATAMBA, 1993, p. 17, tradução nossa).⁵

No português brasileiro, por exemplo, não é raro encontrar falantes que entendam a expressão “de repente” como uma palavra e falantes que a entendam como duas; é uma variação que tem reflexo principalmente na representação da palavra escrita, assim como poderia ser dito de outras expressões adjuntas, como “com certeza”, “a partir” e “em cima”. Importa considerar, entretanto, que as intuições dos falantes com relação ao que é uma palavra geralmente são consensuais dentro de uma mesma língua, de maneira natural.

Rocha (1998), inscrito na teoria gerativa, como Basílio (2007) e Rosa (2000), adota o conceito de palavra de Meillet: “Uma palavra resulta da associação de um sentido dado a um conjunto dado de sons, susceptível de um emprego gramatical dado.” (MEILLET *apud* ROCHA, 1998, p. 69). Desse modo, a palavra abarca a combinação de três identidades: a) Identidade semântica; b) Identidade fonológica; c) Identidade funcional (sintática). Essa concepção tripartida de palavra é recorrente na teoria linguística, e parece ampliar a concepção bipartida que Saussure (2006) atribuía ao signo, no qual pareava-se significado a significante (respectivamente, sentido e som).

A palavra composta por três partes também é abarcada, a título de exemplo, por Jackendoff (2002): “É amplamente aceito que uma palavra deve ser considerada como uma associação da memória de longo prazo de características fonológicas, sintáticas e semânticas.” (JACKENDOFF, 2002, p. 130, tradução nossa).⁶ Mais que isso, o autor ressalta também que o item lexical é uma associação complexa de estruturas, não só de características.

Rocha (1998) desenvolve, a partir dessas três características, o critério de distinção de identidades para definir comparativamente se dois ou mais itens lexicais são o mesmo. Considere os exemplos de sentenças a seguir de (1) a (3) e os pares de itens lexicais em negrito, usados pelo próprio autor para explicação do procedimento de diferenciação de palavras (ROCHA, 1998, p. 70):

(1) Este **menino** é muito esperto.

Este **garoto** é muito esperto.

⁵ “The assumption that languages contain words is taken for granted by most people. Even illiterate speakers know that there are words in their language. True, sometimes there are differences of opinion as to what units are to be treated as words. For instance, English speakers might not agree whether all right is one word or two and as a result disputes may arise as to whether alright is the correct way of writing all right. But, by and large, people can easily recognise a word of their language when they see or hear one. And normally their judgements as to what is or is not a word do coincide.” (KATAMBA, 1993, p. 17).

⁶ “It is widely agreed that a word is to be regarded as a long-term memory association of phonological, syntactic, and semantic features.” (JACKENDOFF, 2002, p. 130).

(2) A **manga** de sua camisa está rasgada.

Esta **manga** está docinha.

(3) Não pude **olhar** para você

O seu **olhar** é penetrante.

No par (1), “menino” e “garoto”, nota-se sinonímia clara entre ambas. Logo a identidade semântica é a mesma. Nos dois casos, as unidades são substantivos em posição de sujeito, concordando também em identidade funcional, mas distintas na identidade fonológica. Não é preciso de tanto para saber que “menino” e “garoto” não são a mesma palavra, porque elas diferem no critério mais perceptível pelo falante nativo, como aqui já dito: o fonológico (ROCHA, 1998).

No par (2), “manga” e “manga”, as unidades lexicais conciliam-se em identidade fonológica, por serem de pronúncia idêntica, em identidade funcional, como sujeitos da oração, mas colidem no caso da identidade semântica. Logo as unidades lexicais marcadas no par (2) também não seriam a mesma palavra, no entendimento de Rocha (1998).

No par (3), “olhar” e “olhar”, de acordo com Rocha (1998), a identidade fonológica das unidades lexicais coincide, bem como a semântica. Entretanto o par difere com maior relevância na identidade funcional: atuando como verbo na primeira oração e como substantivo na segunda. Portanto, as unidades do par (3) não seriam a mesma palavra.

Note que essas distinções trabalhadas no par (2) e no par (3) são muito sutis ao senso comum e muitas pessoas considerariam os itens lexicais destacados como uma mesma palavra, favorecido pela identidade fonológica.

Apesar de Rocha (1998) estabelecer assim um critério válido para distinção de palavras, o autor não considera itens lexicais polissêmicos (como gírias), metáforizações e lexicalizações como novas palavras. Segundo o autor, “nesse caso não estamos criando um novo item lexical, mas apenas usando uma palavra em sentido figurado.” (ROCHA, 1998, p. 68). Abordaremos essas ocorrências de extensão semântica diferentemente mais adiante, pois o neologismo semântico, conforme nos apresenta Alves (1994), é uma realidade muito produtiva no português brasileiro, em especial nos vocabulários gíriáticos.

Correia e Almeida (2012) definem o termo “palavra” como sinônimo a “unidade lexical”, num sentido mais amplo, e a configuram como “uma forma, um *significante* (sequência de sons, de grafemas — na língua escrita; sinal — na língua de sinais), ao qual associamos, de forma estável, um *padrão flexional*, uma *categoria morfossintática* e um

significado ou conjunto de significados relacionados.” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 12). As autoras elencam ainda um último critério para o conceito, dizendo: “a palavra típica é aquela, no discurso escrito, corresponde a uma sucessão de caracteres delimitados por espaços em branco (a chamada *palavra gráfica*).” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 12).

O conceito de Correia e Almeida elenca critérios muito similares à definição de palavra trazida por Rocha, mas utilizando-se de termos estruturalistas: o significante como critério fonológico, o padrão flexional e a categoria morfossintática como critérios funcionais, o significado como critério semântico. No entanto, a construção do conceito toca alguns pontos que merecem atenção.

Ao dizer que o significante deve ser associado ao padrão flexional, à categoria morfossintática e ao significado, de modo estável, corre-se o risco de serem desconsideradas variações por vezes assistemáticas de uma palavra, como neologismos semânticos advindos de polissemia, metáfora, metonímia, entre outros. Todos esses eventos, ocorrentes na dimensão do significado, são um tanto quanto instáveis, imprevisíveis, em razão das instâncias extralinguísticas envolvidas, mas não deixam de serem fonte de novas palavras por isso.

Um segundo ponto recai sobre a consideração exclusiva do critério gráfico para formar o conceito de palavra, nesse caso a palavra gráfica. Ainda que o *corpus* deste trabalho seja trabalhado na modalidade escrita, não levaremos apenas critérios gráficos para compreender o que é palavra e o que não é; optaremos por nos concentrar na realidade linguística representada pela grafia, não pela grafia em si. A título de exemplo, “otiodomeupai” não será tomada como uma única palavra apenas por não dispor de espaços gráficos entre suas unidades lexicais.

Uma terceira consideração sobre o conceito de Correia e Almeida (2012) para palavra é que sinonimizá-la com unidade lexical é prático, também o faremos nesta pesquisa, no entanto, devemos levar em conta que isso leva muitas outras noções para dentro da palavra “palavra”. As próprias autoras incluem no escopo de palavra/unidade lexical: compostos sintáticos, locuções, “unidades infralexicais” (raízes, afixos) e expressões idiomáticas (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 12). Em uma utilização mais precisa, o conceito de item, entrada ou unidade lexical é de caráter ulterior à palavra, que vai além. Jackendoff (2002), ainda que ciente do frequente uso intercambiável entre os termos, ressalta a diferença entre itens lexicais e palavras, evidenciando alguns contrastes:

O argumento a ser buscado aqui é que, sob a definição de itens lexicais como uma unidade armazenada na memória de longo-prazo,

- Itens lexicais podem ser maiores ou menores que palavras gramaticais.
- Nem todas as palavras gramaticais são itens lexicais.
- Há itens lexicais complexos que não contêm material fonológico. (JACKENDOFF, 2002, p. 154, tradução nossa).⁷

Para Jackendoff (2002), uma expressão idiomática ou um padrão sentencial cristalizado, como “Feliz aniversário!”, seriam itens lexicais maiores do que palavras, dada sua composicionalidade indireta, com variação nula ou muito específica e lexicalizada. Já um morfema e qualquer flexão constituiriam itens lexicais menores do que palavras, armazenados na memória de longo prazo como padrões derivacionais prontos para serem aplicados em palavras, conforme necessidade à atuação da morfologia produtiva. De outra forma, um falante, ao aprender uma palavra nova teria de armazenar à memória cada uma de suas variações separadamente; o que, na realidade do complexo sistema verbal do português, por exemplo, seria impraticável e exigiria um esforço mental considerável (JACKENDOFF, 2002).

Bechara (2009) retrata a palavra também dividindo-a em três identidades que, apesar de serem apresentadas sob terminologias distintas, tratam de três características que se aproximam das apontadas por Rocha (1998). Para o autor, “a palavra está constituída, indissolúvelmente (a separação só se faz para efeito de análise e estudo), de uma base fônica e de duas formas semânticas, a gramatical e a lexical, conhecidas pelo nome técnico *morfema*.” (BECHARA, 2009, p. 334, grifo do autor).

Dessa forma, a base fônica de Bechara (2009) corresponderia à identidade fonológica, enquanto a forma gramatical e a forma lexical corresponderiam respectivamente às identidades funcional e semântica. No entanto, o autor relaciona essas duas identidades obrigatoriamente a um morfema. Sob essa perspectiva, como seriam explicadas e diferenciadas as variações semânticas de uma palavra e de neologismos que não dependessem de morfemas ou mudança regulares na forma para se realizar?⁸ Bechara (2009) também enquadra o aspecto funcional e o aspecto de significado de uma palavra dentro da categoria semântica, relegando a esta as

⁷ “The argument to be pursued here is that, under the definition of lexical item as a unit stored in long-term memory,

- Lexical items may be larger or smaller than grammatical words.
- Not all grammatical words are lexical items.
- There are complex lexical items that contain no phonological material.” (JACKENDOFF, 2002, p. 154).

⁸ Vide os exemplos: “Pesquei uma truta imensa” e “Truta, chega mais, deixa eu te dar uma ideia”. Sob a perspectiva de palavra apresentada por Bechara (2009), o que diferenciaria a “truta” peixe da gíria “truta” compreendida por “camarada”? Não existem morfemas envolvidos nessa e em outras variações semânticas, conhecidas, de acordo com a sensação de novidade, por neologismos semânticos (ALVES, 1994).

funções sintáticas de uma palavra; tal perspectiva proporciona estranhamento, frente às outras abordagens que já trouxemos aqui, mas aproxima-se da perspectiva da linguística cognitiva, que discutiremos em seguida.

Frente a todas essas e outras perspectivas preocupadas em delimitar o conceito “palavra”, a gramática cognitiva confia a ela uma descrição menos discreta e a inclui no escopo do termo “construção”. Não só palavras, mas expressões idiomáticas e padrões sintáticos/gerais da língua seriam unidades convencionais de forma e função semântica-pragmática; todas essas seriam construções linguísticas (GONÇALVES, 2016b).

Basílio (2010), ainda que parta da teoria gerativa em suas abordagens teóricas mais influentes, explica:

Na perspectiva da Gramática Cognitiva, tanto os itens lexicais quanto as construções sintáticas são estruturas simbólicas convencionais; as formas derivadas são unidades simbólicas complexas, assim como os compostos, as expressões, e assim por diante. Todas essas unidades podem ser analisadas em suas estruturas de formação. Segundo Langacker (2000), a gramática corresponde a padrões de composição, que tomam a forma de esquemas construcionais. Estes padrões, no conjunto, sancionam a acumulação progressiva de expressões de qualquer tamanho e grau de complexidade simbólica. Assim, **deixa de ser crucial a questão de determinar, por exemplo, se um composto é ou não uma palavra**; ou se uma construção é composta ou prefixada: em todos os casos, trata-se de unidades simbólicas complexas convencionais (BASÍLIO, 2010, p. 8, grifo nosso).

Assim, percebemos que a linguística cognitiva trabalha uma noção muito básica de palavra, quase intuitiva, e preocupa-se não em defini-la, mas com o que ela faz como unidade simbólica, que, complexa ou não, consegue promover significados em moldes socialmente convencionados. Isto é, a unidade simbólica (ou construção) efetiva-se mais pelo seu significado em uso que pela dimensão de sua forma. Gonçalves (2019) observa justamente que não existe ainda uma concepção plena e universal para palavra e apresenta o termo, em sua perspectiva de trabalho, como uma unidade lexical (lembrando que toda palavra é uma unidade lexical, mas nem toda unidade lexical é uma palavra), em outros termos,

uma sequência fônica que se associa, de modo relativamente estável, a um conjunto de

- (a) significados;
- (b) propriedades sintáticas (função na frase);
- (c) propriedades morfológicas (variações formais);
- (d) determinações de uso (informações pragmáticas). (GONÇALVES, 2019, p. 26).

Percebemos, no conceito de Gonçalves, a reiteração das identidades fonológica, semântica e sintática como constituintes da palavra, adicionadas de propriedades morfológicas

e pragmáticas. Considerando que as propriedades morfológicas dizem respeito à gramática interna das palavras e as sintáticas à gramática externa, das sequências de palavras (ROSA, 2000), a natureza organizacional aproxima tais propriedades sob um mesmo escopo (a morfossintaxe), principalmente se levarmos em consideração os morfemas como unidades lexicais — a morfologia seria uma sintaxe dos morfemas. O que emerge como novidade frente a todos os conceitos trazidos até este ponto são as determinações de uso como parte da palavra, ou seja, as propriedades pragmáticas. Para a linguística cognitiva, o significado baseia-se no uso e na experiência, logo é plausível que a pragmática seja relevante na constituição da palavra por Gonçalves (2016a, 2016b, 2019).

Além de trazer mais critérios ao conceito de palavra, o autor exclui de sua classificação artigos, pronomes, conjunções e preposições — instrumentos gramaticais,⁹ tratados na perspectiva de Gonçalves como apenas vocábulos e não palavras. Para diferenciar ambos, Gonçalves (2019) ressalta:

Palavras têm significado lexical porque fazem referência a fatos do mundo biopsicossocial: entidades concretas ou abstratas, atributos ou processos do mundo cotidiano (significação chamada de externa). Vocábulos, por sua vez, têm significado gramatical (ou interno), pois estão na base das relações e categorias da língua. (GONÇALVES, 2019, p. 17).

Apesar de salientar a diferença, Gonçalves cita Monteiro (1987, p. 12) para propor que toda palavra é um vocábulo, mas nem todo vocábulo é uma palavra. Dada a irregularidade do conceito, nosso entendimento por vocábulo se dará baseado na perspectiva de Alves (1994), como uma “unidade léxica pertencente a um vocabulário.” (ALVES, 1994, p. 90). Assim, compreenderemos o vocabulário como um item lexical armazenado no léxico, tenha ele significado lexical, como as palavras de classe aberta, ou gramatical, como as palavras de classe fechada (ROSA, 2000). Essa abordagem justifica-se em razão de que mesmo instrumentos gramaticais, ao menos no modo como são compreendidos pelos autores da bibliografia consultada, podem ser base para novas palavras, ainda que de modo esporádico.¹⁰

Antes de refletirmos sobre as construções, cujo destaque nos estudos morfológicos da linguística cognitiva engloba a palavra, cabe esclarecermos sobre as categorias trazidas no

⁹ Segundo Rocha (1998), “Instrumentos gramaticais são palavras que não apresentam raiz. Os artigos, as preposições, as conjunções e os pronomes relativos são exemplos de instrumentos gramaticais.” (ROCHA, 1998, p. 73).

¹⁰ Como exemplos, podemos citar “euzinha” (pronome), “para casa” (preposição), “ademais” (preposição), “entrecortar” (preposição).

último parágrafo, classe aberta e classe fechada, bem como suas variações: formas livres, dependentes e presas.

Segundo Rosa (2000), as classes abertas de palavras corresponderiam aos nomes, verbos, adjetivos e advérbios, unidades que dispõem de significado lexical e favorecem maior criatividade/produzibilidade de novas unidades. As classes fechadas seriam compostas por palavras funcionais, “índices de propriedades gramaticais que fazem a diferença entre as línguas.” (ROSA, 2000, p. 108).

A autora exemplifica as classes fechadas enumerando diversas possibilidades de itens lexicais¹¹ de significado apenas gramatical, dentre elas: proformas, elementos qu-, clíticos, marcadores, determinantes, classificadores, auxiliadores, cópulas, predicadores, conjunções, completizadores, relativizadores, adverbializadores, preposições, posposições, interjeições e ideofones (ROSA, 2000). Isentaremos-nos de detalhar cada uma dessas subcategorias, visto que nos é importante uma explicação plausível, mas de extensão equilibrada. A importância da distinção entre esses dois tipos de classe é diretamente ligada à produtividade de novas palavras.

Sobre classes abertas e fechadas, Gonçalves (2019) diz que

As formas linguísticas podem ser distribuídas em dois grandes grupos: as que caracterizam um sistema aberto e aquelas que correspondem a um sistema fechado. No primeiro caso, tem-se um inventário flexível, capaz de receber novos membros em função da cultura. [...] No segundo caso, tem-se um conjunto mais rígido, fixo, constituindo um número limitado de elementos. (GONÇALVES, 2019, p. 20).

Estabelecendo um paralelo com as categorizações formais bloomfieldianas, Gonçalves (2019) relaciona a classe aberta à forma livre e a classe fechada à forma presa, além de também à forma dependente, elaborada por Mattoso Câmara Jr. (1984). De acordo com este, as formas livres correspondem às palavras que funcionam isoladamente, no geral, aquelas de significação lexical e independência de outras partículas; as formas presas são aquelas que apenas funcionam em conjunto com outras, como os afixos; as formas dependentes não são livres, por comporem relação obrigatória com outra forma, e também não são presas, por disporem de certa mobilidade para ser posicionada antes, entre ou depois da forma à qual é relacionada — são, basicamente, os clíticos (MATTOSO CÂMARA JR., 1984).

Rocha (1998) substitui a terminologia de formas por entradas lexicais, e as descreve sob a mesma divisão de Mattoso Câmara Jr. (1984), especificando novas categorias dentro das três classificações (aberta, fechada e dependente). O autor divide as entradas lexicais abertas entre

¹¹ Itens lexicais por estarem armazenados no léxico, não por terem significado lexical.

lexemas, “palavras que apresentam uma ou mais raízes”, e vocábulos dêiticos, “os pronomes (em sua maioria) e alguns advérbios”, sem raiz e que, segundo o autor, não serviriam para base formação de palavras (ROCHA, 1998, p 64). As entradas lexicais dependentes funcionam similarmente às formas dependentes de Mattoso Câmara Jr. (1984) e as entradas lexicais fechadas dividem-se entre bases, afixos, desinências e vogais temáticas; todas elas partículas geralmente não utilizadas de maneira desvinculada de outras formas.¹²

A partir dessas perspectivas, podemos, de modo mais amplo, compreender as palavras de classe aberta como itens lexicais mais aptos a serem criados e recriados para cumprir necessidades de expressão da língua em caráter de novidade. No entanto, o enquadramento de uma palavra em uma classe aberta ou fechada nem sempre é claro, sobretudo sua previsibilidade como elemento de potencial criativo na língua.

Ao observarmos o advérbio como classe aberta, por exemplo, dificilmente teremos neologismos e novas palavras que não por meio do sufixo **-mente**. Da mesma forma, a classificação fechada não cabe ao advérbio, por sua significação ser mais de caráter lexical que gramatical (ROSA, 2000). Raramente, também, podemos nos deparar com produtividade lexical entre palavras de classe fechada, como no caso de preposições cuja amálgama é percebida em algumas formações de palavras, das quais podemos trazer como exemplo **contrafactualidade**, **conformismo**, **entrecortar**, **sobresalto**, **para casa**, **adeus**.

Para complementar a discussão sobre categorização lexical da palavra, Rosa (2000) fala sobre o sistema de categorias elaborado por Noam Chomsky, no qual um elemento é caracterizado pela combinação de dois traços: a) N, caracterizado por ter caso e papel temático, com maior função nominal; b) V, caracterizado por atribuir caso e papel temático, com maior função verbal (CHOMSKY *apud* ROSA, 2000). O sistema de categorias lexicais de Chomsky atribui os dois traços, de forma negativa ou positiva, na caracterização de uma categoria lexical, como abaixo:

- Nomes: [+N, -V]
- Verbos: [-N, +V]
- Adjetivos: [+N, +V]
- Preposições: [-N, -V]

Os critérios chomskyanos para classificar itens lexicais trabalham uma lógica compreensível, pois não é complexo conceber nomes como categorias mais próximas de

¹² Salvo algumas bases de palavra, quando passam por processo de truncção, como no caso de “**hidro**terapia” na frase “Você vai na **hidro** hoje?” (GONÇALVES, 2019, p. 149).

nomear elementos do mundo (concretos ou abstratos), ao mesmo tempo em que toca pouco no caráter de atividade verbal. Da mesma forma, o contrário também é aplicável ao refletirmos sobre o verbo. Adjetivos, como uma ponte entre as duas funcionalidades, orientam tanto a referencialidade de algo quanto seu comportamento verbal, de atividade no mundo. As preposições, enquanto instrumentos da língua, de significado não lexical, se afastam claramente dos dois traços.

Embora esta seja uma discussão interessante, suas relações com a criatividade lexical não apresentam destaque para que a prolonguemos. Ao avaliarmos os traços negativos ou positivos, não é possível prever aspectos relevantes da criatividade lexical, exceto talvez que os itens de traços [-N,-V] parecem se mostrar os menos produtivos entre todos esses.

Em contrapartida, na linguística cognitiva, essas mesmas classes consideradas por Chomsky são delineadas pelo processo de “perfilamento” (*profiling*), a partir de suas funcionalidades: a) o substantivo tem perfil nominal, por evidenciar “coisas”, sem necessitar de outras referências; b) o verbo tem perfil relacional, por indicar “processos” em que a relação entre entidades é evidente, com sua natureza argumental; c) Adjetivos, advérbios e preposições também têm perfil relacional, mas não são processuais. Ainda assim, na linguística cognitiva, também se assume que a diferenciação entre as classes de palavra nem sempre se prova nítida (OLIVEIRA, 2010).

Em suma, a classificação aberta ou fechada de uma palavra influencia diretamente em sua produtividade, sem que isso represente, porém, restrições absolutas.

Até esse ponto, percebe-se a atomização da perspectiva gerativa em relação à noção de palavra e item lexical: ambas são construídas pela junção de partículas (morfemas, sintagmas). Diferentemente do gerativismo e do estruturalismo, que concebem as unidades lexicais composicionalmente, parte a parte, a linguística cognitiva as concebe não composicionalmente, de modo gestáltico, independente dessas unidades se realizarem em uma palavra primitiva ou em uma expressão idiomática (GONÇALVES, 2016b; OLIVEIRA, 2010).

Basílio (2010) aponta paralelos entre o lexicalismo gerativista e o lexicalismo cognitivista, destacando eficiências analíticas da linguística cognitiva não alcançadas pela teoria gerativa. Como exemplo de justificativa para essa tese, a autora cita a relevância que a perspectiva cognitivista atribui à semântica, área da linguagem sempre relegada a planos secundários pela teoria gerativa (BASÍLIO, 2010). Essa mesma opinião da linguística gerativa como uma teoria não semântica é corroborada por Ray Jackendoff (2002), cuja crítica ao sintatocentrismo de Chomsky percorre toda sua proposta linguística da arquitetura paralela, que busca trabalhar a semântica, a sintaxe, a fonologia e suas interfaces em um mesmo nível.

Segundo Oliveira (2010), o significado é tido pela gramática cognitiva como elemento crucial da linguagem em uso. De acordo com a autora, o Requisito do Conteúdo é um princípio ontológico da gramática cognitiva, “segundo o qual todas as unidades linguísticas são significativas”. (OLIVEIRA, 2010, p. 108). Tal princípio compete, por exemplo, com a afirmativa de Jackendoff (2002) sobre a existência de itens lexicais “defectivos”, isentos de significado, como os instrumentos gramaticais; no entanto, isso traz em voga o próprio significado do que vem a ser “significado”, tópico sobre o qual não nos prolongaremos. Levaremos em consideração apenas a perspectiva de que um item lexical (armazenado no léxico) que não tenha significado lexical terá significado gramatical, mesmo que tenha dependência de outros itens para ser efetivo na língua (ROSA, 2000).

Compreendida como um dos modelos a integrarem a gramática cognitiva, a gramática construcional de Goldberg (1996; 2006) aproxima-se da abordagem linguística gerativa, mas apenas no sentido de que ambas refletem a língua como um sistema cognitivo. Segundo a autora, construções existem em toda língua e são classificadas como “pareamentos de forma com função semântica ou discursiva, incluindo morfemas ou palavras, expressões idiomáticas, padrões sintagmáticos [ou frasais] lexicais preenchidos parcial ou totalmente.” (GOLDBERG, 2006, p. 5, tradução nossa).¹³ Nota-se aqui certa semelhança com o conceito de item lexical, porém devemos compreender que, enquanto o item lexical delimita um único composto de forma, significado e sintaxe no enunciado, a construção percorre suas várias camadas (GOLDBERG, 2006).

A título de exemplo, observemos a sentença:

(4) José queimou o bolo.

É possível delinear em (4) oito construções distintas, sendo elas:

- (a) Uma construção transitiva direta.
- (b) Uma construção de sintagma nominal (José).
- (c) Uma construção de sintagma verbal (queimou o bolo).
- (d) Uma construção de determinante definido (o).
- (e) Uma construção singular.
- (f) Três construções “palavras”: José, bolo, queimou.

¹³ “[...] pairings of form with semantic or discourse function, including morphemes or words, idioms, partially lexically filled and fully general phrase patterns.” (GOLBERG, 2006, p. 5).

As construções, por terem como base a forma (uma identidade fonológica) e a função prática (uma identidade com interfaces entre a semântica e a sintaxe), entremeiam a linguagem em uma vasta possibilidade de relações, cujo aspecto pragmático pode efetivar-se em níveis muitos distintos da linguagem.¹⁴ Para Gonçalves (2016b), as construções realizam-se como “interseções de níveis diferentes da língua organizadas hierarquicamente por meio de ligações por herança em uma espécie de rede ou teia.” (GONÇALVES, 2016b, p. 23).

As relações que configuram as heranças de uma construção podem se dar por polissemia, extensão metafórica, subparte, instanciação ou *default*. Essas relações por herança servem de suporte à criação de esquemas, capazes de prever e descrever os padrões estruturais e conceituais por trás de uma construção e de suas convenções sociais, mesmo em dimensões teóricas aparentemente atômicas, como a morfologia. Dessa ideia, chegamos ao modelo de morfologia construcional, elaborado por Booij, cuja aplicação direciona-se às construções que interessam à análise de nosso estudo: na dimensão da palavra e de sua formação (GONÇALVES, 2016b).

A morfologia construcional de Booij percebe os processos formativos de palavra, seja por derivação, por composição ou qualquer outro, como semelhantes entre si, de fronteira sutil, e busca comprovar que a distinção entre um e outro processo não é crucial para o entendimento da formação da referida construção lexical (GONÇALVES, 2010). A partir dos esquemas de representação construcional, é possível perceber padrões morfológicos de forma mais livre e ao mesmo tempo sistematizável, mas não restritivamente, sob o teor de regras e descrições estritas; os padrões são medidos de forma gradativa, com foco nas relações e características aproximadas dos processos formativos envolvidos (BASÍLIO, 2010).

Neste estudo, o âmbito do conceito de construção ao qual nos ateremos será o da palavra, pois o objeto de nosso trabalho, o neologismo, realiza-se neste. Consideraremos nesse escopo também palavras compostas e pequenas expressões idiomáticas, cuja composicionalidade seja indireta, indivisível, e de isolamento impraticável de suas partes individuais sem prejuízo à identidade semântica. No *corpus* recolhido para este estudo, alguns exemplares que se enquadram nessa classificação seriam: “pipipi popopo”, “dez barra dez”, “zé droguinha” e “de boas”. Tal escolha reflete-se em razão de muitas vezes palavras compostas por justaposição serem relacionadas ao símbolo gráfico do hífen, quando a integralidade semântica é o aspecto

¹⁴ As identidades semânticas e sintáticas estariam presentes na função prática de uma construção de forma una, holística e não independente. Sob essa perspectiva, torna-se possível justificar temas espinhosos à teoria gerativa, como a derivação imprópria, no qual uma palavra migra de uma classe para outra. Por exemplo: “Não sei como lidar com isso” (“lidar” é verbo), “O lidar com esse tema carece de cuidado” (“lidar” é substantivo). Percebe-se que o que motiva a conversão do termo destacado é seu caráter semântico e pragmático.

mais marcante dos itens em questão. Há poucas diferenças de segmentação fonética entre sexta-feira e sexto sentido, mas, apesar de ambas apresentarem estruturas idênticas de justaposição, ao serem avaliadas por critério gráfico, a primeira é considerada palavra composta e a segunda não, quando as duas são integrais em significado e de baixa composicionalidade.

De acordo com Mattoso Câmara Jr. (1984),

a chave da solução [para o dilema entre locução e compostos por justaposição] está na possibilidade, para a locução, e **na impossibilidade**, para o composto por justaposição, **de se suprimir um dos elementos (o qualificador) sem maior prejuízo ou verdadeira subversão do que se quer dizer** (MATTOSO CÂMARA JR., 1984, p. 71, grifo nosso).

Logo estenderemos nossa noção de palavra composta por justaposição, considerando pequenos idiomas dentro desse viés. Em adição, compreenderemos enclíticos fora dessa classificação, como formas dependentes, de acordo com o próprio Mattoso Câmara Jr. (1984), e por isso palavras distintas das quais são vinculadas.¹⁵

Frente às perspectivas apresentadas e refletidas sobre os conceitos de “palavra”, a compreenderemos pela seguinte via, em tentativa de conciliar algumas relevâncias entre tantas abordagens teóricas: uma unidade simbólica da língua composta na relação de suas características fonológica, morfossintática e semântica, baseada no uso. Percebe-se assim uma aproximação do conceito tripartido, discutido por Rocha (1998) e Jackendoff (2002), porém com atenção em entender componentes em sua interindependência e sua rede de heranças, como em uma construção, mas com limites dimensionais, a ponto de nos permitir recortar realidades lexicais não sentenciais, até o limite de expressões idiomáticas curtas. Em seguida, abordaremos diferentes conceitos para a categoria chave de nosso estudo: os neologismos.

2.3 Conceito(s) de Neologismo

Ter ciência do conceito de palavra nos permite compreender os conceitos de neologismo com maior praticidade, no entanto, ainda é um percurso nebuloso sua sistematização na língua, bem como a assimilação de suas motivações, tanto no âmbito de seu uso prático, quanto na explicação dos processos acionados pelo falante/ouvinte neologista.

Para as autoras Correia e Almeida (2012), o neologismo

¹⁵ Por exemplo, em um de nossos exemplares neológicos, “mulhere-se”, o pronome “-se” será tomado por segunda palavra, formando identidade semântica própria, além daquela que se manifesta no verbo “mulherar”.

é uma unidade lexical cuja forma significante ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efetivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior do código da língua.

Dessa definição, decorrer que os neologismos podem constituir palavras formalmente novas, palavras preexistentes que adquirem um novo significado, ou, ainda, palavras que passam a ocorrer em registros linguísticos nos quais não costumavam ocorrer. (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 23).

Há uma ressalva acerca dessa definição que importa ao nosso estudo. Dizer que uma unidade lexical¹⁶ é neológica por não ter ocorrido em estágio imediatamente anterior da língua é dizer que unidades de estágios ainda mais anteriores, ao retornarem para o escopo sincrônico da língua, podem ser denominadas neologismos. Nesse caso, optaremos por tratar o resgate de uma palavra antiga à atualidade como arcaísmo em vez de neologismo (BECHARA, 2009). O caráter neológico de uma palavra refere-se, etimologicamente, a uma “nova noção”, uma palavra que mostre novidade e mudança significativa em pelo menos uma das características discutidas na seção anterior. Logo uma palavra que seja resgatada de estágios prévios da língua e mantenha tais identidades intactas não é nova, apesar de seus falantes terem “sensação de novidade” (cujo aspecto psicológico será abordado adiante). Assim, preferimos seguir o entendimento neste trabalho de que uma palavra é neológica por não ter ocorrido em “nenhum” estágio anterior da língua com as mesmas identidades fonológica, morfossintática e semântica.

Por outro lado, o conceito de Correia e Almeida (2012) é coerente para tratar variações semânticas das palavras como possibilidades de neologismo, isto é, uma palavra que adquire novos significados, perdendo seu significado inicial, é neológica para as autoras. Rocha (1998) parece discordar dessa abordagem, argumentando que a extensão de significado não corresponde à criação lexical, caracterizando apenas linguagem “metafórica”, “polissêmica” ou lexicalização (ROCHA, 1998). No entanto, levar tal argumento de modo estrito contraria o próprio conceito tripartido de palavra adotado pelo autor: a extensão de significados pode pressupor mudança considerável na identidade semântica, logo é passível de originar novas palavras ao considerarmos os critérios elencados por Rocha. Por isso, corroboramos as ideias de Correia e Almeida (2012) nesse sentido, pois é uma realidade verificável que nem sempre os processos de criação lexical são fruto de procedimentos estruturais morfológicos ou fonológicos.

Os neologismos semânticos são fenômenos frequentes de criatividade lexical e abarcam com predominância, por exemplo, os vocabulários geriátricos (ALVES, 1994). Além de Correia

¹⁶ Lembramos aqui que as autoras optam por utilizar “palavra” e “unidade lexical” como termos sinônimos (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 12).

e Almeida (2012) e Alves (1994), Basílio (2007) e Rosa (2000) também reconhecem o neologismo semântico como processo criativo relevante e frequente na produção de novas palavras. Para a linguística cognitiva, o termo neologismo é raramente mensurado no tratar com a formação de palavras (a morfologia), mas, considerando-se que a gramática cognitiva evidencia ainda mais a importância da semântica na linguagem (contrapondo-se às teorias gerativista e estruturalista, nas quais os autores mencionados se inscrevem), é plausível considerar que neologismos semânticos são de importância (BASÍLIO, 2010; CAVALCANTE, 2010; FERRARI, 2011; GOLDBERG, 2006; GONÇALVES, 2016b; OLIVEIRA, 2010; SOUZA, 2010).

Bechara descreve o neologismo como a criação de palavras motivada pela necessidade cultural, científica ou comunicativa de um modo geral (2009), enquanto autores inscritos na teoria gerativa, Basílio (2007), Rosa (2000) e Rocha (1998), o definem tão simplesmente por uma nova palavra da língua, preferindo tratar o fenômeno sob a terminologia de criação/formação de palavras. Alves (1994) esclarece a neologia de modo geral como processo de criação lexical, do qual o neologismo, uma nova palavra, é resultante como produto. Gonçalves (2016), inscrito na linguística cognitiva, raramente presta definição específica do termo “neologismo”; contudo, nas práticas de análise de construções do autor, acreditamos haver consonância entre o modo como a linguística cognitiva entende o neologismo e as outras vertentes aqui discutidas. Sobretudo, os processos de formação lexical discutidos pelo autor centram-se em diversas construções da atualidade, muitas delas ainda não lexicografadas e recorrentes em contextos midiáticos da comunidade digital (GONÇALVES, 2016a, 2016b, 2019).

No entanto, ainda que já tenhamos refletido sobre as concepções de “palavra”, o que podemos ou não entender por “nova” é responsável por diferenciar “neologismo” de “formação de palavras”. Podemos dizer que grande parte dos neologismos pressupõe formação de palavras,¹⁷ mas não que grande parte das formações de palavras pressupõe neologismos. A formação de palavras é um processo e constitui uma realidade estrutural que acompanha tanto palavras novas quanto usuais, ainda que sua origem possa se perder sincronicamente. O neologismo é um produto em um estado temporário, até que este perca sua evidência no meio em que circula ou que seja institucionalizado, perdendo o caráter de “novidade” (ALVES, 1994; ROCHA, 1998). Como diz Alves (1994), o neologismo de uma palavra é uma fase.

¹⁷ Neologismos semânticos, por exemplo, escapam à morfologia, motivados mais por processos de extensão conceptual, como metáfora e metonímia, que por procedimentos estruturais (GONÇALVES, 2016b).

O que faz uma palavra “nova” no acervo lexical de uma comunidade linguística? A combinação de dois critérios específicos serão base para nossa definição de “nova” para palavra: o sentimento de novidade e a lexicografia (ALVES, 1994; BASÍLIO, 2007, 2019; BECHARA, 2009; CORREIA; ALMEIDA, 2012; GONÇALVES, 2019; ROCHA, 1998; ROSA, 2000; SANDMANN, 1991).

Sobre o sentimento de novidade ou sentimento de neologia, Alves (1994) diz que, “ao criar um neologismo o emissor tem, muitas vezes, plena consciência de que está inovando, gerando novas unidades léxicas, quer pelos processos de formação vernaculares, quer pelo emprego de estrangeirismos.” (ALVES, 1994, p. 83). Percebe-se que essa noção de novo é muito mais imediata por parte daquele que produz o neologismo, porém o mesmo não pode ser dito daquele que o interpreta. Mesmo que pessoas de uma mesma comunidade linguística tendam a concordar no sentimento de novidade ao interpretar um neologismo, o caráter psicológico pode trazer variantes dificultadoras à regularidade do conceito.

O sentimento de novidade com relação a uma palavra é ressaltado por Correia e Almeida (2012) quando definem o neologismo como “uma unidade lexical que é **sentida** como nova pela comunidade linguística num determinado momento” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 22, grifo nosso). Entretanto as autoras ressalvam que, devido à subjetividade envolvida, esse “sentimento de novidade” não é suficiente para uma investida científica eficiente no objeto neologismo. Se nos ativermos a tal critério de modo literal, a sistematização de neologismos iria se tornar precária, senão banalizada, ao lidarmos, por exemplo, com variações linguísticas de caráter vocabular. Um sujeito que conheça o “chupe-chupe” mineiro e se depara com a variante carioca “sacolé” ou a variante nordestina “flau” não estaria deparando-se com neologismos, pois, por mais que as palavras gerem nesse indivíduo um sentimento de novidade, para os cariocas e nordestinos esse sentimento não ocorre. Da mesma forma, ao seguir apenas o critério de sentimento, vocabulários gíriáticos também seriam potenciais de uma profusão de neologismos, sobretudo em grupos linguísticos pequenos; por mais que palavras fossem consideradas novitativas fora desse grupo, mas usuais em seu meio de origem.

O critério lexicográfico vem se mostrando muito eficiente como base de pesquisas sobre neologia por parte das comunidades científicas, principalmente se combinado a outros filtros, como o critério de sentimento (SÁEZ, 2009). Ainda assim, deve haver ressalvas no tratar com possibilidades de neologismos advindos de variações informais da linguagem. Esses neologismos populares raramente obtêm dicionarização nos dicionários de instituições oficiais; principalmente porque a praticidade dos processos neológicos em flexibilizar a comunicação pode resultar em produtos de diferentes longevidades (ALVES, 1994; ROCHA, 1998).

Os neologismos podem ter “vida curta”, com a duração de uma única conversa ou manchete de jornal, como uma estratégia instantânea de comunicação criativa. No entanto, dado seu impacto comunicacional, um neologismo pode se tornar uma palavra frequente em um grupo específico, um jargão em uma comunidade profissional, uma “piada interna” entre um círculo de amigos. Quando o uso de uma nova palavra assume graus de difusão diferenciados em uma grande comunidade linguística, a ponto de tornar-se de uso frequente e geral, o neologismo pode ser institucionalizado, com consequente dicionarização. Porém é importante perceber que atualmente, frente à dinamicidade das comunicações em ambiente virtual, muitos neologismos emergem tão rápido quanto caem em desuso, não longevos o suficiente para serem institucionalizados. O potencial de institucionalização de um neologismo é imprevisível, devido à multiplicidade de fatores implicados no processo (ROCHA, 1998).

Logo percebe-se que a funcionalidade da lexicografia como critério para identificação de neologismos deve ser praticada com comedimento, uma vez que nenhum registro lexicográfico é competente o suficiente para acompanhar a tempestividade com que a língua se atualiza em seu léxico. Segundo Basílio (2019),

palavras da língua são aquelas que aparecem listadas nos dicionários. Isso é menos simples do que parece, na medida em que os dicionários, sendo responsáveis pelo registro das ocorrências que permanecem na língua, só podem efetuar esse registro muito tempo depois de as palavras estarem sendo usadas, o que significa que qualquer dicionário sempre está defasado em relação às palavras da língua. (BASÍLIO, 2019, p. 13).

Dessa maneira, neologismos esporádicos não costumam sobreviver o suficiente para serem lexicografados e perdem evidência rápido, a ponto de seu único registro, ainda que informal, ser a memória da comunidade linguística de uso. Dessa forma, uma palavra pode deixar de ser neológica (ou novidade) em determinado grupo, sem tornar-se dicionarizada. No mesmo caso, se encaixariam os neologismos gíriáticos, compreendido que muitos deles surgem como palavras coloquiais, atravessam a fase neológica e se estabilizam em um grupo sem necessitar de lexicografia. Em suma, neologismos ocasionais e gírias podem não ser captados pela lexicografia, devendo ser balizados unicamente pelo critério de novidade no meio em que se origina.

Entre exemplos de uso do critério lexicográfico na abordagem científica de neologismos, podemos citar Alves (1994), que pesquisou exemplos neológicos na imprensa brasileira nos anos finais da década de 80 e teve por base o Novo Dicionário da Língua

Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, (FERREIRA, 1986 apud ALVES, 1994), dito pela autora a referência lexicográfica mais completa da época.

Correia e Almeida (2012, p. 26) também utilizam a lexicografia como *corpus* de exclusão, definindo-os como “um conjunto de dados que servirão para verificar o caráter neológico dos dados recolhidos”. De acordo com as autoras, esses dados correspondem a um conjunto de dicionários recentes, que representem o léxico mais atual da língua, citando como exemplos a 4ª edição do Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, o Aurélio Online e a 1ª edição do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (CORREIA; ALMEIDA, 2012).

Nesta pesquisa, a título de exemplo, elencamos o seguinte grupo de obras lexicográficas para avaliar o potencial neológico das palavras coletadas, conforme registros: o Vocabulário Ortográfico de Língua Portuguesa — VOLP (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2009), o Dicionário Priberam (2020), o Novo Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2009) e o Dicionário Informal *online* (2020), este último para observância de palavras informais.

A literatura sobre neologismo não dispõe de uma bibliografia vasta e torna-se um desafio, senão uma motivação para este trabalho, reunir perspectivas outras que o abordem diretamente. A dificuldade maior do pesquisador da neologia é reunir literaturas que adotem a terminologia “neologismo” em si e tenham esta por foco. Em geral, encontram-se fontes bibliográficas sobre temas adjacentes ao fenômeno da neologia, como a formação de palavras, explorada na morfologia com classificações um tanto unânimes ou aproximadas, mesmo em vertentes teóricas distintas (BASÍLIO, 2007, 2019; GONÇALVES, 2016a, 2019; ROCHA, 1998; ROSA, 2000).

Na bibliografia da pesquisa em neologia, encontra-se muito sobre o perfil processual do léxico (a formação de palavras, a extensão semântica), mas pouco sobre o produto lexical e sua fase de novidade (a ascensão de novas palavras). Talvez isso se justifique: a) pela classificação do “novo”, um tanto espinhosa por seu caráter subjetivo e necessitado de critérios adicionais para evitar relativizações exacerbadas; b) pelo caráter social, heterogêneo e muitas vezes assistemático da criação lexical.

Afora das teorias gerativa e cognitiva, concentração desta dissertação, podemos contar ainda com a abordagem de alguns outros autores sobre o neologismo, de maneira complementar. Biderman (1978) assera que “o *neologismo* é uma criação vocabular nova, incorporada à língua. Distinguem-se dois tipos de neologismos: 1) o neologismo conceptual e 2) o neologismo formal.” (BIDERMAN, 1978, p. 158). Por neologismo conceptual, podemos compreender os neologismos semânticos (de extensão de significado), enquanto o neologismo

formal destacado por Biderman corresponde à formação vernacular de nova palavra, por processos morfológicos nativos da própria língua, ou adoção de estrangeirismos na língua.

Lapa (1987), ao discutir sobre criatividade lexical, também define o neologismo relacionando-o aos empréstimos linguísticos:

Apesar da abundância do vocabulário, a língua necessita constantemente de criação de novas formas expressivas. Esses novos meios de expressão, inventados por quem fala e escreve um idioma, são chamados neologismos. O estrangeirismo [...] provém deste desejo, absolutamente legítimo e fecundo, de novas criações. Por necessidade, preguiça, comodidade ou gosto artístico, o escritor, não tendo em casa expressão idônea, vai buscá-la às línguas estrangeiras. Logo, os estrangeirismos não são mais do que uma das formas do neologismo. (LAPA, 1998, p. 45).

Não somente, Lapa (1998) especifica que o neologismo parte de processos comuns de formação de palavras ou de novas significações a palavras conhecidas, acrescentando que a “criação absoluta” é de cunho eventual, raro. Recorrem aqui os processos morfológicos, a extensão semântica e o estrangeirismo como processos neológicos, além de nova menção à raridade das criações *ex-nihilo*.

A autora Ferraz (2006) concorda com a definição de Alves (1994), de que um neologismo é um elemento resultante do processo de criação léxica, referindo-se a autores diversos para relacionar ao conceito a importância do sentimento de novidade pela comunidade (REY, 1976), da inclusão da nova unidade ao uso corrente ou socioprofissional (BOULANGER, 1989) e do neologismo caracterizado por: a) formação recente; b) nova aceção de palavra; c) item lexical emprestado há pouco do sistema de outra língua (CABRÉ, 1993). As três frentes teóricas convocadas pela autora reforçam categorias já referidas neste trabalho, como o critério de novidade, e outras, a par de aprofundamento nas seções próximas, como a perspectiva pragmática no neologismo, o neologismo semântico e o estrangeirismo. Segundo Ferraz (2008), os neologismos, como novas unidades linguísticas, são ocorrências naturais como o desuso de itens lexicais obsoletos. Contudo é questionável se a mesma frequência em se criarem novas palavras vale para o número de palavras que deixamos de usar, a não ser pelos próprios neologismos esporádicos, os quais podem perder-se rapidamente da frequência léxica em uma determinada comunidade e não alcançar institucionalização ou lexicografia (BASÍLIO, 2007; ROCHA, 1998).

Em outro trabalho, Contiero e Ferraz (2014, p. 46) alegam que a língua expande-se lexicalmente por meio dos “neologismos lexicais, que tanto podem ser uma unidade de formação recente, uma aceção nova de uma forma lexical já existente ou ainda empréstimo lexical do sistema linguístico de outra língua natural”. Recorrem aqui, respectivamente, o papel

da criação morfológica tida como nova, da extensão semântica e do estrangeirismo como processos de inovação lexical. Tais categorizações, cuja frequência é perceptível até aqui, justificam-se nas teorias que tratam sobre a neologia pelo caráter sistematizável, embora haja limite à previsibilidade de como um neologismo funciona. É possível atribuir às criações morfêmicas de neologismos certa sistematicidade, bem como os estrangeirismos de mesma natureza, entretanto os neologismos semânticos se apresentam um tanto instáveis, nesse sentido.

A título de exemplo, é plausível e previsível perceber que a maioria das palavras de significado lexical (senão todas) podem sofrer extensão semântica, originando um neologismo semântico, no entanto, é imprevisível o conhecimento de qual extensão há de se realizar. Não há exatidão para prevermos quais metáforas/metonímias envolverão os itens lexicais, assim como não é possível prever todas as prováveis situações de uso destas, combinadas a todas variáveis relacionadas.

Souza (2015), cuja pesquisa centra-se na análise funcional de neologismos e lexicalizações em *corpus* digital, propõe o seguinte:

[...] neologismo será toda e qualquer unidade lexical formada a partir de uma forma/função que foi motivada a existir, ou seja, é uma criação icônica, constituída em suprimento de lacuna de um signo linguístico no multissistema. Este elemento é formado com o material linguístico existente na própria língua ou advindo de outros idiomas, formados a partir de empréstimos linguísticos ou estrangeirismos modificados. (SOUZA, 2015, p. 73).

Em outras palavras, o neologismo é compreendido por Souza (2015) como um composto de forma e função¹⁸ originado da carência por um item lexical “exato” — a lacuna —, próprio para atender a uma demanda específica de expressão linguística. Além disso, essa unidade seria formada também sistematicamente, pelos processos morfológicos usuais, por empréstimos linguísticos ou por uma combinação entre esses. É interessante, no entanto, dizer que é possível que nem sempre a motivação para criatividade neológica seja uma “lacuna”, pois, muitas vezes, há alternativas não necessariamente inovadoras de itens lexicais para suprir a comunicação efetiva, e a escolha por um neologismo efetiva-se mais por estilização que por necessidade nomenclatural ou terminológica.

Essa escolha de um falante por utilizar neologismos em vez de expressões já conhecidas da língua pode relacionar-se, por exemplo, com o vocabulário gíriático, cuja origem muitas

¹⁸ Similar ao conceito de construção, à luz da linguística cognitiva, o que abre espaço para considerarmos também expressões idiomáticas e outros padrões sintáticos no mesmo escopo (GOLDBERG, 1995; GONÇALVES, 2016b).

vezes parte de extensões semânticas. Quando um adolescente exerce essa criatividade lexical se expressando na variação linguística de seu grupo, a função do novo termo criado pode vincular-se à necessidade de criar e reforçar determinada identidade em vez de criar uma forma para suprir um componente fonológico de significado “x”. De acordo com Nunes (2012), a gíria se caracteriza justamente por se tratar de um vocábulo capaz de identificar determinado grupo social, surgindo por adição ou substituição de significado em um termo já existente no léxico comum — ambos processos de extensão de significado. Em consonância com esse raciocínio, Cabello (2002) elucida a gíria como uma linguagem especial, que “surge para satisfazer necessidades advindas da formação de grupos restritos, compostos de falantes que tenham interesses comuns. Dessa forma, [...] serve como **instrumento de identidade** e de defesa social do grupo que a utiliza” (CABELLO, 2002, p. 177, grifo nosso).

Embora a temática giriática tenha potencial e lugar considerável no âmbito da pesquisa lexicológica, cabe aqui relacionarmos-la diretamente com o escopo da neologia. Nesse sentido, ainda sobre a gíria, Cabello (2002) diz que

a característica de renovação constante dá à gíria o estatuto do neologismo, por fornecer à língua comum grande contingente de vocábulos novos, que são, na maioria das vezes, altamente expressivos. Assim, a gíria pode ser considerada fonte de produção de novas palavras, criadas como verdadeiros neologismos ou como atribuição significativa nova a uma palavra já existente. (CABELLO, 2002, p. 178).

Outra vez, é perceptível o endosso à extensão semântica como neologismo, embora o argumento de a gíria ser neologismo **ou** ser uma nova atribuição de significado a uma palavra possa ser simplificado: a gíria é, a princípio, um neologismo semântico. A princípio, porque as gírias podem ser estabilizadas no vocabulário de seus grupos sociais de origem e perder o caráter novitativo, isto é, ser tão recorrente em seu ambiente de uso, que deixa de ser nova ali, por mais que não alcance registro lexicográfico. Assim, há gírias que não são necessariamente neologismos, mas que já foram na fase inicial de seu histórico de ocorrências, *e.g.* o vocativo “véi”, o uso de “doido” com o sentido adjetivo de algo ser interessante, o “filé/filezinho” para elogiar pessoas atraentes — todas gírias comuns aos adolescentes belo-horizontinos, nascidos ao fim dos anos 80, de estrato social baixo/médio, mas cujo caráter neológico não se faz mais tão presente nesta terceira década do século XXI.¹⁹

É possível que a distinção sutil realizada por Cabello (2002) entre verdadeiros neologismos e palavras com novos significados (e, conseqüentemente, novos usos) atrela-se à

¹⁹ Camada social à qual se inclui o autor deste estudo. Seguem exemplos em uso dos termos mencionados: (1) “**Véi**, não acredito que ‘cê fez isso.’”; (2) “O filme Matrix é **doido** demais!”; (3) “Sua prima é o maior **filé**, hein!”.

própria conceituação de neologismo/neologia trabalhado pela autora. Em outra obra, o conceito de Cabello (1991) para neologismo não destoa dos conceitos outros que exploramos até aqui, caracterizado por ser possibilidade de criação lexical, seja a partir das regras formativas (neologismo formal) ou do emprego de uma nova acepção em uma palavra conhecida (neologismo semântico), no entanto, as três fases determinadas por Cabello para o neologismo nos trazem necessidade de reflexão. A autora aborda, de forma geral, que o neologismo surge como estrangeirismo, torna-se peregrinismo à medida que sua recorrência aumenta, até ser considerado empréstimo, quando seu uso atinge a lexicografia. Embora essas etapas expressem relevância no caso de itens lexicais surgidos a partir de sistemas linguísticos alheios à língua original de determinado acervo léxico, optaremos por não conceber estrangeirismo/empréstimo como fases do neologismo, mas sim como tipos de neologismos, a serem descritos e exemplificados no capítulo de processos formadores de palavras. Propor essas categorias como etapas do neologismo pressupõe que toda nova palavra de uma língua se origina de outra língua e, como vimos até aqui, não parece ser este o caso, já que as línguas dispõem de “n” dispositivos internos a seu próprio sistema, capazes de criar/recriar/renovar seu corpo lexical.

Assim, nossa opinião coincide com a de Carvalho (2006), quando esta diz que neologismos formais constituem novas palavras em um idioma, vernáculos ou estrangeiras. A mesma autora se refere às gírias não como neologismos semânticos, mas como uma categoria distinta de neologismos: os “neologismos populares”, que “nascem da busca de maior expressividade na linguagem como também para dificultar a decodificação da mensagem aos estranhos ao grupo que usa” (CARVALHO, 2006, p. 195) — acepção esta que reafirma o caráter identitário dos vocabulários giriáticos. De qualquer forma, a extensão semântica nas gírias é factual em seu processo criativo e é factível que ela, mesmo sob a nomenclatura de neologismo popular, seja interpretada como uma subcategoria dos neologismos semânticos.

Suscitadas essas discussões, o conceito neologismo praticado neste trabalho dirá respeito à manifestação de uma palavra nova, que parta de uma combinação entre identidades fonológica, morfossintática e semântica inédita à língua, em uma dada comunidade. Por critério para “nova”, compreenderemos palavras que impliquem sentimento de novidade em determinado grupo linguístico e não tenham lexema registrado no *corpus* de exclusão, que será especificamente abordado no capítulo cinco.

A seguir, traremos luz a processos formativos de palavras comumente levantados pela literatura morfológica linguística, a fim de exemplificá-los, discuti-los e introduzi-los para o uso em nossa análise de neologismos.

3 PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE PALAVRAS

Dentre os processos de produção de palavras, podemos afirmar que parte considerável envolve procedimentos morfológicos da língua. Logo é importante retomar o conceito básico de morfologia como um tipo de “sintaxe da palavra”. Sandmann (1991) cita Matthews (1974) a fim de esclarecer a visão tradicional da morfologia como um estudo da “estrutura interna das palavras e suas relações com outras palavras dentro do paradigma.” (MATTHEWS, 1974 *apud* Sandmann, 1991, p. 16). Parafrazeando Rosa (2000), Basílio (2004), Rocha (1998) e Alves (1994), podemos complementar a concepção acima com a ideia da morfologia como o estudo das formas — ou dos morfemes/morfemas — a estruturarem as unidades lexicais, bem como o estudo das regras que relacionam estas partículas. Retomaremos uma discussão mais especializada sobre a morfologia no capítulo quatro, trabalhando particularidades sob perspectiva gerativa e cognitiva.

É necessário considerar que os limites entre a morfologia e a sintaxe não são tão discretos, como há de se perceber, por exemplo, na formação de palavras compostas, cuja processualidade envolve um estágio primário, em que duas palavras começam a se tornar uma, e um estágio secundário, da lexicalização das palavras em uma unidade não composicional, de significado idiomático. Assim, por vezes se fará preciso adentrar o campo sintático para fazer algumas explicações mais claras sobre a morfologia. Ao longo de nosso caminho, perceberemos também que pode ser realmente difícil abordar uma sem mencionar a outra.

Muito da criatividade lexical realiza-se por meio da formação de palavras, domínio da morfologia, e cabe a este capítulo esclarecer o funcionamento desses processos formativos enquanto ferramentário comum e recorrente no português brasileiro na criação de novas palavras. Abordaremos processos morfêmicos, como a derivação afixal, a derivação regressiva e a composição, e processos não morfêmicos ou de morfemicidade irregular, como a derivação imprópria, o cruzamento vocabular, o truncamento, a siglagem/acronímia, a reduplicação, a recomposição, a formação por *splinters*, a extensão semântica, a onomatopeia, a criação *ex-nihilo* e o estrangeirismo.

3.1 Derivação afixal

A derivação afixal é a criação de uma nova palavra ao se adicionar um afixo a um radical, cujo posicionamento no português brasileiro pode anteceder o radical (prefixo), suceder (sufixo) ou cercar (circunfixo) (GONÇALVES, 2019). Os afixos, no âmbito das classificações

formais de Mattoso Câmara Jr. (1986), compreenderiam a categoria das formas presas, por serem dependentes de uma estrutura básica de palavra (um radical ou um radical já integrado por um afixo) para serem praticados na língua. Cada processo derivacional, seja prefixal, sufixal ou parassintético (relacionado aos circunfixos), caracteriza-se por implicações e tendências semânticas/sintáticas próprias, ao passo que se torna possível compreender as motivações linguísticas por trás de sua ocorrência e do uso da palavra-produto no enunciado. A título de exemplo, sufixos mostram-se muito mais aptos a mudar a classe de uma palavra que prefixos — uma implicação sintática —, ao tempo em que prefixos carregam valor mais adjetival que os sufixos, ao integrarem uma nova palavra — uma implicação sintática e semântica, levando-se em consideração a significação lexical evocada pela função adjetiva. Sigamos com uma explanação mais aprofundada de cada uma dessas três categorias.

Os sufixos, de acordo com Basílio (2004), são os afixos mais produtivos do português brasileiro. Segundo Alves (1994), um sufixo seria “um elemento de caráter não-autônomo e recorrente, atribui à palavra-base a que se associa uma ideia acessória e, com frequência, altera-lhe a classe gramatical.” (ALVES, 1994, p. 29). Ou seja, aplicado a uma base lexical, o sufixo pode reconfigurar sua identidade semântica, fonológica e, potencialmente, sintática. O produto da sufixação pode resultar em palavras substantivas, adjetivas, verbais e adverbiais (GONÇALVES, 2019). São exemplos de derivação sufixal “neologismo” e “neológico”. Um falante nativo de nossa língua reconhecerá de imediato as partículas destacadas, com o conhecimento tácito de suas funções semânticas e pragmáticas ao integrar novas palavras. Esse conhecimento, bem como as próprias partículas, ocupa lugar no léxico mental de um indivíduo, classificados por Jackendoff (2002) itens lexicais menores que palavras. Apesar de um falante não necessariamente dominar a metalinguagem desses sufixos, ele domina seu uso (dentro o uso de outros afixos), e ter à sua disposição tais formativos é o que permite ao falante dispor prontamente de criatividade léxica produtiva e interpretativa ao lidar com neologismos. O conhecimento natural de um falante do português brasileiro acerca dos dois sufixos destacados poder-se-ia resumir na mente do falante como segue:

- (5) **-ismo**: atribui a determinada classe nominal (adjetivo/substantivo) *status* de ideologia, doutrina, vertente de pensamento ou ideia, geralmente não altera categoria lexical. *e.g.* **dinheirismo** (“doutrinação”, amor ao dinheiro), **socialismo** (ideologia social, voltada à sociedade), **estoicismo** (vertente de pensamento daquele que se diz estoico).

- (6) **-ico**: atribui caráter adjetivo a um substantivo, relacionado à identidade semântica da base lexical. *e.g.* **giriático** (qualidade do que é relacionado a gíria), **frenético** (qualidade do que é relacionado a *frenesi*), **fílmico** (qualidade do que é relacionado a filmes).

Repare que, entre os dois exemplos de sufixos, o segundo (**-ico**) demanda mudança de categoria lexical nos três casos, enquanto o primeiro (**-ismo**) só altera categoria em “estoicismo” (criando um substantivo a partir do adjetivo “estoico”) e em “socialismo” (do adjetivo “social”). Outra importância a ser pontuada é que um fonema sem valor semântico/morfológico por vezes surge antes do sufixo **-ico**, como o “t” de **frenético** e **giriático**. Tal fonema trata-se de um interfixo, com função exclusiva de ligar partículas fonológicas de palavras sem prejuízo à praticidade e usabilidade sonora da língua (GONÇALVES, 2019). Torna-se perceptível, por exemplo, o quão afastadas as formas “**giriaico**” e “**frenésico**” são de estruturas lexicais mais comuns da língua portuguesa, como aquelas de terminação “t + **-ico**”.²⁰

Os prefixos, segundo Alves (1994), “são as partículas independentes ou não-independentes que, antepostas a uma palavra-base, atribuem-lhe uma idéia acessória e manifestam-se de maneira recorrente, em formações em série”. (ALVES, 1994, p. 15). Assim, o prefixo antecede o radical, atuando como partícula adjetival. Em outras palavras, a relação entre o prefixo e o radical é a mesma, respectivamente, entre determinante e determinado. Vejamos alguns exemplos, elaborados para este estudo:

- (7) **inter-**: atribui ao radical característica intermediária, *entre* instâncias. *e.g.* **interseção** (entre seções), **internacional** (entre nações), **interação** (ação entre partes).
- (8) **pré-** (ou **pre-**): atribui ao radical característica de anterioridade. *e.g.* **pré-vestibular** (antes do vestibular), **preconceito** (antes de um conceito), **preexistir** (existir antes de algo).

²⁰ Todas essas terminações são válidas na estrutura lexical do português, mas aquelas com a terminação **-tico** (**imagético**, **aidético**, **cinético**, **fantástico**) sugerem maior recorrência que as palavras com as terminações **-aico** ou **-sico**, (**arcaico**, **amnésico**). Percebe-se aqui que pode haver alguma relação entre partículas sufixais específicas e consoantes de ligação (interfixos) tendentes a emergir com essas (como o “d” e o “t” geralmente encontrados com o **-ico**) (GONÇALVES, 2019).

Na maior parte dos casos, o processo prefixal envolve adição/alteração semântica da base afixada, sem alterar sua categoria lexical, contudo é possível encontrar casos raros, divergentes dessa previsibilidade. Rocha (1998) nos mostra, por exemplo, o próprio processo de formação da palavra “prefixo”, em que o prefixo **pre-** modifica a classe gramatical de “fixo” de adjetivo para substantivo; o mesmo acontece quando aplicamos nessa base o prefixo **inter-** para formar o termo “**interfixo**”. Tais exemplos podem sugerir tanto a possibilidade de que prefixos posicionais (**pré-**, **inter-**, **pós-**, **ante-**, **circun-**) estejam mais próximos de interferir na categoria lexical de determinadas bases lexicais quanto a possibilidade de algumas bases (como “fixo”) serem inclinadas a aceitar essa alteração de classe quando afixadas a determinados prefixos. Diante de eventualidades como essa, entre outras “contradições” a padrões conhecidos da língua, cabe compreendermos que estabelecer generalizações é fundamental na lida teórica com a língua e não se deve tomar idiossincrasias e irrecorrências como argumento de assistemática (BASÍLIO, 2007). Sobre essas mesmas generalizações — padrões morfossintáticos, semânticos, fonológicos — é que se estabelece, inclusive, a gramática construcional de Goldberg (1995), sobre a qual trataremos em seção próxima.

Em caráter de origem, sufixos são em grande parte provenientes do latim enquanto prefixos emergem do grego e do latim (GONÇALVES, 2019). De qualquer forma, se observados sincronicamente, afixos importados dessas origens já são considerados vernáculos, dada sua utilização constante e pouco novitativa nas operações lexicais da língua portuguesa.

Os circunfixos, segundo Correia e Almeida (2012), são afixos descontínuos, próprios das formações denominadas derivações parassintéticas. Nessas, um afixo “interrompido” acomoda o radical principal entre uma partícula fixa anterior e outra posterior, com grande produtividade na formação de novos verbos, como no exemplo (desta pesquisa) **en-X-ar**, formador de palavras como “**enfeitiçar**” e “**encantar**”. Repare que o uso dos dois morfemas é condicionado à simultaneidade do outro, de modo que o uso exclusivo de apenas um deles gera agramaticalidade: “**enfeitiç**”, “**feitiçar**”, “**encant**” e “**cantar**” não são atualmente itens lexicais possíveis do português brasileiro (a última, sim, mas com implicações semânticas muito distintas de “encantar”). Mais rara que a derivação sufixal e prefixal, a parassíntese dispõe de um acervo menor de exemplos, alguns aqui trazidos de Gonçalves (2019, p 138): “**ajoelhar**”, “**despedaçar**”, “**amanhecer**”, “**enrijecer**”, “**encolerizar**”, “**esclarecer**”.

É importante diferenciar itens lexicais formados por derivação múltipla prefixal e sufixal daqueles formados por derivação parassintética, pois a primeira admite a exclusão de um dos afixos, enquanto a segunda não. “**Desinstitucionalização**” torna-se “**desinstitucionalizar**” ao perder o sufixo e “**institucionalização**” ao perder o prefixo, ambos

lexemas possíveis da língua portuguesa (GONÇALVES, 2019). Por meio desse mesmo argumento, compreende-se que o processo derivacional tem potencial cumulativo e uma palavra pode ser concebida com vários níveis de derivação. Logo, apesar de autores como Bechara (2009, p. 357) afirmarem que a “Derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos”, é possível aplicar afixos em palavras não primitivas, isto é, já formadas por algum processo de derivação. Retomando o exemplo acima, “**desinstitucionalização**” deriva (em sua forma sufixada e prefixada) de “**institucional**”, que deriva de “**instituição**”, cuja procedência vem ainda da base “**instituir**” — uma camada prefixal e três camadas sufixais. Entretanto essa possibilidade de atribuir novas camadas de afixação em uma base não é ilimitada e mostra-se mais restrita no contexto do prefixo. Enquanto podemos ainda expandir nosso exemplo para “**desinstitucionalissimamente**” (com quatro camadas sufixais: **-ção, -al, -íssima, -mente**), chega-se com dificuldade, no caso da prefixação, a derivações mais extensas que “**antidesinstitucionalização**”²¹ (com duas camadas prefixais: **anti-, des-**).

Além desses três processos convencionais de derivação — sufixal, prefixal e parassintética —, podemos ainda enumerar outros dois, cuja formação não remete à adição de partículas morfêmicas, mas à subtração e à “inalteração” de afixos. Antes de prosseguir, porém, torna-se necessário esclarecer controvérsias acerca da diferenciação entre flexão e derivação, ao menos no modo de abordagem deste estudo. Tal assunto mostra-se relevante por interferir justamente na distinção entre palavra nova e uma mesma palavra, em forma diferente.

Para Basílio (2007),

a diferença entre palavras distintas e diferentes formas da mesma palavra é tradicionalmente atribuída à diferença entre flexão e derivação. O problema é que não há uma distinção nítida e definitiva entre os conceitos de flexão e derivação e, muitas vezes, a diferença entre os dois conceitos é apresentada como decorrente da diferença entre “palavras distintas” e “formas de uma mesma palavra”. (BASÍLIO, 2007, p. 14).

Apesar da distinção entre flexão e derivação por vezes carecer de objetividade, escolhemos por trabalhar sob a perspectiva de que as variações de flexão para uma palavra implicam em atribuir gênero, número e tempo (todos elementos sintáticos, em uma perspectiva gerativa), enquanto as variações de derivação implicam em mudanças afixais mais influentes nas dimensões morfológicas e semânticas da palavra. Em razão disso, ratificamos que

²¹ No tocante à raridade dos prefixos em alterar a classe da palavra afixada, **anti-** figura aqui como mais um contraexemplo, tornando o exemplo substantivo em adjetivo.

“Professor/Professora” são duas formas da mesma palavra (assim como “Professor/Professores”), enquanto “Professor/Professorado” são duas palavras diferentes, advindas de uma mesma raiz. Vamos agora às derivações regressiva e imprópria.

3.2 A derivação regressiva

De acordo com Basílio, “o que caracteriza a derivação regressiva é a formação de uma nova palavra pela supressão de um elemento, no lugar de acréscimo. Ou seja, a palavra derivante [...] tem uma parte retirada, formando-se assim uma nova palavra” (BASÍLIO, 2007, p. 41). Assim, a derivação regressiva ocorre com a subtração de uma partícula morfológica — uma espécie de “desfixo” (neologismo meu) — para se criar uma nova palavra.

Na língua portuguesa, a derivação regressiva caracteriza-se por ser predominantemente deverbal, um processo que ocorre com a função de criar um substantivo a partir de um verbo. Segundo Gonçalves (2016a), seu grau de produtividade em nossa língua é ainda mais raro, se comparado a processos derivacionais sufixais, prefixais e parassintéticos, o que talvez se deva à concorrência com outros formativos que a derivação regressiva deverbal enfrenta na função de nominalização de palavras.

Podemos conferir alguns exemplos destacados por Correia e Almeida (2013, p. 45): “fuga”, derivado de “fugir”; “ataque”, derivado de “atacar”; “uso”, derivado de “usar”. E alguns outros exemplos, elaborados para esta pesquisa: “estudo”, derivado de “estudar”; “lida”, derivado de “lidar”; “guarda”, derivado de “guardar”.

No entanto, importa perceber que esse apagamento de morfema muitas vezes acompanha alguma adaptação fonológica. Em todos os casos citados, os elementos a serem excluídos das palavras foram os morfemas flexionais indicadores de infinitivo (-r), com troca de vogais temáticas em alguns dos casos.²²

3.3 Derivação imprópria

Chamada também pelas terminologias derivação conversiva (ROCHA, 1998), derivação não afixal (CORREIA; ALMEIDA, 2013) ou simplesmente conversão (ALVES, 1994), a derivação imprópria “consiste [...] na passagem de uma unidade lexical da categoria morfossintática A para a categoria morfossintática B.” (GONÇALVES, 2019, p. 139). É um

²² Como em ataque/atacar, onde “a” é substituído por “e”.

processo não morfêmico, em que a palavra preserva estrutura fonológica, mas muda de classe conforme a organização sintática em que o item lexical se insere. Por “imprópria” na nomenclatura, pode-se entender uma derivação irregular por não se valer da adição (ou exclusão) de afixos.

De acordo com Basílio (2019), uma das motivações do falante à criação de novas palavras é a necessidade de uma categoria lexical diferente em determinada situação discursiva; a conversão cumpre esse papel com frequência, seja de forma inovadora ou de forma usual. Segundo a autora (2004), casos de conversão podem compreender mudanças (com exemplos da autora): de adjetivo para substantivo (*e.g.* os velhos, os ricos), de verbo para substantivo (*e.g.* o despejar, o dever) e de adjetivo para advérbio (*e.g.* chegou rápido, vende fácil), cabendo também o reverso no primeiro caso.

A conversão, ainda que não seja um processo morfêmico, pode ser considerada um processo formativo de palavras devido às alterações que implica à estrutura da palavra. Para exemplificar, observemos o item **livro** no período abaixo:

- (9) “**Livro (S)** é tão bom que deveria ser elogio. Tipo: ‘você é tão **livro (A)**’” (LOBIANCO, 2020)

Em suas duas posições, a unidade lexical **livro** mantém a mesma estrutura fonológica, estrutura semântica aproximada, mas sua função morfossintática é substantiva em **livro (S)** e adjetiva em **livro (A)**. Logo as duas ocorrências do item no exemplo correspondem a duas palavras distintas, a segunda delas potencialmente neológica, pela inovação de seu uso.

A perspectiva deste trabalho abordará a conversão de classe como uma alteração na unidade lexical com maior influência no aspecto morfossintático, entretanto com ressalvas: é perceptível o quão intrincada é a rede de características na estrutura lexical e alterar uma de suas dimensões pode tocar todas as outras em algum grau, maior ou menor, mesmo que imperceptível. Nesse sentido, é plausível a compreensão de que a mudança de categoria morfossintática implique também mudanças semânticas; afinal, chamar uma pessoa de livro não é praticável sem a devida metaforização (a pessoa é cheia de conhecimentos feito um livro) ou metonimização (a pessoa é inteligente por gostar de livros), isto é — uma adaptação da dimensão semântica à dimensão sintática, aproximada do significado base.

3.4 Composição

Segundo Bechara (2006), “A composição consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si.” (BECHARA, 2006, p. 355). Ou seja, a composição compreende a concatenação de dois radicais para formar uma nova palavra e constitui um processo morfológico de alta produtividade, correspondendo, ao lado das derivações afixais, a um processo mais sistematizável e geral da língua (BASÍLIO, 2007). Esses processos são chamados de concatenativos por Gonçalves (2016a), por apresentarem formativos que se iniciam logo após uma base (ou outro formativo) terminar, com regularidade, como nos exemplos (do autor) “bolsa-ditadura”, “pré-sal” e “PSDista” (GONÇALVES, 2016a).

Além dos exemplos de Gonçalves (2016a) pontuarem tanto a composição (**bolsa + ditadura**), a derivação sufixal (**PSDista**) e a derivação prefixal (**pré-sal**) como processos concatenativos, de maior sistematicidade por serem marcados de regularidade no posicionamento de seus formativos, eles também nos permitem uma ressalva à classificação de composições por Bechara (2006): não apenas radicais, como também bases lexicais, de forma presa ou livre (palavras), podem ser formativos da formação por composição. Em “bolsa-ditadura”, tanto **bolsa** como **ditadura** são itens lexicais independentes que, ao serem concatenados em uma unidade complexa, motivam um novo perfil semântico à unidade resultante do processo.

Daremos ênfase à composição ocorrida em duas dimensões estruturais: a morfológica (CORREIA; ALMEIDA, 2013), muitas vezes caracterizada por composição neoclássica (GONÇALVES, 2016a), com uso de bases não autônomas oriundas de empréstimos greco-latinos; e a morfossintática, envolvendo a junção de bases livres da língua (CORREIA; ALMEIDA, 2013; GONÇALVES, 2019). Alguns exemplos nossos:

- (10) Composição morfológica: “telefone” (**tele + fone**), “agricultura” (**agri + cultura**), “livrofobia” (**livro + fobia**), “conscienciologia” (**consciência + logia**).
- (11) Composição morfossintática: “Bem-te-vi”, “puxa-saco”, “marca-texto”, “caixa-preta”.

Observa-se bem que a composição utiliza fragmentos sintáticos para criar produtos lexicais, isto é, partículas de uso dado a estruturas específicas de sintaxe reorganizam-se em um

novo perfil morfossintático, semântico e fonológico, marcado pela baixa transparência composicional no que concerne ao significado individualizado de seus formativos (BASÍLIO, 2007). Dessa forma, podemos traçar um paralelo tênue entre composições (em especial aquelas ocorridas em dimensão sintática) e expressões idiomáticas curtas, já que ambos os tipos de expressão podem apresentar baixo grau de composicionalidade (FREGE, 1987). Logo torna-se difícil responder por que “Bem-te-vi”, “puxa-saco” e “caixa-preta” são palavras compostas e “bode expiatório”, “ao deus dará” e “amigo da onça” são expressões idiomáticas.²³ No escopo deste trabalho, não diferenciaremos um do outro e ambos serão considerados palavras compostas, nos remetendo ao já mencionado argumento de Mattoso Câmara Jr. (1984, p. 71) quanto à distinção entre locução e composição. Em outras palavras, tanto as palavras compostas por justaposição quanto os pequenos idiomas não permitem supressão de constituintes sem distorção semântica, e para fins de análise de neologismos serão tomados aqui como unidade lexical (ou construção, em termos da linguística cognitiva).

De acordo com Alves (1994), “a unidade léxica composta, que funciona morfológica e semanticamente como um único elemento, não costuma manifestar formas recorrentes, o que a distingue da unidade constituída por derivação.” (ALVES 1996, p. 41). Logo, enquanto a derivação pode implicar em uma relação semântica mais composicional (o significado do afixo soma-se ao significado da base para constituir o novo significado), a composição cria estruturas semânticas pouco composicionais, em que o novo significado não é necessariamente a soma dos significados dos formativos. Portanto, composições como “porta-aviões” trazem significado mais dinâmico e complexo que a soma do significado das partes — no caso, “algo que carrega aviões”; o valor semântico específico, de “navio utilizado para se transportar aviões”, está muito mais vinculado ao aspecto cultural e pragmático da unidade lexical que aos seus perfis estruturais. Composições neoclássicas têm uma transparência composicional mais evidente, vista a similaridade entre os radicais neolatinos e os prefixos.

Para Rocha (1998), é possível distinguir bases presas de prefixos pelo fato de as primeiras apresentarem significação de caráter mais lexical, semanticamente correspondentes a substantivos, adjetivos e verbos. Pode-se complementar esse critério por meio de um olhar diacrônico, caso analisemos a etimologia da partícula em questão, consultando as listas de radicais greco-latinos contidas na maioria das gramáticas tradicionais.²⁴

²³ O hífen, por limitar-se às palavras gráficas, não pode nos servir de critério à delimitação de palavra em nosso estudo.

²⁴ Como na Moderna Gramática Portuguesa de Bechara (2009), na qual encontramos um inventário dos principais radicais gregos (p. 374) e latinos (p. 381).

As composições têm por função principal a denominação e a designação específica, diferente das derivações, cuja função denominativa assume significados mais genéricos. É um processo formador que parte da estruturação sintática para fins do léxico, possibilitando a denominação por meio da combinação de duas unidades lexicais, de estruturas semânticas distintas, em uma única unidade, de emergência semântica própria (BASÍLIO, 2007).

3.5 Cruzamento vocabular

Os cruzamentos vocabulares consistem em “um tipo de composição, distinguindo-se dessa porque seus elementos formadores, todos ou ao menos um, sofrem diminuição do corpo fônico.” (SANDMANN, 1991, p. 76). Logo compreende-se o processo de cruzamento vocabular como a junção de partículas lexicais, contudo sem a regularidade morfêmica das composições. As características fonológicas das palavras base/radicais sofrem alterações maiores do que perda de fonemas de fronteira ou inclusão de interfixos, constituindo uma mistura assistematizada, na maior parte das vezes. Outras terminologias para o cruzamento vocabular são: palavra-valise (ALVES, 1994), *blend* lexical (GONÇALVES, 2016a) e amálgama (CORREIA; ALMEIDA, 2013).

Alguns exemplos de composição vocabular seriam:

- (12) “aborrecente”: **adolescente** + **aborrece** (GONÇALVES, 2016a);
 “toboágua”: **tobogã** + **água** (GONÇALVES, 2019);
 “portunhol”: **português** + **espanhol** (CORREIA; ALMEIDA, 2013);
 “showmício”: **show** + **comício** (ALVES, 1994);
 “tucanóptero”: **tucano** (partido político) + **helicóptero** (SANDMANN, 1991);
 “pãe”: **pai** + **mãe**; “loucademia”: **louco** + **academia**; “frangoada”: **frango** + **feijoada** (exemplos nossos).

Correia e Almeida (2013) dizem que o uso de amálgamas é mais comum como recurso da linguagem literária e publicitária, no entanto, a produtividade desse processo mostra-se corriqueira em diversas situações (sobretudo nas de intenção humorística) e pode resultar em palavras cotidianas, já lexicografadas, como “toboágua”, cujo uso não é novitativo em Belo Horizonte e não constitui mais neologismo.

Casos como nosso exemplo “frangoada” são considerados por Gonçalves (2016a) itens lexicais formados por analogia, no qual “uma palavra complexa é muitas vezes criada por

espelhamento em outra”. (GONÇALVES, 2016a, p. 37). Assim como a unidade lexical “lista branca” é cunhada a partir de “lista negra” (exemplos do autor), “frangoada” (uma feijoada de frango) é elaborada em paralelo a “feijoada”; não há qualquer outra motivação por trás do fragmento **-oada** que sustente a estrutura semântica desse neologismo. Contudo a condição de formação por analogia não elimina a condição de formação por cruzamento vocabular e frequentemente é possível se deparar com compostos análogos formados por amálgamas.

A não previsibilidade torna difícil a elaboração de regras e esquemas do processo de cruzamento vocabular como é possível realizar com os processos comuns de derivação e composição, já que os fragmentos de fusão lexical presentes no cruzamento seguem uma lógica mais fonológica que morfológica (GONÇALVES, 2016a). Tal caráter “imprevisível” (ainda assim, motivado, em algum grau) é próprio não só do cruzamento vocabular, mas de outros processos “não descritos de forma sistemática em nossa língua e interpretados como irregulares pela maior parte dos estudiosos” (GONÇALVES, 2016a, p. 68), os quais trataremos a partir deste ponto.

3.6 Truncamento

Truncamento, truncação ou abreviação vocabular é um processo no qual a forma de uma palavra é reduzida, a fim de torná-la mais prática e econômica fonologicamente (ALMEIDA, 2013; ALVES, 1994; CORREIA; ROCHA, 1998; GONÇALVES, 2016a). Abaixo alguns exemplos:

- (13) “oftalmologista”: **oftalmo** (GONÇALVES, 2016a);
 “Europa”: **euro** (ALVES, 1994);
 “cerveja”: **cerva** (CORREIA; ALMEIDA, 2013);
 “português”: **portuga** (ROCHA, 1998);
 “sossegado”: **sussa**; “Coronavírus”: **corona**; “responsável”: **responsa**. (exemplos nossos).

Como uma espécie de abreviatura, a unidade lexical é praticada com cortes que podem ou não respeitar seções morfológicas da palavra. Nos casos de compostos neoclássicos (“oftalmologista”/**oftalmo**), em que o radical assume o valor semântico integral da unidade léxica, percebe-se que não há prejuízo morfêmico para o fragmento resultante da redução. Já

em outras ocorrências, como em “sossegado”/sussa, padrões morfêmicos perdem espaço à motivação fonológica do termo truncado.

Gonçalves (2016a) destaca também a motivação estilística do truncamento, o que é um argumento bem plausível, visto que o uso de “refri” ou “refrigerante” não é aleatório; cada forma revela uma postura determinada do falante frente ao contexto comunicativo dentro do qual ele interage. O truncamento, assim como o cruzamento vocabular, deve ser levado em consideração nos estudos morfológicos de criatividade lexical, principalmente por sua emergência como base de formação para novos morfemas produtivos (GONÇALVES, 2016a).²⁵

3.7 Siglagem/Acronímia

Alves (1994) percebe tanto a siglagem quanto a acronímia como espécies de composições resultantes de economia discursiva, tal qual o truncamento, no entanto, o grau econômico desses processos é ainda mais alto, por elipsar em seus produtos toda uma cadeia sintagmática. Siglas distinguem-se dos acrônimos pelo único fato das primeiras comporem uma unidade fônica não pronunciável frente ao perfil fonológico/silábico característico de uma língua, enquanto as segundas são pronunciáveis sob esses parâmetros (CORREIA; ALMEIDA, 2013). Dessa forma, “UFMG”, pronunciada letra a letra (“u efe eme gê”) é uma sigla, enquanto “UEMG” é não só uma sigla mas um acrônimo, graças ao corpo fonológico de pronúncia direta “Uengue”. Vejam outros exemplos abaixo, dados por Rocha (1998):

(14) Siglas: CPF, INSS, PT, CNPq, IBGE;

(15) Acrônimos: CEP, MEC, FALE, DETRAN, SUDECAP.

Como outros processos não concatenativos, a formação de neologismos por siglagem ou acronímia carece de padrões regulares e a escolha das letras a comporem essas unidades lexicais nem sempre segue uma mesma fórmula (como usar apenas a primeira letra de cada palavra do sintagma siglado). O que se percebe é que muitas vezes a escolha por acronimizar a sigla pode seguir motivações semânticas, como no caso da Associação **Brasileira Comunitária**

²⁵ Entre exemplos de truncamentos que se tornaram morfemas produtivos, observemos o **euro**, que se tornou um prefixo recorrente na denominação de termos referentes à Europa, como pode ser exemplificado em “Eurocopa”, “eurodance” e “euroregião”.

para a Prevenção do Abuso de Drogas, em Belo Horizonte, cuja sigla ABRAÇO deixa muito evidente a intencionalidade discursiva por trás dessa denominação.

No entanto, independente de suas características fonológicas, tanto a sigla quanto o acrônimo devem ser considerados palavras, uma vez que ambos podem estar sujeitos a regras morfêmicas como qualquer outra palavra, como flexões de número (CPFs, CEPs) e derivações (**Petista**, **anti-Detran**), além de ter valor de radical, capaz de integrar composições e cruzamentos vocabulares (GONÇALVES, 2019).

3.8 Reduplicação

Segundo Bechara (2009), “a reduplicação [...] consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa.” (BECHARA, 2009, p. 371). Em outras palavras, em caráter de processo formador, a reduplicação repete tanto fragmentos silábicos quanto unidades lexicais, tornando-as um composto, atuando assim em dimensões morfológicas ou sintáticas (GONÇALVES, 2019). Alguns exemplos de Gonçalves (2016a) são “**chororô**” (de **choro** — choro excessivo), “**bololô**” (de **bolo** — aglomerado de pessoas), “**bate-bate**” (brinquedo de parque de diversões, ato de bater várias vezes) e “**pula-pula**” (brinquedo, ato de pular várias vezes).

Dentre as funções desempenhadas por palavras criadas a partir desse processo formativo, podemos listar, mediante os exemplos, a denominação e a intensificação semântica, embora a ocorrência comum de reduplicação em nomes próprios, cumulativos ao truncamento,²⁶ possa acrescentar a esse escopo alguma função afetiva: “Eliana”/**Lili**, “Pedro”/**Pepê**, “Eduardo”/**Dudu**, “Augusto”/**Gugu** (exemplos nossos).

3.9 Recomposição

De acordo com Gonçalves (2016b), a recomposição “é o processo pelo qual há encurtamento de uma palavra, outrora composta, em um formativo que adquire o significado de todo o composto”. (GONÇALVES, 2016b, p. 72). De forma geral, a recomposição é uma “ex-composição” morfológica que sofre um corte morfêmico em um de seus radicais

²⁶ Gonçalves (2019) diferencia esses casos pelo termo hipocorização, em que antropônimos são abreviados com finalidade afetiva, no entanto, há pouco a se distinguir entre esse processo e o próprio processo de truncamento que tenha relevância a este estudo, observada a similaridade de ambos os eventos linguísticos. Dessa forma, manteremos a perspectiva de que a hipocorização corresponde a um tipo de truncamento de antropônimos.

neoclássicos, originando um morfema cujo perfil semântico mantém vínculo com a composição original na criação de novas palavras. Mais especificamente, os formativos emergentes de recomposição são radicais greco-latinos que perdem sua significação original em virtude da ocorrência de uma palavra específica e passam a tê-la como referência semântica ao formar novas unidades lexicais — tornando-se, na expressão de Gonçalves (2019), um pseudoafixo. O **tele-** em “**telenovela**”, “**telejogo**” e “**Telesena**” não remete à etimologia grega de “longe, à distância”, mas a uma metonímia da palavra “**televisão**”. Outros exemplos são os formativos **agro-**, **eco-**, **foto-**, **petro-**, cujas significações descartam a identidade etimológica e mantêm vínculo semântico respectivo com as palavras “**agricultura**”, “**ecologia**”, “**fotografia**” e “**petróleo**” (CORREIA; ALMEIDA, 2013).

3.10 Formação por *splinters*

Os *splinters* são abordados em poucas literaturas do português brasileiro além daquelas autoradas por linguistas inscritos na linguística cognitiva e na morfologia construcional (ANDRADE; RONDININI, 2016; GONÇALVES, 2016a, 2016b, 2019; GONÇALVES; ALMEIDA, 2014) e emergem como partículas formativas, cuja natureza parece oscilar entre o afixo e o radical. O termo *splinter* por si pode ser traduzido do inglês como “fragmento, pedaço” e procede nos estudos morfológicos como fragmentos de palavras capazes de reter seu significado original (como acontece em uma recomposição) para criar novas formações lexicais (GONÇALVES, 2019). Porém, diferente da recomposição, este “recorte” da palavra ocorre sem qualquer motivação morfêmica, atendendo a critérios mais próximos da fonologia e do uso, no máximo adequando-se a padrões silábicos da língua. Observemos alguns exemplos desses constituintes, extraídos de Gonçalves (2016a) com alguma expansão por nossa parte:

- (16) **-trocínio**: auxílio financeiro de “x”. *e.g.* **tiotrocínio**, **mãetrocínio**, **paitrocínio**, **irmãotrocínio**. O formativo origina-se da palavra “patrocínio”;
- (17) **caipi-**: bebida combinada ou de produção similar à caipirinha (palavra da qual o formativo se origina). *e.g.* **caipifruta**, **caipivodka**, **caipisaquê**, **caipilight**;
- (18) **-cast**: transmissão em áudio por mídias digitais. *e.g.* **jornalcast**, **nerdcast**, **sérieicast**, **esportecast**. Formativo originado da palavra “*podcast*”, que nomeia esse gênero de transmissão.

- (19) **wiki-**: enciclopédia digital de “x”. *e.g.* **wikinovela**, **wikiflora**, **wikipotter**, **wikisaúde**. O formativo parte da palavra “*wikipedia*”.

Assim como podemos notar a variação de posicionamento dos fragmentos nesses exemplos, podemos também observar que eles se baseiam tanto em palavras da língua vernácula quanto em estrangeirismos. De acordo com Gonçalves (2016b), os *splinters* não nativos são cada vez mais recorrentes, encabeçando uma série produtiva de constituintes estrangeiros (xenoconstituintes) e a conseqüente formação de diversas palavras híbridas. Um desses xenoconstituintes, cuja ocorrência já não caracteriza neologismo há muito, é o formativo -**búrguer**, advindo de “hamburger”, recorrentemente utilizado na nomeação de sanduíches e de estabelecimentos especializados em seu preparo, *e.g.* **x-búrguer**, **franbúrguer**, **egg-búrguer** (GONÇALVES, 2016b).

A formação por *splinters* e a recomposição lexical são processos com características similares: envolvem uma espécie de truncamento em sua forma e metonimizam a significação lexical original, além de produzirem não palavras, mas afixos e bases lexicais; ou seja, produzem morfemas que produzem palavras. Contudo a distinção entre os dois pode ser ressaltada na tendência da recomposição em originar partículas de posição prefixal, enquanto os *splinters* podem assumir posição prefixal ou sufixal. Diferente do recomposto, o *splinter* transita de um estado inicial de amorfemicidade à morfemicidade posterior, quando se torna lexicalmente produtivo. Logo,

quando um *splinter* torna-se tão comum a ponto de as pessoas começarem a usá-lo frequentemente, ele pode perder sua conexão com a palavra fonte e ser considerado um morfema por direito próprio. Obviamente, uma vez que haja uma escala de *splinters* completamente originais para morfemas completamente convencionais, a transição de *splinter* para morfema independente é um processo diacrônico. (GONÇALVES, 2019, p. 155-156).

Dessa forma, *splinters* podem originar morfemas cuja motivação formal pode perder-se à sincronidade da língua, mediante seu uso frequente. Tal capacidade produtiva alcança importância digna dentro dos estudos morfológicos e neológicos.

3.11 Extensão semântica

Conforme Correia e Almeida (2012), “um dos processos mais produtivos de inovação vocabular consiste na aquisição de novos significados por parte de palavras já existentes.”

(CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 62). Já para Alves (1994), processos resultantes dessa mudança de significado são denominados neologismos semânticos ou conceptuais. Bechara (2009) não menciona o conceito diretamente, mas explica o fenômeno por critérios diacrônicos: “No decorrer de sua história, nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva ‘esfera semântica’ e assume valores novos.” (BECHARA, 2009, p. 397). Em paráfrase, podemos interpretar o processo de extensão semântica como aquele no qual o perfil semântico de determinada palavra sofre alterações, enquanto mantêm-se intactos o perfil fonológico e, por vezes, o sintático. Alguns exemplos extraídos do Dicionário Informal (2020):

- (20) “magrela”: adjetivo “magro” intensificado. Extensão semântica: Bicicleta. *e.g.* “Vou ter que trocar a catraca da **magrela**”.
- (21) “grude”: tipo de cola. Extensão semântica: Refeição improvisada/ruim. *e.g.* “Tenho que ir ali fazer um **grude** para almoçar”.
- (22) “gado”: coletivo de animais pecuários. Extensão semântica: Conjunto de seguidores obcecados de uma celebridade. *e.g.* “É muito **gado** para pouco presidente!”

Ao observarmos as extensões semânticas acima, podemos perceber os neologismos semânticos como muito produtivos entre os vocabulários gíriáticos, sobretudo em estilos informais da língua. É importante notar também que alguma flexibilidade sintática parece fazer parte do processo, uma vez que: em (20) a acepção original é um adjetivo e a extensão um substantivo; em (21) tanto a acepção primeira quanto a extensão preservam a classe lexical substantiva; em (22) ambas as acepções mantêm classe substantiva, porém é possível encontrar usos adjetivos como “Você é **gado** demais”. No entanto, tal gradiência nome/adjetivo talvez se deva não ao processo de extensão em si, mas à natureza intercambiável natural entre essas duas categorias em conversões de classe, assunto discutido com mais profundidade por Basílio (2019).

Com relação às extensões semânticas, Rocha (1998) parte de critérios mais estritos para considerá-las como palavras diferentes para cada acepção ou uma mesma palavra com características semânticas mais amplas. Para o autor, palavras polissêmicas ocupam uma única entrada no léxico, com todas suas acepções metafóricas e figuradas, enquanto palavras

homofônicas (homonímicas), por terem a mesma forma e significados não relacionados, ocupariam entradas diferentes. A título de exemplo, Rocha (1998) considera: “manga” de camisa e a fruta “manga” vocábulos homófonos (duas palavras); e “dente” de criança e “dente” de alho um único vocábulo com significado metaforizado (ROCHA, 1998, p. 68-69).

Logo extensões semânticas para o autor não constituem novas palavras; são apenas uso metafórico de uma mesma palavra ou um processo de lexicalização, caso o significado original tenha se perdido no espectro sincrônico da língua e o significado em voga cristalize-se na unidade lexical. Um critério semântico tão imediato pode diminuir uma diversidade de *corpora* lexicais interessantes para os estudos sobre neologismo. O uso de “**magrela**” por “bicicleta”, e de tantas outras gírias (institucionalizadas em suas comunidades), pode sugerir mais a emergência de uma nova palavra que apenas uso de significado figurado para o adjetivo “magrela”. É importante reparar que há conexão metafórica/metonímica na elaboração semântica da palavra, já que a bicicleta é um meio de transporte com peças de espessura mais fina, “magra”, com relação a outros, como motocicletas, então não se trata de um vocábulo homófono, como perspectivado por Rocha (1998). Da mesma forma, o significado emergente da gíria não suplanta o significado original, como acontece com lexicalizações. Assim, percebe-se que a gradação semântica de um item lexical é de teor sensível e escapa a padronizações por demais estritas. O ideal no tratar com essa dimensão pode envolver noções mais gradientes e especialmente direcionadas ao uso de determinado item lexical, a fim de categorizá-lo o quanto próximo e relacionado ele é de determinada proposta de significado.

Já na linguística cognitiva, extensões de significado realizadas a partir de metáfora, metonímia e polissemias consequentes são de importância que vão além da própria linguagem e trabalham relações de pensamento e raciocínio em domínios de experiência (FERRARI, 2011). Veremos inclusive que na morfologia construcional, essas categorias semânticas — metáfora, metonímia, polissemia — são motivações principais de formativos em novas construções lexicais, consideradas três dos cinco tipos de ligações por herança que Gonçalves (2016b) nos apresenta para o modelo de Booij (2010). Neste trabalho, há de se compreender as extensões semânticas como neologismos genuínos, visto o potencial de sentimento novitativo decorrente do processo e sua importância criativa na esfera lexical da língua, conforme corroborado por Alves (1994):

A difusão do neologismo conceptual, fato que constitui uma prova de sua aceitação pela comunidade linguística, conduz à inserção da nova acepção aos dicionários. Por esse processo, ao significado básico de um item léxico vão-se acrescentando os que vierem a ser criados pelo processo da neologia semântica. (ALVES, 1994, p. 66).

3.12 Onomatopeia

De acordo com Rocha (1998), “O falante da língua portuguesa pode criar uma palavra nova ao tentar imitar um barulho ou ruído do mundo exterior” (ROCHA, 1998, p. 191). Assim, podemos compreender esse processo como a transcrição linguística de sons não linguísticos pelo ser humano. Apesar da irregularidade do processo formativo, seus produtos não são arbitrários e tem plena motivação fonológica, ainda que idiossincráticos quando não tão populares. Onomatopeias são reconhecidas com recorrência na linguagem dos quadrinhos (ALVES, 1994). Alguns exemplos nossos são “pow” (som de soco, pancada), “grrrr” (rosnado), “chuá” (som de água) e “kkkkk” (som de risada). Repara-se que a repetição de grafema não padronizada em “kkkkk” e “grrrr” relaciona-se de modo ilustrativo com a expressão da duração do som representado em vez de correspondência fonêmica.

Correia e Almeida (2012) afirmam serem as onomatopeias pertencentes à classe dos substantivos, porém há de se perceber alguma proximidade desses itens lexicais com as interjeições, dada a ocasional ausência de relação sintática com o corpo da sentença às quais são conjugadas. As autoras observam ainda um aspecto interessante de produtividade verbal a partir do qual as onomatopeias tornam-se radicais, sugerindo os exemplos “cacarejar”, “piar”, “miar”, “sussurrar”, “zumbir” e “zurrar” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 35).

3.13 Criação *ex-nihilo*

Criação *ex-nihilo* é um processo de formação de palavras a partir “do nada”, se traduzido do latim (GONÇALVES, 2016a). Correia e Almeida (2012) definem o *ex-nihilo* como “a invenção de novas formas lexicais [...] que não apresentam qualquer tipo de motivação” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 34). A maioria das literaturas têm o *ex-nihilo* como um processo raro e quase idiossincrático, visto que a ausência de motivação absoluta na criação de um item lexical é uma afirmativa questionável. Mesmo que determinada palavra careça de motivações morfossintáticas ou semânticas (ou que estas sejam sutis a ponto de serem imperceptíveis), para ser praticada em determinada comunidade, ela deve obedecer a motivações e padrões fonológicos da língua em que se manifesta.

Entre tentativas de exemplos das formações *ex-nihilo*, Rocha (1998), que as denomina gerações espontâneas, traz “tcham” e “escambau”, Correia e Almeida (2012) trazem “gás” e “Kodak”, Gonçalves (2016a) traz “baranga”, “mocreia” e “catilanga”.

Segundo Gonçalves (2016a), “o que parece ser criação do nada (obra do acaso) pode apresentar uma explicação linguística que muitas vezes desconhecemos” (GONÇALVES, 2016a, p. 33). Em acordo com Gonçalves (2016a), Correia e Almeida (2012) e Rocha (1996), corroboramos aqui a noção da formação *ex-nihilo* como um pseudoprocesso formativo, cuja definição poderia ser mais bem explanada por ser uma formação de motivações não aparentes ou perdidas na instância sincrônica da língua.

3.14 Empréstimo linguístico

Como averiguado entre os conceitos de neologismo trazidos em voga neste capítulo, o empréstimo linguístico compõe um dos quatro grandes processos citados com recorrência pela literatura como formadores de neologismos: a utilização e importação de unidades lexicais de sistemas linguísticos alheios para criar novas unidades (ALVES, 1994).²⁷

O processo de empréstimo linguístico envolve nomenclaturas outras, como estrangeirismo e importação de palavras, cuja distinção pode ou não ser marcada ou sinonimizada (ALVES, 1994; CORREIA; ALMEIDA, 2012; GONÇALVES, 2019; ROCHA, 1998). Para Alves (1994), o estrangeirismo constitui a primeira etapa do empréstimo, no qual a palavra é utilizada e grafada conforme características da língua de origem, não compondo ainda o acervo lexical da língua tomadora. O empréstimo seria uma próxima etapa, na qual o uso do item lexical estrangeiro é adaptado a parâmetros ortográficos, semânticos ou morfossintáticos da língua destino, quando constituir-se-á um neologismo genuíno. Correia e Almeida (2012) corroboram essa diferenciação e delimitam as ambas instâncias, oferecendo os exemplos:

(23) Estrangeirismos: *software*, *shopping center*, *boom*;

(24) Empréstimos: botão (do francês “*bouton*”), escâner (do inglês “*scanner*”).

Exemplos nossos a complementarem os referidos acima seriam: *splinter*, *cashback* e *meme*, para estrangeirismos; *leiaute* (do inglês “*layout*”), *buldogue* (do inglês “*bulldog*”) e *muçarela* (do italiano “*mozzarella*”), para empréstimos. No entanto, a fim de compor uma terminologia mais prática ao nosso trabalho, empregaremos a nomenclatura empréstimo de maneira metonímica, englobando as duas fases aqui expressas, além de considerar qualquer

²⁷ A título de recordação, outros três grandes processos compreendem a formação de neologismos por meio de instrumentos da própria língua: composição, derivação e extensão semântica.

dessas instâncias como neologismos potenciais, mediante frequência de uso e sentimento novitativo na comunidade de ocorrência do termo estrangeiro.

Segundo Gonçalves (2019), os empréstimos linguísticos são geralmente empregados com função de rotulação — nomeação de novos fenômenos, criações, conceitos — e têm se mostrado cada vez mais presentes na língua portuguesa (sobretudo os empréstimos do inglês), o que pode se dever a uma multidão de fatores: a globalização, o advento da tecnologia, a disseminação de informações em escala global, a hegemonia de países de língua inglesa (GONÇALVES, 2019; ROCHA, 1998).

Potencialmente produtivos, observamos com as formações a partir de *splinters* não nativos²⁸ que os empréstimos também podem ser truncados e assim assumirem funcionalidades morfológicas de constituinte, servindo de base/radical ou afixo em combinação com partículas da língua de chegada (GONÇALVES, 2019).

No próximo capítulo, discutiremos noções morfológicas das abordagens gerativa e cognitiva, os panoramas em que se inserem, além de suas distintas maneiras de formular generalizações para formação de novas palavras e construções lexicais.

²⁸ Chamados por Rocha (1998) e Bechara (2009) de hibridismos.

4 A MORFOLOGIA E A CRIATIVIDADE LEXICAL EM PERSPECTIVA

Spencer e Zwicky (1998) assim introduzem sua obra “Handbook of Morphology”:

Morfologia é o centro conceptual da linguística. Não porque seja uma subdisciplina dominante, mas porque a morfologia é o estudo da estrutura, e palavras estão na interface entre fonologia, sintaxe e semântica. Palavras têm propriedades fonológicas, são articuladas juntas para formar frases e sentenças, suas formas frequentemente refletem suas funções sintáticas e suas partes são em maioria compostas de partículas menores de significado. Em adição, palavras contraem relacionamentos umas com as outras em virtude de sua forma; isto é, formam paradigmas e grupos lexicais. Por esta razão, a morfologia é algo que todos os linguistas têm que conhecer.” (SPENCER; ZWICKY, 1998, p, 1, tradução nossa).²⁹

A noção dos autores arremata o campo da morfologia como um ponto de encontro e conexão entre todas as outras áreas da linguística; esta base, em adição a todos os conceitos da morfologia já referidos e discutidos neste trabalho, nos permite parafrasear a terminologia em si como o estudo da organização morfêmica no nível interno à palavra e todas suas relações. Corpo importante dentro das possibilidades processuais da neologia, o domínio morfológico configura-se de maneiras muito distintas, a depender da vertente teórica que o tem por lente de pesquisa. Duas dessas vertentes, por conceberem a linguagem em paradigmas de cunho cognitivo, embora com diferentes lidas na compreensão da atividade linguística, chamam nossa atenção, no instante em que buscamos realizar uma análise aprofundada para expor e explicar a natureza tácita da criatividade lexical e suas inovações. São elas: a linguística gerativa, idealizada por Noam Chomsky na década de 50 como uma resposta ao estruturalismo vigente da época (XAVIER; MORATO, 2014), e a linguística cognitiva, conjunto de teorias originado a partir da ruptura com o gerativismo, cuja ideia compreende a linguagem como uma parte da cognição humana em ampla integração com todas as outras que compõem a mente. (CAVALCANTE; SOUZA, 2010).

Prosseguiremos a fim de compreender o tratamento morfológico nessas duas abordagens a respeito da criatividade lexical e refletir principalmente sobre as maneiras que ambas encontram de representar sistematicamente suas regularidades e generalizações. No

²⁹ “Morphology is at the conceptual centre of linguistics. This is not because it is the dominant subdiscipline, but because morphology is the study of word structure, and words are at the interface between phonology, syntax and semantics. Words have phonological properties, they articulate together to form phrases and sentences, their form often reflects their syntactic function, and their parts are often composed of meaningful smaller pieces. In addition, words contract relationships with each other by virtue of their form; that is, they form paradigms and lexical groupings. For this reason, morphology is something all linguists have to know about.” (SPENCER; ZWICKY, 1998, p. 1).

entanto, considera-se aqui uma ressalva frente à nossa investigação: ambas são teorias (ou conjunto de) por demais vastas para serem cobertas neste capítulo, portanto, serão elencados pontos de destaque imediatos aos objetivos deste trabalho, sem pretensão de exposição integral.

4.1 Criatividade lexical para a linguística gerativa

4.1.1 Panorama teórico e a morfologia nos estudos gerativos

O gerativismo emerge com Noam Chomsky de modo mais substancial com a publicação de sua obra *Estruturas Sintáticas*, em 1957, por meio da qual difundiu-se “uma teoria alternativa para lidar com estruturas sintáticas, libertando o linguista das amarras estruturalistas.” (HERMONT; LIMA, 2010, p. 27). Como uma proposta de solução às limitações do estruturalismo europeu (de Saussure) e do estruturalismo norte-americano (de Bloomfield), a gramática inaugurada por Chomsky trazia a sintaxe como uma espécie de categoria genuína dentro da linguística, visto que domínios outros da língua sempre tocavam sistemas cognitivos diversos: a fonologia interage com o sistema perceptual-articulatório, a semântica com o sistema conceptual, a morfologia interage com ambos em algum grau. A sintaxe, por si, parte da organização e da disposição dos elementos sentenciais, bem como de sua configuração relacional, na perspectiva de Chomsky, precedendo todas as outras instâncias (HERMONT; LIMA, 2010).

Segundo a teoria gerativa, a predisposição do humano à sintaxe da língua, capaz de “gerar” estruturas gramaticalmente possíveis, estaria muito mais condicionada a características biológicas inatas do que a estímulos externos e pura mimese (HERMONT; LIMA, 2010; KENEDY, 2013). Tal capacidade partiria da dita hipótese inatista e do princípio de que nossa espécie dispõe de um verdadeiro “órgão mental” conhecido por faculdade da linguagem, por meio do qual seríamos “programados” a adquirir e usar pelo menos uma língua natural (KENEDY, 2013). Segundo Kenedy (2013), “essa faculdade [...] possibilitará à criança analisar os estímulos da língua do ambiente (a língua-E) de forma a construir uma competência linguística (a língua-I)”. (KENEDY, 2013, p. 74). Assim, logo nos anos de vida iniciais, o homem faz uso desse mecanismo para alicerçar o todo o funcionamento de sua competência linguística.

Vejamos um exemplo simples. Ensina-se nas escolas que a (orto)grafia correta deve respeitar concordância flexional, como em (25).

(25) Os livros caíram.

No entanto, não é impossibilidade ocorrer de um aluno que domine tal padrão ser observado em situação menos controlada falando como em (26).

(26) Os livro caiu tudo em cima dele.

Muito naturalmente, o aluno trouxe toda a responsabilidade do plural para o artigo no início da sentença, que acaba por ter esse traço semântico replicado ao substantivo e ao verbo. E isso é um movimento natural passível de ser aplicado em estruturas diversas (*e.g.* “Os jogador correu tudo.”, “As nuvem sumiu tudo.”, “Os professor faltou tudo”), porém é pouco provável que o aluno fale como em (27) sem causar estranhamento.

(27) O livro caíram.

A sensação de agramaticalidade deve-se ao fato de tal estrutura não corresponder aos padrões sintáticos tácitos à competência linguística do falante de português e essa sensibilidade parece emergir cedo no indivíduo.

Conforme Rosa (2000):

O enfoque gerativista assume que **uma língua não é aprendida**. A linguagem não se constitui num hábito que alguém ou a sociedade ensina a um ser que não possui qualquer habilidade especial para isso e que aprende uma língua por um misterioso mecanismo de imitação. Ao contrário: o organismo humano já nasce preparado para a partir da exposição a uma língua selecionar as características nela presentes, e daí desenvolver a língua. Por essa razão, qualquer criança domina sua língua nativa tão rapidamente — mesmo aquela que, portadora de deficiências mentais, nunca alcançará grandes progressos escolares. (ROSA, 2000, p. 20, grifo nosso).

Por sua vez, a faculdade da linguagem relaciona-se à gramática universal, doravante GU, que seria uma espécie de configuração primária motivadora de todas as gramáticas. Na GU estariam enraizados princípios elementares das propriedades por trás da competência de falantes em diversas línguas, responsáveis por determinar a natureza da aquisição de linguagem e da competência linguística (KATAMBA, 1993, p. 8-9). De acordo com Katamba (1993), a estrutura própria à GU seria de caráter modular, bem como a estrutura de toda a cognição humana. Isto é, cada competência e capacidade cognitiva estaria encapsulada em um domínio próprio, ao ponto em que as processualidades ocorrentes na modularidade da linguagem não

necessariamente estariam conectadas a fatores, por exemplo, da modularidade da percepção visual e vice-versa.

Apesar da proposta gerativa para concepção da linguagem alterar-se com frequência ao longo do tempo,³⁰ rumo a uma adequação cada vez mais explicativa em vez de descritiva, em todas as suas faces e fases, as categorias que explanamos tão brevemente até aqui são compartilhadas em algum grau. Sua atualização mais recente é nomeada Programa Minimalista (PM), no entanto, esta não configura exatamente uma teoria inédita dentro do quadro teórico gerativista; aproxima-se mais de uma nova metodologia, cujo objetivo seria aperfeiçoar todos os processos das teorias anteriores minimalizando operações (XAVIER; MORATO, 2014). Nessa nova abordagem, cabe a importância de compreender noções do Modelo de Princípios e Parâmetros, já que essas mantiveram-se no Programa Minimalista, relacionando-se com noções outras, como a faculdade mental e a GU.

Segundo Kenedy (2013),

para a Teoria de Princípios e Parâmetros, a GU é o estágio inicial da aquisição da linguagem. Nesse estágio, a linguagem é formada por dois conjuntos de elementos. O primeiro deles são os Princípios universais, comuns a todas as línguas. O segundo são os Parâmetros particulares ainda não formatados pela experiência do indivíduo com a sua língua-E. Sendo assim, a teoria assume que a GU possuiu ativos os Princípios da linguagem desde o início da vida de um indivíduo, enquanto seus Parâmetros precisam ser ativados ao longo do tempo, de acordo com a língua do ambiente para a criança. (KENEDY, 2013, p. 97).

Assim, podemos compreender que os princípios correspondem a fatores recorrentes e de ponto comum em todas as línguas, no cerne da própria linguagem, inatos por excelência. Já os parâmetros correspondem às variáveis da processualidade linguística ativadas por motivação externa (*input*), de cunho individual e empírico, em uma (ou mais) língua materna.

É de se esperar que todo o foco sintático da perspectiva gerativa relegou à morfologia (assim como a outras dimensões da língua) lugar secundário por décadas. Para o gerativismo, não era objetivo trabalhar a palavra em suas relações morfêmicas como já tinham feito os estruturalistas, mas sim trabalhar a sentença em suas relações de sintaxe. Conforme Katamba (1993), apesar de os estudos morfológicos estarem estabelecidos com segurança na gramática gerativa atual, foi só a partir da metade dos anos 70 que a morfologia assumiu lugar significativo em suas reflexões. De acordo com o mesmo autor, “parte da razão da negligência da morfologia durante os primeiros anos da gramática gerativa era a crença de que a formação de palavras

³⁰ A Teoria Padrão, em 1965, a Teoria Padrão Estendida, no início da década de 70, a Teoria de Regência e Ligação e o Modelo de Princípios e Parâmetros, em 1981, e o Programa Minimalista, em 1995 (XAVIER; MORATO, 2014).

poderia ser adequadamente abordada se particionada entre fonologia e sintaxe.” (KATAMBA, 1993, p. 11, tradução nossa).³¹

Atualmente, a morfologia compete, mesmo no âmbito da gerativa, a um sistema independente, com uma rede de categorias próprias, regras para formação de palavras e princípios abstratos que regem a forma e o funcionamento das regras (SCALISE, 1986). Logo tal relevância dos estudos morfológicos sob perspectiva gerativa fortaleceu-se na literatura nacional a partir de autores como Basílio (2007), Rocha (1998) e Rosa (2000).

Rocha (1998) observa que a linguística gerativa favorece os estudos morfológicos devido ao tratamento da linguagem como algo mais primitivo, no senso de abrangente, à condição humana, algo que vai além da mera capacidade comunicativa. Assim, conforme o autor, uma morfologia pautada na competência linguística, sob perspectiva chomskyana, seria parâmetro apropriado a uma discussão das relações lexicais e sua importância genuína na linguagem.

Ainda, o autor abre paralelo entre o gerativismo e o estruturalismo, diferenciando metodologias e objetivos no trabalho com a morfologia. Enquanto nas teorias estruturalistas, a adequação descritiva da língua era excesso tal que separava a linguagem do próprio homem, e “dissecava” seus morfemas como se fossem experimentos laboratoriais, na teoria gerativa (desconsiderando-se suas décadas iniciais), preocupava-se em explicar o quê de nativo e inerente ao homem o motivava à construção e à desconstrução do léxico, nas palavras de Rocha (1998), motivações relacionadas a “sua capacidade de formar **novas palavras**, de rejeitar outras, de estabelecer relações entre itens lexicais, de reconhecer a estrutura de um vocábulo etc.” (ROCHA, 1998, p. 30, grifo nosso).

Basílio (2007), linguista pioneira na abordagem gerativa da morfologia no Brasil, descreve esse argumento de Rocha (1998) como um de dois aspectos relativos à contribuição do gerativismo para os estudos da linguagem: a possibilidade de abordar a língua como conhecimento, não como um objeto prescrito. De acordo com a autora, o segundo aspecto seria derivado da premissa do primeiro, pois apenas a partir de uma abordagem da linguagem como competência humana, seria possível discutir os padrões estruturais ou produtivos de formações lexicais novas mediante as necessidades comunicativas de nossa espécie (BASÍLIO, 2007).

Apesar dessas duas instâncias positivas, Basílio (2007) reconhece limitações da gramática gerativa no tratamento com a morfologia, pois sua abordagem formalista

³¹ “Part of the reason for the widespread neglect of morphology during the early years of generative grammar was the belief that word-formation could be adequately covered if it was partitioned between phonology and syntax.” (KATAMBA, 1993, p. 11)

desconsidera particularidades semânticas e funcionais de relevância no estudo do léxico. Ademais, o raciocínio de Basílio (2007) é compatível com a realidade dos processos formativos explanados no capítulo anterior, cuja abordagem exclusiva em termos sintáticos claramente não se faz possível, com destaque para processos como “extensão semântica” e “cruzamento vocabular”.

Basílio (2007) sugere que uma abordagem ideal da formação de palavras deve ir além e envolver a distinção entre sincronia e diacronia,³² as palavras já existentes da língua/os padrões de análise à formação de novas palavras e uma descrição que compreenda padrões gramaticais, semânticos e funcionais das palavras.

Na visão de Rosa (2000), cuja inscrição teórica também é gerativista, a importância de percorrer caminho da sintaxe até a palavra (e suas interfaces) fica explícita, quando a autora observa que

é preciso considerar a existência de princípios também no campo das palavras de uma língua — isto é, de sua **morfologia**. Somente desse modo se consegue explicar como as crianças dominam uma enorme massa de palavras de sua língua materna tão rapidamente também. (ROSA, 2000, p. 23, grifo da autora).

Dessa forma, acredita-se que não haja exagero em interpretar o sentido de “princípios” colocado por Rosa (2000) mediante o mesmo princípio explanado em nossa paráfrase sobre a Teoria de Princípios e Parâmetros, o que nos permite situar a relevância das operações morfológicas não apenas na língua, mas na própria linguagem, como parte constitutiva da própria competência linguística e, portanto, prevista na faculdade da linguagem. Vejamos agora maneiras à luz gerativista de se prever padrões próprios à criatividade morfológica e lexical.

4.1.2 *Produtividade, RFPs e RAEs*

No campo morfológico da linguística, quando falamos de produtividade, muitas vezes, estamos falando também de criatividade, cuja definição envolve a capacidade dos falantes em utilizar elementos finitos de sua língua para criar acervo infinito de palavras e unidades lexicais (KATAMBA, 1993), o que é curioso, pois os dois verbos de onde os termos derivam, produzir/criar, envolvem noções de origem sutilmente distintas. A priori, “produzir” parece carregar o peso de “produção”, de um processo artesanal, custoso, télico. Por outro lado, “criar”

³² Sobre a qual seremos mais específicos no capítulo seguinte, com relação à perspectiva de análise adotada neste trabalho.

traz um “q” bíblico em sua semântica que permeia sua aspectualidade, tal qual algo espontâneo, que surge, que existe de um instante para outro, atéllico. Com aspectos assim diversos, como perceber produtividade e criatividade como sinônimas em uma abordagem gerativista?

Ao passo de nossas reflexões até aqui, a gramática gerativa mostra nortear-se considerando o mental e o biológico, ponteados pela cognição — logo não há dificuldades em analogizar o produto lexical como existente nestas duas dimensões: uma delas produtiva, no sentido de considerar todo o aparato disponível e aperfeiçoado a partir da vivência e da imersão em determinado meio linguístico; outra delas, criativa, dada a praticidade inata e a espontaneidade da ocorrência, por exemplo, de uma nova palavra, cuja processualidade é sutil e complexa, mas instantânea, “mágica” em seu acontecimento. Em síntese, uma unidade lexical nova acaba por ser resultado fluido de um processo árduo. Assim, percebendo que a distância entre as denominações provém de um espectro coincidente, traremos a criatividade e a produtividade sob um mesmo cunho conceptual.

Rosa (2000) trata a produtividade mais diretamente, como uma formação de nova palavra motivada por uma Regra de Formação de Palavras (RFP) específica, capaz de prever, até certo ponto, a estruturação de palavras potenciais a partir da descrição de suas partículas e categorias lexicais. O termo RFP foi cunhado pelo morfólogo gerativista Aronoff (1976),³³ que as descreve como regras lexicais separadas das outras regras da gramática, ainda que não separadas de seus outros componentes — ou seja, com determinações sintáticas, semânticas e fonológicas. Basílio (1980), e também Rocha (1998), adota não só a RFP para tratar da produtividade lexical como também as Regras de Análise Estrutural (RAE), as quais seriam utilizadas pelos falantes para analisar novos itens lexicais não presentes em seu acervo de palavras, mas dedutíveis de seus conhecimentos morfológicos derivacionais. Em outras palavras, a RAE é a representação das analogias sistemáticas praticadas por um falante nativo ao interpretar uma nova palavra.

Na concepção de produtividade lexical de Basílio (1980), uma RFP específica baseia-se em uma RAE, de representação gráfica seguinte $[[X]_A Y]_B$, onde “[X]” é a palavra ou base de palavra original, “Y” é o morfema aplicado a “X”, “A/B” subscritos são as categorias lexicais da palavra/base original e da palavra produto e “[]” delimitam fronteira de palavra ou de formativo. Para uma explicação prática, observe:

(28) O motorista do ônibus me **janelou** pela segunda vez.

³³ Originalmente *Word Formation Rules – WFR*.

O falante que se depara com a unidade lexical “janelou” em (28) a analisaria sob a seguinte RAE:

(29) [[janel~~a~~]_{Subs.} ou]_{Verbo}

Logo, ao realizar essa análise, tácita ao processamento linguístico, o falante percebe que muitos substantivos adicionados do morfema verbal **-ou** têm potencial para se tornar verbos na terceira pessoa do pretérito perfeito, intuitivamente replicando a mesma regra para reconhecer novos verbos a partir de substantivos: “cadeirou”, “canetou”, “dedou”, “coisou”, “chapelou”.

Quando o falante trabalha essa RAE criativamente, para produzir uma nova palavra, tal processo pode ser representado por uma RFP, sistematizada a partir da seguinte fórmula $[X]_A \rightarrow [[X]_A Y]_B$, onde o “X” e o “A” antes da seta correspondem respectivamente à palavra de origem e sua classe lexical, enquanto a equação sequente à seta reproduz a exata RAE da unidade lexical. Observe o neologismo em (30), baseado na RAE retromencionada do exemplo (29):

(30) O desenhista **lapiseirou** rápido, até sair um esboço do que queria.

A RFP de **lapiseirou** seria:

(31) [lapiseira]_s → [[lapiseir~~a~~]_s ou]_v

Se aplicadas ao neologismo “Estressômetro”,³⁴ sugerido aqui como arremate dos exemplos, a RAE e a RFP seriam compostas da seguinte maneira:

(32) RAE: [[estress(ô)]_s metro]_s

RFP: [estresse]_s → [[estresse(ô)]_s metro]_s

De acordo com Rocha (1998), que também se usa do pareamento RFP/RAE para descrever processos produtivos de palavras, “Toda RFP corresponde a uma RAE. Ao criar uma palavra nova ou ao interpretar um novo item lexical, o falante demonstra conhecer a estrutura

³⁴ Aplicável a sentenças como “Não aguentei! Meu estressômetro explodiu e eu explodi junto!”.

do item recém-criado.” (ROCHA, 1998, p. 42). Considerando que a RFP (a regra de formação) contém em si a RAE (a análise da regra), levaremos em conta apenas a primeira, como o próprio Aronoff (1976), na análise do *corpus* recolhido para esta dissertação. Segundo Rosa (2000), o autor da categoria RFP observava a produtividade como um contínuo, sem distinguir análise e produção, e observaremos o fenômeno neológico consonantemente a esse raciocínio. No entanto, nossa abordagem ainda se aproximará mais das RFPs de Basílio (1980) que de Aronoff (1976), em vista de a autora trabalhar alternativas mais atualizadas de aplicação das regras de formação e oferecer críticas válidas à teoria do autor.³⁵

Assim, numa coalizão entre as ideias dos dois autores para a RFP, a pensaremos como uma operação efetivada em uma base lexical e relacionada a condições variáveis, influentes na produtividade da regra. Dessa forma, tanto a base (a raiz, a palavra) quanto o morfema que nela incide incorporam componentes diversos da língua, já mencionados em nossa definição de palavra, e a combinatividade entre esses elementos permeiam as condições a determinar se certa regra formativa é mais ou menos produtiva (ARONOFF, 1976). Como exemplo de condição, Rosa (2000) nos evidencia o fenômeno de *bloqueio* de uma RFP, quando esta concorre com outra RFP já aplicada à criação de uma palavra (ROSA, 2000). Em termos simples, tal evento é o que acontece quando tentamos aplicar a RFP [[X]s eiro]s à base “manobra”, quando a mesma já é contemplada pela RFP [[X]s ista]s na formação de “manobrista”. Posto que que **-ista** e **-eiro** são sufixos comuns para formar palavras designativas de uma profissão relativa à base, as RFPs de ambos não podem ocorrer simultaneamente na criação de uma unidade lexical de características idênticas de uso. Nas palavras de Rosa (2000), “o bloqueio resulta da interação da morfologia com o léxico: por mais produtiva que uma regra seja, não se aplicará a uma base se já existe uma palavra para aquela exata função.” (ROSA, 2000, p. 89).

Segundo Aronoff (1976), a coerência também “equaciona” o grau de produtividade de determinada RFP: “Quanto mais produtiva a regra, mais coerente é sua semântica” (ARONOFF, 1976, p. 86, tradução nossa).³⁶ Compreende-se assim que existem inúmeras variáveis a perfilar uma regra produtiva de palavras. No entanto, em vista de todos os processos produtivos de palavras que apresentamos, é notável a limitação das RFPs em representar com

³⁵ Na proposta de Aronoff (1976), por exemplo, deve-se obrigatoriamente indicar uma única categoria lexical para a base [X], respeitando a Hipótese de Base Unitária (HBU), que delimitava que um afixo não poderia ser aplicado em uma base com múltiplas categorias lexicais. Os argumentos de Basílio (1980) mostram que a realidade da categoria lexical da base é relativa, podendo variar em classe lexical e às vezes nem mesmo ser categorizável, no caso em que a base é formada por radicais presos. Logo, quando se fizer necessário, recorreremos a flexibilizações similares à que Basílio (1980) propõe para lidar com essa e outras questões da teoria inicial de Aronoff (1976) para as RFPs.

³⁶ *The more productive a rule, the more coherent its semantics.* (ARONOFF, 1976, p. 86).

abrangência tal quadro de possibilidades. Embora as RFPs consigam representar com alguma objetividade muitos processos morfêmicos e derivacionais, sua cobertura a fenômenos produtivos outros, em especial aqueles ditos por Gonçalves (2019) não concatenativos — cruzamento vocabular, truncamento, siglagem, formação por *splinters*, onomatopeia, extensão semântica — enfrenta restrições. Tal limitação nos leva de volta ao sintatocentrismo característico da gramática gerativa. Dessa forma, não parece coincidência que logo os processos alheios à dinâmica explicativa das RFPs gerativistas sejam conhecidos por suas especificidades semânticas intrincadas, que vão além da morfossintaxe. E dessa mesma instância parte a motivação do tema a ser tratado por nossa seção próxima: a origem das teorias linguístico-cognitivas em contraste à proposta chomskyana e ao tratamento “periférico” atribuído à semântica pela linguística gerativa (CAVALCANTE; SOUZA, 2010).

4.2 Criatividade lexical para a linguística cognitiva

4.2.1 Panorama teórico e a morfologia nos estudos cognitivos

Foi em 1989 que ocorreu a I Conferência Internacional de Linguística Cognitiva, com a criação da Associação Internacional de Linguística Cognitiva, evento considerado o nascimento da linguística cognitiva como a instituição teórica que vigora na atualidade (LEITÃO DE ALMEIDA *et al.*, 2010).

Segundo Cavalcante e Souza (2010), a linguística cognitiva

pode ser definida como uma miríade de abordagens teóricas e metodológicas que, apesar de diferirem umas das outras em vários aspectos, são unidas pela ideia central de que a língua não se caracteriza como uma faculdade modular e geneticamente determinada mas sim, como parte integrante do sistema cognitivo geral dos seres humanos. (CAVALCANTE; SOUZA, 2010, p. 63).

Fala-se aqui de um conjunto de teorias relacionadas em vez de uma abordagem unívoca em métodos e categorias. Ainda assim, é certo considerar que existe um eixo do qual cada teoria inscrita na linguística cognitiva não se afasta, motivado pela perspectiva não modular acerca da linguagem e as demais capacidades cognitivas humanas. Tal contraste à modularidade gerativista não só é explícito como também ponto de partida para concepções diversas também contrárias às que eram adotadas no quadro chomskyano de tratamento à linguagem (LEITÃO DE ALMEIDA *et al.*, 2010).

Ainda que o “cognitivo”, nesse caso, diga respeito ao tratamento da linguagem sob abordagem mentalista, com diferentes metodologias de representação, paradigma já inaugurado pelos estudos gerativistas, os cognitivistas caracterizam a categoria diferentemente. Em lugar do universalismo linguístico (decorrente da GU e seus princípios circundantes) e do inatismo, a linguística cognitiva valoriza a relativização da linguagem, cuja configuração decorreria de processos conceptuais e corporificados de experiência interativa, assumindo que a linguagem parte daquilo que o indivíduo linguístico “vive” em suas dimensões modais e simboliza (LEITÃO DE ALMEIDA *et al.*, 2010).

Logo compreende-se que não se deve empregar aqui o termo “linguística cognitiva” composicionalmente, uma vez que seu uso na comunidade acadêmica não é de atribuição a toda vertente teórica cujas implicações tocam no cerne cognitivo da língua (como a gerativa); é atribuído, sim, às vertentes teóricas que trabalham a cognição e a linguagem não modularmente, de modo a considerar “a atuação dos princípios cognitivos gerais compartilhados pela linguagem e outras capacidades cognitivas, bem como a interação entre os módulos da linguagem, mais especificamente, entre estrutura linguística e conteúdo conceptual.” (FERRARI, 2011, p. 14).

Percebe-se assim que muito da linguística cognitiva define-se em oposição à linguística gerativa, o que nos leva aos seus movimentos originários, desencadeado por autores inicialmente gerativistas, inscritos da semântica gerativa. De acordo com Ferrari (2011):

o termo foi inicialmente adotado por um grupo particular de estudiosos, entre os quais se destacam George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier, cuja vasta experiência de pesquisa em Semântica Gerativa motivou crescente insatisfação com o papel da Semântica/Pragmática no modelo [gerativista]. (FERRARI, 2011, p. 13).

Dessa forma, tais autores promoveram a cisão teórica com as proposições chomskyanas para a linguística. Embora seguissem concordantes em alguns aspectos nessa nova frente que inauguravam, o sintatocentrismo gerativista abria pouco espaço a fenômenos de importância ligados à semântica, como a metáfora e a metonímia, além da crença de que os paradigmas de Chomsky limitavam as possibilidades de estudos concernentes à linguagem (CAVALCANTE; SOUZA, 2010).

A perspectiva não modularista da linguística cognitiva marca não só a organicidade e unicidade de nossas capacidades mentais-cognitivas, como aspectos gerais caros a essa corrente teórica. Serve-nos de exemplo sua abordagem empirista relativa à linguagem, cuja ênfase promove a experiência humana e sua indissociabilidade do corpo humano. Sobre isso,

Ferrari (2011) nos afirma que “a investigação da mente humana não pode ser separada do corpo, de modo que a experiência, a cognição e a realidade são concebidas a partir de uma ancoragem corporal.” (FERRARI, 2011, p. 21). Em clara oposição ao inatismo da linguística gerativa, o experiencialismo cognitivo traz ao cerne da própria linguagem a corporificação e a dimensão ecológica — o ambiente — em interação com este. Em acordo, Cavalcante e Souza (2010) afirmam que a linguística cognitiva prefere trabalhar a linguagem como um produto advindo da interação entre a capacidade cognitiva do ser linguístico com seu meio, em vez de atribuir à linguagem o *status* de componente mental autônomo e independente.

A partir dessa abordagem, chega-se a uma concepção da própria realidade humana muito mais projetada que objetiva (em nova oposição ao gerativismo), na qual o próprio pensamento é observado gestalticamente, numa rede una de conceitos e categorias não atomizadas, que vão além do conjunto de blocos conceptuais regido por regras, tal qual os cognitivistas consideram a respeito da teoria gerativa. Tal tomada holística em suas epistemologias leva a linguística cognitiva além de si mesma, no sentido de assumir compartilhamento de hipóteses com áreas outras de conhecimento, cuja atuação envolva a mente e o cérebro, sobretudo as ditas ciências cognitivas — em suma, percebe-se um incentivo à interdisciplinaridade da rede teórica em questão, na lida com os estudos da cognição humana (FERRARI, 2011).

Dentre os avanços de maior relevância resultantes da emergência da linguística cognitiva, percebe-se a atenção teórica aos campos da semântica e da pragmática. A primeira, inclusive, como já observado, foi motivação primária à cisão com a teoria gerativa de Chomsky, enquanto a segunda é exposta como um *continuum* da primeira, de igual valia na construção do significado; não se chega à coerência semântica de uma construção de outra forma que não seja a partir do próprio uso (ALMEIDA *et al.*, 2010). Sobre a relação entre ambas as categorias, Langacker (1987), um dos precursores da linguística cognitiva, observa que “a distinção entre semântica e pragmática é basicamente uma questão de grau e conveniência descritiva.” (LANGACKER, 1987, p. 126).³⁷ Isso porque, de acordo com o autor, todo nosso conhecimento é essencialmente enciclopédico, o que nos leva a outras duas categorias caras à abordagem cognitiva da linguagem: o conhecimento de dicionário e o conhecimento enciclopédico. (LANGACKER, 1987).

Conforme explica Ferrari (2011), o conhecimento do dicionário diria respeito ao significado das palavras (relativo à semântica) enquanto o conhecimento enciclopédico

³⁷ “[...] the distinction between semantics and pragmatics is basically a matter of degree and descriptive convenience.” (LANGACKER, 1987, p. 126).

corresponderia ao conhecimento de mundo, não linguístico da palavra (relativo à pragmática), no entanto, a autora também esclarece sobre a problemática de emplacar ambas as categorias dissidentemente. Para os cognitivistas, o conhecimento enciclopédico engloba o conhecimento de dicionário pelo fato de que a dinâmica semântica de uma palavra não se sustenta fora do contexto em que é utilizada (FERRARI, 2011).

A título de exemplo dessa noção, observemos a sentença (33):

(33) O **cachorro** do meu irmão foi atropelado.

Desta forma, em que (33) é limitada ao mero “preto no branco” desta folha (ou página virtual), não é possível compreender toda possibilidade de significado do substantivo em destaque a partir do conhecimento de dicionário, que nos permitiria, em uma primeira instância, interpretar que o animal do qual o “irmão” era dono sofrera um acidente. No entanto, o conhecimento enciclopédico (motivado por um contexto de uso, pela pragmática) nos permitiria resultados semânticos muito mais amplos — até imprevisíveis —, entre os quais **cachorro** poderia significar um xingamento a revelar o tipo de relação afetiva circunstante entre o falante da sentença e o “irmão”. Tal reflexão ainda nos leva a pensar que a perspectiva da cultura e da diversidade linguística permeia e “filtra” ainda mais o contexto usual da linguagem, uma vez que, a partir de nosso mesmo exemplo, **cachorro** poderia receber conotações tão diversas que não cabe aqui enumerá-las. Da mesma forma, tal fluidez semântico-pragmática poderia bem ser aplicada diferentemente ao verbo **atropelado** (ou qualquer outra unidade lexical), se tomássemos por contexto uma pessoa visitando o irmão com seus filhos, os quais “atropelariam” o animal com a agitação da chegada, entre outras infindas possibilidades pragmáticas. Assim, sob a luz de Ferrari (2011), é possível compreender a maneira como o item lexical (ou a construção) se comporta na observância da linguística cognitiva: “não funcionam como ‘pacotes’ que armazenam o significado, mas atuam como **pontos de acesso** para sistemas de conhecimento” (FERRARI, 2011, p. 20). Dessa forma, os itens do léxico atuam como pontos para que o falante acesse redes de conhecimento enciclopédico, num *continuum* semântico e pragmático.

Basílio (2010), ainda que conhecida por sua inscrição na abordagem gerativa da linguagem, favorece a aplicação da linguística cognitiva na formação de palavras em três pontos: 1) a atenção diferenciada à semântica; 2) a condição de que a unidade linguística se estabelece pelo uso (pela pragmática); 3) a concepção de categorias não discretas para a linguagem. O terceiro fator envolve justamente a perspectiva holística das teorias cognitivistas,

por meio da qual se previnem delimitações absolutas que encapsulem domínios e conceitos, na contramão das práticas teóricas estruturalistas, por exemplo, cuja rigidez de classificações não abriam espaço às irregularidades inerentes à própria língua. Ainda assim, Goldberg (2006) nos mostra que a linguística cognitiva não nega a importância de generalizações, tomando-as como essenciais para a linguagem, sem as quais padrões poderiam variar arbitrariamente, imotivados. Compreende-se assim a linguística cognitiva como uma abordagem pautada no seguinte equilíbrio: as generalizações da linguagem existem e são flexíveis.

Muito se poderia falar sobre uma epistemologia tão vasta, no entanto, não cabe a este trabalho interpelar ao tema de modo mais que introdutório, breve e adequado ao espaço e objeto de nossa pesquisa. Assim, antes de passar às implicações da morfologia no âmbito da linguística cognitiva, ressaltemos alguns interesses investigativos da vertente em pauta na lida com a linguagem e a cognição, por Cavalcante e Souza (2010):

- A pesquisa em LC pauta-se, mais especificamente, pela investigação:
- de características e fenômenos linguísticos que emergem do processo de categorização (entre esses, destacam-se prototypicalidade, polissemia, modelos cognitivos, imagens mentais e metáforas);
 - de princípios funcionais das línguas naturais (iconicidade, por exemplo);
 - da interface conceptual entre sintaxe e semântica (aspecto explorado, principalmente, pelos paradigmas da Gramática Cognitiva e da Gramática de Construções);
 - das bases experienciais e pragmáticas da linguagem em uso e, de forma mais ampla, portanto, da relação entre linguagem e pensamento. (CAVALCANTE; SOUSA, 2010, p. 64).

Afora tais tópicos, também valem ao interesse da linguística cognitiva assuntos concernentes à percepção, atenção e memória (CAVALCANTE; SOUZA, 2010, p. 64).

De acordo com Langacker (1987, 2009, 2013), na abordagem cognitiva, a morfologia em sua toada clássica (o estudo dos morfemas e suas relações em nível lexical) participa de um contínuo de estrutura simbólica entre o léxico e a sintaxe, e as fronteiras entre cada um desses componentes não são significativas, uma vez que a gramática não constitui nível formal de representação autônomo, alheio à dimensão semântico-pragmática da linguagem. Nessa corrente teórica, a própria natureza da gramática (logo do léxico, da sintaxe, da morfologia) é simbólica, compondo a convenção da estrutura semântica (LANGACKER, 1987, 2008, 2013).

Assim, observando-se o modo como se estabelece uma interação entre o *continuum* léxico-morfossintático com o *continuum* semântico-pragmático, percebe-se um “*continuum* entre ‘*continuums*’”; por meio deste, a linguística cognitiva conecta todas as categorias componenciais da linguagem, antes tão discretas, para compor uma única estrutura simbólica,

formada, mas não separada, por um polo semântico e um polo fonológico (LANGACKER, 2009). Em outras palavras, fala-se aqui de significado e forma, porém compreendidos em uma relação inerente não levantada por teorias linguísticas antecessoras, motivada pela linguagem em uso — unidade também chamada de construção, conforme já explicitado em nossa seção sobre o termo “palavra”. Logo, em nosso trabalho, nas instâncias em que assumirmos uma lente teórica cognitiva no tratamento de nosso *corpus* de análise, toda nossa preocupação com os componentes do léxico deverá ter uma atenção especial à pragmática da situação interativa.

A gramática cognitiva originou-se da gramática dos espaços, por Langacker (1987, 2008, 2009, 2013), e, de acordo com Oliveira (2010), traz a proposta de explicar as motivações da língua, considerando-a em uso efetivo e em relação com outros fenômenos da cognição geral, da qual a própria linguagem é parte. No entanto, tal premissa abre ângulos tão diversos que, assim como a linguística cognitiva não constitui uma única teoria à linguagem, a gramática cognitiva é representada em modelos diversos (aproximados pela premissa supradita), dos quais nosso interesse de abordagem pleiteia a gramática de construções, especificamente derivada dos pressupostos teóricos de Adele Goldberg (1995, 2006).³⁸

Nosso trajeto teórico situa-se em parte ainda mais específica da abordagem gramatical construcionista, cuja explicação realiza-se por Souza (2010) da seguinte forma: “o termo ‘gramática de construções’ refere-se a um grupo de teorias sintáticas que tomam como objeto básico de análise sintática a ‘construção’ e não unidades sintáticas atomizadas.” (SOUZA, 2010, p. 126). Novamente percebe-se aqui o cuidado da linguística cognitiva com a atomização de categorias, ainda que a afirmativa mencionada envolva um cunho “especialista” relacionado à sintaxe. Contudo pode se compreender nesse caso que a proposta cognitiva intenta mais uma análise do micro para o macro, que uma cisão de categorias a fim de classificá-las como autônomas.

Em vista de que nossa atenção com a construção envolverá mais diretamente o nível lexical e morfológico, trazemos aqui a morfologia construcional como ramo final de nossa contextualização teórica à linguística cognitiva. Idealizada por Booij (2010), a morfologia construcional prerrogaria princípios ideais à observação das relações entre o léxico, a semântica, a sintaxe e a morfologia na formação de construções, em nível de frase e de palavra (GONÇALVES, 2016b).

³⁸ Outras abordagens da gramática cognitiva mencionadas por Oliveira (2010) seriam a gramática radial de construções, de Croft, a semântica das “classes fechadas”, de Talmy, e a teoria de mesclagem, de Fauconnier e Turner.

Vejam na próxima seção como a linguística cognitiva aborda a criatividade construcional, além de suas possibilidades representativas para aplicação em nossas análises de neologismos, com base em esquemas produtivos.

4.2.2 *Produtividade e esquemas construcionais*

Booij (2010) afirma que a morfologia construcional busca aprimorar a compreensão de unidade entre sintaxe, morfologia, léxico e semântica de palavras complexas, no entanto, levando em conta a rede de diferenças e semelhanças das construções. Nessa perspectiva, a relação entre os componentes linguísticos parece ser a chave para a criatividade e produtividade lexical. Observemos se as afirmativas de outros autores corroboram ou não tal hipótese.

Segundo Langacker (2008), a produtividade construcional é relacionada ao grau de acesso a determinado esquema capaz de produzir novas expressões. Ou seja, quanto maior o uso de determinado padrão formativo para criar novas construções, mais produtivo esse padrão será. O autor prossegue sua reflexão sugerindo certa proporcionalidade entre produtividade e generalidade, cuja síntese envolve a noção de que esquemas mais gerais são mais produtivos, esquemas menos gerais são menos. Proporcionalidade em comum acordo com uma afirmativa de Goldberg (2006), sobre o papel da categorização e da generalização na linguagem: “há ampla evidência de que generalizações são essenciais à linguagem.” (GOLDBERG, 2006, p. 58).

Esses esquemas construcionais, apesar de similares às RFPs da literatura gerativa, expandem as representações às categorias semânticas. Mais especificamente, os esquemas compõem um conceito básico e recorrente nas teorias cognitivas, e são descritos por Cavalcante e Souza (2010), a partir da definição de Oakley (2008), “como uma representação cognitiva que compreende uma generalização sobre similaridades percebidas entre diferentes instâncias, ou seja, entre as diferentes experiências vivenciadas pelos seres humanos cotidianamente.” (OAKLEY, 2008 *apud* CAVALCANTE; SOUZA, 2010, p. 71). Logo, ao produzir uma nova palavra, o falante não estaria remetendo-se apenas à ativação de uma regra, mas a todas as relações semânticas — socioculturais, empíricas — vinculadas ao aspecto conceptual da nova construção.

A criatividade lexical, sob a perspectiva de Langacker (1987), diz respeito à emergência de novas expressões, no que se refere àquelas elaboradas com base em processos semântico-pragmáticos (como a extensão semântica e a linguagem figurada) ou às elaboradas a partir de mecanismos gramaticais usuais de formação (derivação, composição).

Bybee (2010) pontua que a produtividade e a criatividade relativas aos esquemas de novas construções têm fonte importante na capacidade humana de expandir os espaços esquemáticos a partir de novas construções, destacando este processo no que concerne à base criativa a partir de experiências prévias armazenadas na memórias. Logo, sob essa ótica, a ocorrência de um neologismo pode muitas vezes caracterizar não só um processo, mas uma cadeia de processos — uma rede —, dada a possível retroalimentação em níveis variados da língua (semântico, morfológico).

A autora realiza ainda alguns contrastes sobre o grau produtivo de construções em concordância com as ideias de Langacker (1987), concebendo a produtividade em conjunto com fatores outros, como: a esquematicidade, que, se baixa, pode limitar o quão produtivo determinado item é, por ser menos previsível, por isso menos geral; ou a frequência de tipo, cujo grau elevado resulta em maior produtividade ou possibilidade de que determinada construção possa ser expandida em novos esquemas (BYBEE, 2010).

Goldberg (2006) elenca pelo menos quatro fatores relevantes para predizer a produtividade de um padrão: 1) o número de ocorrências em que o padrão ocorre, chamado também de frequência de *token* ou grau de entrincheiramento; 2) sua preempção estatística, isto é, a recorrência da palavra em determinado padrão; 3) a frequência de tipo mencionada por Bybee (2010), que é o número absoluto de itens diferentes produzidos a partir de um mesmo padrão; 4) a variabilidade dos itens produzidos por um padrão, conhecida como grau de abertura. Todos esses critérios trabalham algum tipo de relação em sua processualidade, reforçando a hipótese de que, para a linguística cognitiva, as motivações da criatividade/produtividade lexical tenham essência nos elos componenciais da linguagem. Tanto a frequência de *token* quanto a preempção estatística, relacionadas à ocorrência e recorrência de itens individuais em determinado padrão, tomam medida em comparação com outras possibilidades para aquele padrão; como exemplo nosso, especificamente para esclarecer como o entrincheiramento da frequência de *token* relaciona-se à preempção, vejamos as construções lexicais demarcadas em (34):

(34) Quem nasce em Belo-Horizonte é **belo-horizontino** não **belo-horizontense**, seu zé ruela!

Percebe-se em (34), levando em conta possibilidades discursivas mais comuns,³⁹ o uso do sufixo gentílico **-ino** é favorecido em lugar do sufixo **-ense**, posto que, apesar de ambos terem valência semântica similar, a palavra frequente praticada na primeira forma bloqueia o uso da segunda, caracterizando maior preempção.

Da mesma forma, os critérios de frequência de tipo e grau de abertura também se baseiam em relações, desta vez concernentes à categorização de itens/construções com aplicações semântico-pragmáticas aproximadas. Goldberg (2006) também afirma que a frequência de tipo tem ligação direta com a produtividade, destacando:

construções que apareceram com muitos tipos diferentes são mais prováveis de aparecer com novos tipos do que construções que só apareceram com poucos tipos [...] Um padrão é considerado extensível por falantes apenas se eles tiverem observado o padrão sendo estendido. (GOLDBERG, 2006, p. 99, tradução nossa).⁴⁰

Tal afirmativa, refletida em par ao nosso objeto, nos fazer perceber que os próprios processos formativos lexicais presentes nos neologismos, sejam eles concatenativos ou não, envolvem processos cognitivos de categorização, além da prerrogativa de que o neologista baseia porção significativa de sua prática em suas experiências linguísticas de mundo.

Após nossa brevíssima contextualização sobre a produtividade em perspectiva da linguística cognitiva, cabe reiterarmos a presença e a importância da unicidade e do não encapsulamento dos componentes linguísticos — e cognitivos — nas potencialidades criativas da linguagem, no que diz respeito às construções de todo nível, em especial, os de nosso interesse: o nível morfológico e o nível lexical. Todo o funcionamento linguístico-cognitivo processa-se e produz-se em rede, em relações, em *links*. Em nosso próximo passo teórico, entenderemos melhor como isso se configura morfológicamente nas construções, a partir das hierarquias de herança.

Sobre relações de herança e construções, Goldberg (1995) apresenta a seguinte notação: “Construção A motiva construção B se e somente se B herda A.” (GOLDBERG, 1995, p. 72, tradução nossa).⁴¹ Desse modo, na gramática construcional, toda motivação definida em nível

³⁹ Aplicável, por exemplo, a uma conversa informal entre colegas que gostam de zombar um ao outro e um deles tira vantagem do deslize do companheiro.

⁴⁰ *Constructions that have appeared with many different types are more likely to appear with new types than constructions that have only appeared with few types. [...] A pattern is considered extendable by learners only if they have witnessed the pattern being extended.* (GOLDBERG, 2006, p. 99).

⁴¹ “[...] construction A motivates construction B iff B *inherits* from A.” (GOLDBERG, 1995, p. 72, grifo da autora).

de relação entre construções decorre de heranças, em que uma das construções (a motivadora) assume papel dominante e a outra (a motivada) é dominada, herdando propriedades.

Conforme nos explica Gonçalves (2016b), cujo trabalho envolve a aplicação da morfologia construcional no contexto da língua portuguesa do Brasil, os tipos de herança seriam também responsáveis por caracterizar as construções morfológicas e seus esquemas. Remetendo-se à proposta de Goldberg (1995), Gonçalves (2016b) descreve quatro tipos de heranças — por polissemia, por extensão metafórica, por subparte, por instanciação — cujas particularidades são descritas como segue.

Goldberg (1995) define a herança por polissemia como a relação semântica entre um sentido inicial de uma construção e qualquer extensão desse sentido. Gonçalves (2016b) exemplifica a atuação dessa herança no campo morfológico por meio de um processo derivacional sufixal, com o sufixo deverbal **-dor**, trazendo em pauta a polissemia do formativo, uma vez que seu significado prototípico de “agente”, quando usado para definir seres humanos (tratador, comedor, ligador), pode ser estendido também a objetos, embora objetos não sejam “agentes” por si só (nebulizador, liquidificador, apagador).

Links de herança por extensão metafórica, conforme explicado por Goldberg (1995), envolvem construções relacionadas por mapeamento metafórico. Nessa instância, a conexão se estabelece a partir da metáfora conceptual das construções. Entretanto cabe compreender que a metáfora para a linguística cognitiva é um fenômeno de grande relevância à linguagem em âmbito geral (GOLDBERG, 1995). Segundo Ferrari (2011), a metáfora é “um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro. [...] para cada metáfora, é possível identificar um domínio-fonte e um domínio-alvo.” (FERRARI, 2011, p. 92). Assim, a herança por extensão metafórica localizaria a construção dominante como domínio-fonte e a construção dominada como domínio-alvo, compondo em verdade uma relação entre domínios conceptuais diferentes ligados por características comuns. Na morfologia de construções, Gonçalves (2016b) exemplifica a ocorrência desse tipo de herança com o formativo diminutivo **-inho**, em instâncias nas quais características do significado do domínio-fonte mantêm-se no significado do domínio-alvo; como no doce “casadinho”, onde suas duas partes são comparadas metaforicamente a um pequeno casal, “grudado” (GONÇALVES, 2016b).

Na herança por subparte, a subparte de uma construção — um fragmento, um *splinter*, uma truncação — liga-se a outra construção, existindo na nova construção independentemente de sua unidade de origem (GOLDBERG, 1995). Gonçalves (2016b) categoriza formações por recomposição e por *splinters* como pertinentes a esse tipo de herança, destacando que uma de

suas características é a alta produtividade dessa subparte na formação de novas construções. Entre os processos de formação de palavras neológicas evidenciados neste trabalho, podemos mencionar ocorrências mais diretas de herança por subparte no cruzamento vocabular, no truncamento, na reduplicação e na formação por *splinters*.

A herança por instanciação, conforme explica Goldberg (1995), aplica-se quando dada construção é um caso específico de outra. De outra forma, tal tipo de herança constitui relações nas quais as construções são constituídas mediante uma instância especial. Gonçalves (2016b) exemplifica essa herança morfológicamente, a partir de um esquema apresentado pelo formativo **-eira**, quando utilizado para formar construções lexicais relacionadas a nomes de instrumentos (iogur**teira**, bated**eira**). O autor mostra que o esquema apresenta variáveis condicionadas à classe da base lexical de aplicação, variando entre **-eira**, no caso de bases nominais (inhoque**ira**, licore**ira**, vapore**ira**), e **-deira**, no caso de bases verbais (descascade**ira**, fritade**ira**, frigide**ira**) (GONÇALVES, 2016b). Logo o que define a formação construcional nesse caso é a instância de uso em suas definições de categoria lexical. Percebe-se assim que a herança por instanciação trata das conexões construcionais, cujo embasamento envolve alguma condicionalidade e conseqüentemente a ramificação de um subesquema originado desta.

Além dos quatro tipos de herança descritos por Goldberg, Booij (2010, 2013) introduz também a noção da herança *default*, na qual uma construção tem por padrão acesso a todas as propriedades predizíveis em seus esquemas dominantes; isto é, há características básicas herdadas muitas vezes perdidas na atualização dos esquemas mais imediatos de uma construção. Nas palavras de Gonçalves (2016b),

a herança *default* é uma operação lógica que torna possíveis generalizações para itens que não possuem todas as propriedades do protótipo. Sua inserção no paradigma, garantida por algumas características em comum com o protótipo, é possível por *default*. (GONÇALVES, 2016b, p. 36).

Gonçalves (2016b) nos exemplifica essa noção com o sufixo **-nte**, em geral utilizado com bases verbais para formar substantivos (presidente, gerente, agente), aplicado excepcionalmente a bases nominais (feirante, cadeirante). De outra forma, compreende-se que a herança *default* trabalha ressalvas de generalização em construções cuja relação com seus esquemas não é óbvia em todos os quesitos, mas ainda assim é evidente.

Logo, sob compreensão de como se estabelecem os cinco tipos de herança em novas construções, vejamos a seguir como se dá a representação esquemática propriamente dita de alguns fenômenos criativos morfológicos.

Sob perspectiva da morfologia construcional, Gonçalves (2016b) descreve os esquemas como padrões generalizados de forma e conteúdo, contenedores de traços comuns entre os dois polos em determinadas instâncias, de potencial produtivo a novas construções. De acordo com o autor, os três principais processos de formação de palavras poderiam ser assim representados, esquematicamente:

- (a) Composição: $[[X]_X [Y]_Y]_s$
- (b) Sufixação: $[[X]_X Y]_Y$
- (c) Prefixação: $[X [Y]_Y]_Y$ (GONÇALVES, 2016b, p. 18).

As variáveis X,Y correspondem ao corpo fonológico da construção lexical, seja uma base ou um afixo, enquanto os subscritos X,Y referem-se às classes lexicais. Logo lê-se no esquema (a), de composição, que a concatenação de duas bases de categorias lexicais distintas resulta em um composto de classe substantiva, identificado com o subscrito *s*. No esquema (b), compreende-se que uma base de dada classe lexical ao ser acrescida de um sufixo é produtiva de uma nova construção lexical de classe distinta; em outras palavras, chega-se à prerrogativa já conhecida de que sufixos frequentemente alteram a classe lexical da base (GONÇALVES, 2019). No esquema (c), identifica-se que a aplicação de um prefixo a determinada base não altera sua classe de origem (GONÇALVES, 2016b). Observemos os exemplos de (35), elaborados em analogia aos exemplos do autor a partir de algumas palavras já demonstradas neste trabalho:

- (35)
- (a) Composição “porta-aviões”: $[[\text{porta}]_{\text{Verbo}} [\text{aviões}]_{\text{Subs}}]_{\text{Substantivo}}$
 - (b) Sufixação “socialismo”: $[\text{social}]_{\text{Adj}} \text{ — } [[\text{social}]_{\text{Adj}} \text{ ismo}]_{\text{Substantivo}}$
 - (c) Prefixação “interseção”: $[\text{seção}]_{\text{Subs}} \text{ — } [\text{inter } [\text{seção}]_{\text{Subs}}]_{\text{Substantivo}}$
- (GONÇALVES, 2016b).

Percebe-se aqui uma grande semelhança com as RFPs utilizadas na morfologia gerativa: há especificações fonológicas e morfossintáticas, mas nenhuma que valha diretamente à semântica e à pragmática. Em vista de complementar os esquemas construcionais, a proposta de Booij (2010, 2013) acrescenta à representação um adendo próprio às possibilidades semânticas envolvidas, geralmente postuladas à direita da equação entre aspas ou entre colchetes, como uma segunda equação vinculada à primeira por uma seta de mão dupla (\leftrightarrow), relacionando a forma ao significado (BOOIJ, 2010, 2013; GONÇALVES, 2016b).

As possibilidades representativas dos esquemas propostos pela morfologia construcional nos permitem lidar com limitações que encontramos ao utilizar as RFPs como ferramenta de análise de neologismos, como, por exemplo, a ausência de representação das generalizações em nível semântico. Além do fato de que classificar os esquemas à noção do tipo de herança envolvido na criação da nova palavra/construção trabalha relações importantes, necessárias e inerentes a motivações de produtividade lexical, não abordadas o bastante por meio das RFPs.

Em comprovação para essa afirmativa, trazemos aqui o neologismo “chimilimão”, da Imagem 1, integrante de nosso *corpus*, para refleti-lo sob a ótica da morfologia construcional:

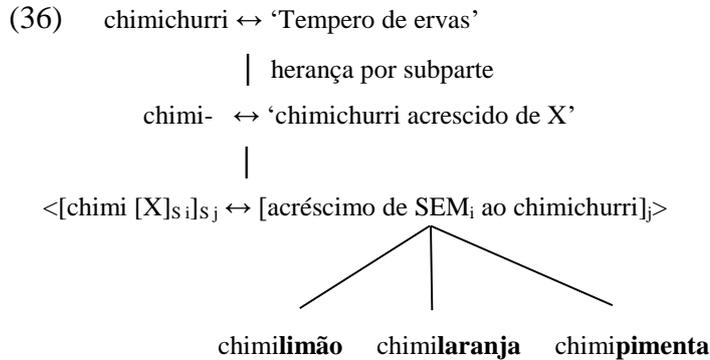
Imagem 1 – chimilimão (cód. 1)



Fonte: Fotografia do autor (2019)

Na palavra “chimilimão”, ocorre um processo de formação a partir de um *splinter*, isto é, de “um fragmento de palavra [...], geralmente resultante de um processo não concatenativo (cruzamento vocabular e encurtamento)” (GONÇALVES, 2016b, p. 42). Os *splinters*, como já discutido em seção respectiva, são formativos de difícil categorização: não são afixos, por originarem-se da redução de palavras inteiras, mas funcionam como tal, produtivamente acoplando-se ao fim ou ao início de outras palavras e bases. No caso da Imagem 1, a palavra resulta de duas camadas de processos formativos. Na primeira, a palavra “chimichurri”, nome de um tempero composto por várias ervas, sofre truncamento em sua forma para **chimi-**, deixando de ser um substantivo. No segundo processo, o fragmento **chimi-** passa a assumir o papel de prefixo, em uma relação de herança por subparte, e concatena-se com a palavra “limão”

para compor o significado da nova construção: chimichurri adicionado de limão. Logo, esquematicamente, poderíamos representar a construção neológica “Chimilimão” como segue:



Com o esquema demonstrado, conseguimos não só discriminar as motivações e generalizações por trás da construção neológica analisada (Chimilimão) como prever outras possibilidades de formações análogas, evidenciadas por elementos como o SEM, que envolve variáveis semânticas combináveis ao padrão, e toda sua estruturação, organizada em níveis e hierarquias de esquemas e subesquemas. A diferenciação entre esses é assim descrita por Gonçalves (2016b): “O esquema geral sanciona algumas opções e os subesquemas expressam quais delas são usadas produtivamente na formação de novas palavras” (GONÇALVES, 2016b, p. 30-31).

Assim, nota-se que a aplicação dos esquemas da morfologia construcional aos neologismos pode ser profícua em nossa metodologia de análise e se justifica na composição de nosso quadro teórico. Sigamos então à reflexão sobre nossa abordagem metodológica frente às teorias brevemente apresentadas, à constituição de nosso *corpus* e suas particularidades.

5 METODOLOGIA

Este capítulo tratará das particularidades metodológicas a amparar este estudo, dos procedimentos realizados durante a coleta, a seleção e a investigação de nosso *corpus* de análise, bem como da contextualização geral dos itens lexicais e do método de pesquisa aplicado. Busca-se a seguir também resgatar a questão-problema que motiva este trabalho e os respectivos objetivos a serem cumpridos para sustentação da pesquisa.

5.1 Problema e objetivos

Diante de nossa discussão teórica, alternante entre a linguística gerativa e linguística cognitiva, temos por hipótese que os neologismos participam da língua de modo mais intrínseco, primitivo, que acessório na vida do falante, seja na interpretação, seja na criação de uma nova palavra ou construção lexical. Porém, ainda que a ocorrência do fenômeno não seja rara, percebe-se que a literatura e o suporte teórico sobre o tema não são frequentes como o próprio objeto, e a terminologia “neologismo” parece dissolver-se em manuais de morfologia e formação de palavras, alheia a atenções mais específicas e diretas. Criou-se assim uma lacuna de conhecimentos sobre o neologismo potencial à investidura acadêmica, cujo vazio motiva a questão-problema que nos guia: como se configuram as práticas neológicas na criação lexical cotidiana — em gêneros escritos de ampla circulação na internet e nos âmbitos urbanos —, considerando-se suas particularidades processuais em nível semântico, morfológico, sintático e fonológico?

Em vista de viabilizar respostas profícuas ao problema e, principalmente, novas perguntas, nos ativemos ao objetivo principal de compreender os processos de neologismos como manifestações constantes de atualização linguística, presentes naturalmente no cotidiano de um falante. Para tanto, dedicamos nossas reflexões a partir dos seguintes objetivos específicos:

- Investigar papéis de componentes semânticos, morfológicos, sintáticos e fonológicos nas unidades lexicais neológicas;
- Compreender complexidades que envolvem o neologismo como expensor do léxico e, em consequência, atualizador constante da própria língua em várias instâncias;
- Distinguir, esclarecer e relacionar efeitos do neologismo, como fenômeno de criatividade e produtividade lexical.

Logo percebe-se aqui uma atenção muito direcionada aos processos mentais implicados em nosso fenômeno-objeto, razão outra pela qual elencamos o contexto gerativo-cognitivista como palco de nossas conjecturas acerca do fenômeno objeto, a fim de abarcar lentes teóricas que compartilhem a mente e a linguagem entre seus interesses, ainda que diferenciadas em suas concepções.

5.2 Abordagem metodológica

A fim de trabalhar a lacuna de conhecimentos evidenciada na literatura teórica sobre neologismos, decidimos abordar nosso objeto partindo do método hipotético-dedutivo, no qual parte-se justamente de lacunas e incoerência nos saberes como problema para, por meio de investigação, chegar-se a novos problemas e hipóteses, criando um *continuum* de contribuições acadêmicas (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Para tanto, as etapas da pesquisa realizada foram assim efetivadas: a) Colocação do problema-lacuna; b) Discussão de teorias pertinentes à construção de um modelo teórico para a pesquisa; c) Coleta de *corpus* para análise do objeto de estudo; d) Análise e categorização de exemplares com base no modelo teórico discutido; e) Apresentação de resultados e novas perguntas. A organização aqui descrita remete à interpretação de Bunge (1974) ao método hipotético-dedutivo, referido por Marconi e Lakatos (2003).

Nossa pesquisa é de teor qualitativo, por partir de experiências linguísticas individuais — da particularidade de cada exemplar — para compreender, descrever e explicar nosso objeto, mediante os instrumentos teóricos desenvolvidos neste trabalho (PAIVA, 2019). Ainda assim, haverá quantificações necessárias à qualificação de nosso *corpus*, como o número de vezes em que cada categoria de neologismo ocorreu, entre outras.

Cabe esclarecer também que as estratégias de pesquisa aqui praticadas são de caráter sincrônico. Antes, compreende-se que sincronia e diacronia “são conceitos distintos, mas complementares, usados na descrição linguística para indicar diferentes perspectivas de estudo na língua: sua investigação num momento específico (**sincronia**) ou sua abordagem através do tempo (**diacronia**).” (GONÇALVES, 2019, p. 30, grifo do autor). Dessa forma, como a própria natureza novitativa do neologismo envolve a avaliação se dada unidade lexical é nova ou não, em um momento específico da língua, a abordagem sincrônica torna-se necessária ao nosso tratamento do objeto de pesquisa.

5.3 Coleta e seleção de dados

Os dados do *corpus* de análise foram recolhidos entre julho de 2019 e março de 2020 por meio de fotografias, *downloads* de imagens e “printagens” por celular ou computador, compostos por neologismos de caráter escrito, realizados nos seguintes contextos:

- (a) Gêneros escritos de ampla circulação na *internet*: memes, tirinhas, charges, anúncios, *banners* digitais, publicitários, literários, comentários de redes sociais, entre outros “quase gêneros” veiculados nestas, como nomes de perfis;
- (b) Gêneros escritos e suportes de visibilidade corriqueira e pública no cenário urbano: suportes publicitários, anúncios, *banners*, faixas, cartazes, *outdoors*, placas, pichações, grafites, fachadas, jornais, adesivos de carro, embalagens de produtos, etc.

A consideração e o acréscimo de cada unidade lexical ao *corpus* de análise como neologismos potenciais efetivou-se numa primeira etapa a partir da sensação de novidade despertada no pesquisador, cujo perfil integra as seguintes características: 32-33 anos, classe média, professor de português na rede municipal de Belo Horizonte e escritor independente de literatura fantástica. Logo é importante compreender que o ato de coleta foi realizado em localidades, físicas e virtuais, ligadas às particularidades de rotina do pesquisador, não atribuindo aos itens neológicos recolhidos representatividade válida à realidade geral dos neologismos em Belo Horizonte ou nos sítios virtuais acessados.

As palavras sob suspeita de serem neologismos foram então sistematizadas, conforme apresentado no Quadro 1, com descrição e etiquetagem de código à unidade lexical, transcrição do texto em que se manifesta, informação e contexto pertinente à sua compreensão, além da data de coleta do exemplar. Todas as imagens referentes aos dados da pesquisa, assim como suas respectivas fontes, poderão ser acessadas por meio do *link* virtual apresentado no Anexo A.

Quadro 1 – Amostra de possíveis neologismos – jul. 2019 a mar. 2020

(continua)

Cód.	Possível Neologismo	Texto	Contexto	Data de coleta
1	chimilimão	Chimilimão	Etiqueta de preço em produto.	30 nov. 2019
2	rivoutrada	Hoje não tomei meu Rivotril tá. Tô rivoutrada .	Meme com imagem de cão pinscher rosnando.	21 jan. 2020
3	tarifômetro	Tarifômetro - Valor que os clientes conta digital economizaram em tarifas	Placar digital de instituição bancária.	14 nov. 2019
4	twistou	#Twistou	Copo descartável de refrigerante de <i>fast-food</i> .	11 jan. 2020
5	dez barra dez	Eis que tu vê que a 10/10 está com o Zé Droguinha .	Meme do personagem Harry Potter com expressão incrédula.	23 mar. 2020
6	Zé Droguinha			
7	shippo	Quando eu descubro que o casal que eu shippo tá junto	Meme de adolescente positivamente impressionada.	23 mar. 2020
8	patológicos	Eu: dessa vez vou prestar atenção na aula. Professor de biologia: agentes patológicos Minha mente: [meme mostra foto de patos vestidos como detetives]	Meme sobre dificuldade de concentração nos estudos.	9 out. 2019
9	Outrar-se	Outrar-se ou a longa invenção de mim	Título em capa de livro.	9 dez. 2019
10	mimimi	Não é mimimi , é discriMInação, é feMIInicídio, é Misoginia. [...]	Campanha publicitária de prefeitura sobre conscientização da violência à mulher.	16 out. 2019
11	hominho	O nome disso não é action figure. O nome certo disso é " hominho ".	Meme com imagens de bonecos de super-heróis.	3 jul. 2019
12	poliamor	Poliamor	Imagem virtual de três escovas de dentes diferentes no mesmo recipiente.	22 set. 2019
13	treta	Sua treta bate no meu deboísmo e volta.	Meme com foto de um bicho-preguiça, representando a calma.	17 set. 2019
14	deboísmo			
15	desumilde	Falar em humildade é tão desumilde . Agir com verdade é tão humano. (Daiane Rabelo)	Imagem virtual de site de mensagens.	26 out. 2019
16	de boas	Se você não está de boas , não venha desdeboar os deboadores .	Meme com foto de um bicho-preguiça, representando a calma.	17 set. 2019
17	desdeboar			
18	deboadores			
19	pipipipopopo	" pipipipopopo cigarro contém mais de 4700 substâncias tóxicas" Velho, 4700 substâncias tóxicas por 8 pila é muito barato	Tuíte sobre cigarro.	25 out. 2019
20	pila			
21	morena	Eis que a morena entende de memes	Meme com foto de celebridade do youtube com expressão de interesse.	29 out. 2019
22	cinco	Pra quem ficou até tarde secando, só tenho uma coisa a dizer: eu cinco muito.	Meme sobre jogo de futebol, no qual um time venceu por cinco a zero.	8 nov. 2019
23	Mulhere	Mulhere-se	Comercial televisivo sobre programa feminista.	16 jul. 2019

Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 1 – Amostra de possíveis neologismos – jul. 2019 a mar. 2020

(continuação)

Cód.	Possível Neologismo	Texto	Contexto	Data de coleta
24	completaça	Vendo ou troco Spim Ltd - 2015 - Completaça	Anúncio em vidro de carro.	14 ago. 2019
25	chocolateria	L'or Noir - Chocolateria e presentes	Fachada de loja.	14 nov. 2019
26	Assacabrása	Assacabrása	Fachada de restaurante.	16 nov. 2019
27	maratonar	Tim Black Família - Tela poderosa para maratonar suas séries na Netflix.	<i>Outdoor</i> de loja de operadora telefônica.	16 nov. 2019
28	Croasonho	Croasonho	Fachada de restaurante.	16 nov. 2019
29	Dilmônica	É a Dilmônica!	Capa de tabloide sobre eleição de Dilma à presidência da república.	25 nov. 2019
30	Musicoteca	Musicoteca – Escola de Música	Fachada de escola musical.	2 dez. 2019
31	Coreu	Barbearia Coreu	Fachada de barbearia.	2 dez. 2019
32	Ekipauto	Ekipauto	Fachada de loja automobilística.	21 dez. 2019
33	Pãodequeijaria	Pãodequeijaria	Fachada de lanchonete.	21 dez. 2019
34	xonei	Promo xonei Imaginarium. Os produtos que você ama com precinhos de apaixonar.	<i>Banner</i> de loja em shopping	28 dez. 2019
35	promo			
36	Nespresso	Nespresso	<i>Banner</i> de promoção em shopping.	28 dez. 2019
37	passdoria	Planos mensais de Passdoria que cabem no seu bolso	Anúncio em rede social.	9 out. 2019
38	Bolsolini	Bolsolini , o presidente Uber. Foi eleito por um aplicativo e está nas mãos de um motorista.	Meme sobre eleição de Bolsonaro à presidência.	20 set. 2019
39	trans-amor	Trans-amor	Pichação em muro.	3 mar. 2020
40	Fofocalizando	Fofocalizando	Comercial televisivo sobre programa de notícias envolvendo celebridades.	9 dez. 2019
41	inteligado	Intel. Inteligado em você.	<i>Slogan</i> em <i>banner</i> virtual.	22 set. 2019
42	cremosa	Quando sua cremosa tá on-line e não tá falando com você	Meme com foto de menino (criança) com expressão séria.	29 out. 2019
43	mitou	Você mitou . Agora é só esperar seus likes.	Meme com desenho de expressão convencida.	20 set. 2019
44	Zeca-feira	Quarta agora é Zeca-feira	Publicidade sobre cerveja, com o músico Zeca Pagodinho.	22 set. 2019
45	Snapwhatsgram	Oi gata, você tem snapwhatsgram ?	Meme de menino “paquerador” sobre a unificação de redes sociais.	8 nov. 2019
46	mineirizador	[Mãe falando para o filho] Fique quieto. [Caipira soltando um “raio de queijo” pelos olhos] Raio mineirizador! [Mãe falando para o filho] Sussega o facho.	Meme “tirinha” sobre expressão idiomática mineira.	29 jul. 2019
47	floodar	Para de ser [vulgar] e também de floodar o chat	Bate-papo em vídeo do youtube.	12 set. 2019
48	carnistas	Carnistas falando sobre não ser saudável dá até dor no útero! [...]	Comentário-resposta em rede social em publicação sobre produtos vegetarianos.	13 set. 2019
49	picolezeiro	Precisa-se de picolezeiro	Anúncio em site de empregos.	13 set. 2019

Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 1 – Amostra de possíveis neologismos – jul. 2019 a mar. 2020

(continuação)

Cód.	Possível Neologismo	Texto	Contexto	Data de coleta
50	viraliza	Vídeo de garotos pegando rabeira viraliza e vira meme nas redes sociais	Título de vídeo em blog.	30 set. 2019
51	cafecolate	Cafecolate	Cardápio de cafeteria.	29 dez. 2019
52	Trouxariano	[Nome da página: Trouxariano]	Tuíte sobre “boca virgem” (pessoa que nunca beijou).	7 out. 2019
53	BV	Eu sou bv sim, fala aí uma pessoa que vc viu eu beijando. Agr fala seus comédia KKKKK		
54	comédia			
55	nutella	Os menino nutella de hoje nem vão saber o que é isso.	Meme mostrando um prato com pedaços de cana-de-açúcar.	9 out. 2019
56	favoritar	Favoritar	Opção de classificação em aplicativo de filmes para celular.	19 out. 2019
57	twitteratura	"Twitteratura" seduz autores como alternativa para publicar histórias	Título de reportagem virtual sobre Twitteratura.	22 out. 2019
58	marvetes	Marvetes esculachando o Martin Scorsese na internet	Meme do “gato esnobe” sobre reação dos fãs dos filmes da Marvel às críticas de Scorsese.	22 out. 2019
59	desonline	Se eu não responder é porque eu to desonline	Título de vídeo do Youtube.	26 out. 2019
60	sonhário	[...]Pesquisador sugere adotar um ' sonhário ', um caderno de anotações do que foi vivenciado durante o sono[...]	Reportagem virtual sobre sonhos.	27 out. 2019
61	mosquitoeira	Mosquitoeira - Capture o mosquito da dengue com uma armadilha	Título de vídeo do Youtube.	28 out. 2019
62	jaquei	Jaquei e agora!? Low carb. Você mais fitness	Título de vídeo do Youtube.	30 out. 2019
63	Momonaro	Momonaro aparece em vídeos infantis ensinando a espalhar fake news e convence adultos que a reforma da previdência é boa	Meme com imagem editada de Bolsonaro com a face da “assombração do Whatsapp” momo.	3 nov. 2019
64	bolsonarismo	O bolsonarismo é um não às utopias.	<i>Banner</i> virtual publicitário sobre livro.	3 nov. 2019
65	audiolivros	Ubookapp. Maior plataforma de audiolivros e entretenimento da América Latina.	<i>Banner</i> virtual publicitário sobre aplicativo de audiolivros.	3 nov. 2019
66	passarinho	Eles passarão, eu passarinho : há 113 anos, nascia Mario Quintana.	Título de reportagem virtual sobre Mario Quintana.	16 nov. 2019
67	sextômetro	Sextômetro	<i>Banner</i> de loja virtual sobre a <i>Black Friday</i> .	20 nov. 2019
68	umbiguismo	# Umbiguismo - Conheço de quilo esse tipo de gente...	Publicação em rede social crítica a outra publicação compartilhada.	6 dez. 2019
69	belo-horizontês	Você é fluente em belo-horizontês ? Teste seu conhecimento no nosso quis de aniversário	Título de teste de conhecimentos lexicais regionais em jornal virtual.	12 dez. 2019
70	flextariano	Flextariano ? Búrguer de planta é pra quem come carne	Reportagem virtual sobre flexitarianismo.	12 dez. 2019
71	gatonês	Gatonês para iniciantes	Imagem em artigo de blog.	22 dez. 2019
72	reveillonar	Reveillonar -nos-emos. Como será a vossa troca de ano?	Publicação de página de rede social sobre humor e tema medieval.	28 dez. 2019

Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 1 – Amostra de possíveis neologismos – jul. 2019 a mar. 2020

(continuação)

Cód.	Possível Neologismo	Texto	Contexto	Data de coleta
73	lulopetismo	[...] se fosse um documentário mostrando a maior manifestação de rua da história do Brasil (contra o PT do lulopetismo) [...]	Tuíte de político.	15 jan. 2020
74	terrorspectiva	Terrorspectiva - Os 60 melhores livros brasileiros de Terror da Década (2010-2019)	Título de publicação virtual sobre livros do gênero terror.	31 dez. 2019
75	aff	Semáforo é atropelado em Indaiatuba e desabafa: " Aff "	Título de reportagem virtual sobre acidente com semáforo.	22 jan. 2020
76	photoshopa	Mãe " photoshopa " baratas na foto de filho que não quis tomar banho	Título de reportagem virtual sobre mãe que edita fotos do filho pelo Photoshop.	3 fev. 2020
77	cachorroplanistas	Convenção das pulgas cachorroplanistas	<i>Charge</i> crítica aos terraplanistas.	5 fev. 2020
78	sertãopunk	Conheça a nova sci-fi brasileira com sertãopunk , cyberagreste e amazofuturismo	Publicação de página de rede social sobre literatura de fantasia.	9 fev. 2020
79	cyberagreste			
80	amazofuturismo			
81	terra-redondistas	Terraplanistas & Terra-redondistas	Imagem em anúncio de bala em rede social.	13 mar. 2020
82	corônica	" Corônica " de viagem: a volta para casa de um brasileiro na Europa	Título de reportagem virtual sobre as dificuldades de um brasileiro em voltar para casa em cena pandêmica.	23 mar. 2020
83	tigrão	Tigrão dos pobres. Tchutchuca dos banqueiros.	Meme sobre Gilmar Mendes.	20 set. 2020
84	tchutchuca			
85	trollagem	Manual épico da trollagem : as melhores pegadinhas para fazer com seus amigos!	Título de livro.	26 mar. 2020
86	trollar	Como trollar os seus amigos que têm celular Android - TecMundo	Título de vídeo do Youtube.	26 mar. 2020
87	baile	A justiça quer interditar o Maracanã... Eles alegam que o estádio só tinha alvará pra jogo, não pra baile .	Tuíte elogioso sobre jogo de futebol.	26 mar. 2020
88	flopar	Se flopar ok, porque tem ZERO obrigações de hitar	Meme com imagem da artista Gretchen com expressão irritada.	26 mar. 2020
89	hitar			
90	vale-night	A posse desse bilhete permite sair desgrudado(a) do namorado ou namorada [...] em um dos dias do Carnaval. [...] O vale-night é pessoal, intransferível e libera abaixo o identificado para a folia sem aporrinhção.	Imagem de publicação em blog.	26 mar. 2020
91	googlar	Quero abrir uma empresa: vou " googlar " sobre isso, se existir, lá encontrarei quem possa me ajudar!	<i>Banner</i> virtual sobre empreendedorismo.	26 mar. 2020
92	Poupecast	Poupecast	Título de <i>podcast</i> sobre finanças.	26 mar. 2020

Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 1 – Amostra de possíveis neologismos – jul. 2019 a mar. 2020

(conclusão)

Cód.	Possível Neologismo	Texto	Contexto	Data de coleta
93	sororidade	Sororidade é: tratar uma mulher como você gostaria de ser tratada.	Imagem virtual sobre campanha à sororidade.	26 mar. 2020
94	infodemia	" Infodemia " e Covid-19: fluxo de informações e saúde mental em tempos de pandemia	Título de reportagem virtual sobre infodemia.	26 mar. 2020
95	crisofobia	Uso recente de termos como " crisofobia " e " islamofobia " é alvo de críticas e disputas por legitimidade	Lide de reportagem virtual sobre intolerância religiosa.	17 set. 2019
96	islamofobia			
97	sobremesariano	"Vegetariana?? Yecchh! Eu não sou vegetariano! Eu sou sobremesariano ."	Tirinha dos personagens Calvin e Haroldo.	26 mar. 2020
98	Experimentoteca	Experimentoteca	Título de blog sobre ciência.	26 mar. 2020
99	Digitau	Após ação no Conar, Itaú esclarece diferença entre "Digital" e " Digitau "	Título de reportagem virtual sobre polêmica publicitária.	26 mar. 2020
100	empoderam	Mulheres empoderadas empoderam outras	Imagem virtual de campanha feminista.	26 mar. 2020
101	paranauê	Esse manja dos paranauê	Meme com foto de sujeito peculiar "gingando" capoeira, de calça jeans e sapato social.	4 out. 2019
102	gamificação	O que é a gamificação e como ela é vantajosa para as empresas?	Imagem de publicação em blog sobre gamificação.	26 mar. 2020
103	empoderamento	Empoderamento	Imagem virtual sobre empoderamento, com várias mãos dadas ao fundo.	26 mar. 2020

Fonte: Elaborado pelo autor

Em uma segunda etapa, buscou-se averiguar a neologicidade de cada unidade lexical recolhida por meio de pesquisa em bibliografia lexicográfica, a fim de amenizar o aspecto subjetivo da sensação de novidade e proporcionar uma amostra mais crível à pesquisa de neologismos. Foram utilizadas as seguintes fontes para consulta dos neologismos potenciais:

- (a) Vocabulário ortográfico da língua portuguesa – Versão eletrônica (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2009);
- (b) Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa – Versão física (FERREIRA, 2009);
- (c) Dicionário Priberam da língua portuguesa – Versão eletrônica (DICIONÁRIO PRIBERAM, 2020);
- (d) Dicionário informal – Versão eletrônica (DICIONÁRIO INFORMAL, 2020).

Das fontes apresentadas, elencamos o Volp e o dicionário Aurélio por serem fontes de aspecto fixo, baseadas em registro impresso, além de serem reconhecidas na lexicografia brasileira e datarem nas edições escolhidas do mesmo ano de publicação, há mais de dez anos.

O dicionário Priberam foi escolhido por sua popularidade na internet e sua constante atualização, por tratar-se de um dicionário *online* (e não um banco de dados baseado em uma versão impressa, como no caso do Volp), contendo muitas vezes verbetes não encontrados nas duas referências lexicográficas supracitadas, ainda que seu acervo tenha apresentado pouca cobertura a termos mais informais.

Por fim, utilizamos o Dicionário Informal, também uma fonte digital, como meio de buscar registros lexicais das unidades lexicais mais coloquiais (*e.g.* vocabulários giriáticos) e captar extensões semânticas e acepções praticáveis, mas não expressas nas três fontes primeiras, pelo caráter fechado e institucional destas. Ao contrário das outras três fontes, o próprio usuário do Dicionário Informal pode cadastrar novas palavras e expressões idiomáticas, perfazendo um banco de dados orgânico e tempestivo sobre o léxico da língua, ainda que sujeito a erros relativos à subjetividade do cadastrante.

Cada um dos exemplares do *corpus* foi inicialmente submetido à consulta no Volp, a fim de identificarmos seu registro oficial no vocabulário da língua portuguesa.⁴² As palavras que não apresentaram entrada foram consideradas neologismos, salvo os casos: a) em que a palavra envolvia suspeita de extensão semântica; b) em que a palavra compunha nome próprio; c) em que a palavra apresentou registro em todas as outras fontes.

Em seguida, as unidades lexicais foram consultadas junto ao dicionário Aurélio, a fim de que fossem averiguadas tanto a recorrência de seu registro quanto suas características

⁴² Verbos foram consultados em sua forma infinitiva, como “passarinhar” de **passarinho** (cód. 66), e “cincar” de **cinco** (cód. 22).

semânticas, que não são verificáveis no Volp. Nessa fonte, buscou-se confirmar a presença da acepção específica da palavra relacionada ao uso no texto de origem. Palavras cuja entrada constou no Volp, no dicionário Aurélio, mas não apresentou acepção apropriada ao uso do texto de amostra foram também consideradas neológicas.

O dicionário Priberam e o Dicionário Informal serviram, nessa respectiva ordem, como suporte à confirmação de registros lexicográficos mais atuais das unidades lexicais, com atenção mais específica às acepções que fossem coerentes com seus textos de origem. Exemplos gíriáticos — em geral, extensões semânticas — exigiram cuidados maiores na medição de sua novidade, uma vez que, por não terem registro oficial e institucionalizado, apenas a sensibilidade do falante pode definir se elas deixam ou não de serem novas em seu meio de uso. Dessa forma, foi considerada a data de registro das gírias encontradas no Dicionário Informal, favorecendo-se o *status* neológico caso a entrada fosse datada de 2009 em diante. Em casos ainda mais específicos de gírias, a neologicidade da amostra foi também trabalhada por meio de inferências pessoais e pesquisa complementar na *internet*, como nos casos dos itens “tchutchuca” (cód. 83) e “tigrão” (cód. 84): ambos foram excluídos do *corpus* de análise, mesmo apresentando uma única ocorrência, cada, entre as quatro fontes lexicográficas, pois a música intertextualizada pelo meme em que se incluem as palavras foi gravada em 2001, quase há 20 anos (GZH, 2019) — não há mais novidade em seu uso.

Medidas complementares de exclusão de *corpus* foram também adotadas no caso dos exemplares que constituíam nomes próprios. Por vezes, a elaboração do nome de marcas pode causar sensação de novidade lexical devido aos aspectos formativos da criação — neste trabalho, consideramos que nomes podem ser neológicos por este motivo: pela sensação criativa que despertam no falante, ou seja, a sensação de uma nova palavra advinda de esquemas cognitivos e RFPs processados em qualquer outro neologismo. Dessa forma, investigações adicionais foram realizadas na *internet* acerca dos neologismos de nomes próprios, como consultas aos *websites* das marcas, a fim de averiguar a idade da entidade, correspondente também à criação lexical e registro de seu nome.

Por regra geral, todos os exemplares recolhidos cuja entrada ocorreu no registro de pelo menos três das quatro fontes de verificação foram dados como não neológicos.

Ao fim da segunda etapa, dos 103 possíveis neologismos recolhidos, 84 foram confirmados como novas palavras do vocabulário da língua portuguesa, nos contextos de gêneros escritos de ampla circulação na *internet* e em suportes de visibilidade corriqueira no cenário urbano de Belo Horizonte, compondo o *corpus* de análise final de nossa pesquisa. Excluíram-se assim os seguintes itens: treta (cód. 13), desumilde (cód. 15), pila (cód. 20),

chocolateria (cód. 25), Assacabrasa (cód. 26), Croasonho (cód. 28), Coreu (cód. 31), Ekipauto (cód. 32), Nespresso (cód. 36), Zeca-feira (cód. 44), bv (cód. 53), comédia (cód. 54), passarinho (cód. 66), umbiguismo (cód. 68), aff (cód. 75), tigrão (cód. 83), tchutchuca (cód. 84), baile (cód. 87) e cristofobia (cód. 95).

5.4 Procedimentos de análise

Os 84 neologismos foram agrupados de acordo com os processos de formação de palavras envolvidos em sua criação. Devemos levar em conta que um único neologismo pode envolver simultaneamente mais de um processo formativo, logo ocorreram repetições de exemplares em mais de um grupo.

Realizado o agrupamento de dados, a análise efetuou-se por grupo de processo formativo, destacando-se exemplares de maior relevância para explicação e discussão do fenômeno, por meio de dois caminhos possíveis: o primeiro, centrado na análise formativa de palavras, conforme a abordagem gerativa; o segundo, centrado no tratamento da palavra como construção, pela abordagem cognitiva. Todavia, foram valorizados os aspectos morfossintáticos, fonológicos, semânticos e pragmáticos de cada exemplar, fosse em perspectiva encapsulada ou gestáltica. Nos casos de unidades lexicais em que apenas uma das abordagens foi utilizada em sua discussão, a decisão por qual estratégia de análise utilizar partiu de um princípio econômico, favorecendo o processo mais eficaz em descrever e prever aquele fenômeno específico de criação neológica.

Realizou-se a representação gráfica de exemplares neológicos em destaque por meio das RFPs, da linguística gerativa, e dos esquemas construcionais, da linguística cognitiva, a fim de explorarmos, por uma via ou por outra, ou por uma via e por outra, as implicações linguísticas por trás desses neologismos. Em suma, traçamos com nossa análise um caminho proposto a trabalhar a morfologia gerativa e a morfologia cognitiva de modo complementar na descrição, explicação e discussão dos neologismos, em prol de se chegar ao cumprimento dos objetivos estabelecidos para a pesquisa e fomentar novas perguntas sobre o tema.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, nosso *corpus* de análise será trabalhado sempre com atenção aos objetivos visados por nossa pesquisa, em síntese, a compreensão e explicação das formações neológicas coletadas, cuja ocorrência é fenômeno comum no cotidiano da língua e toca dimensões várias — morfossintáticas, fonológicas, semânticas, pragmáticas —, constituindo desdobramentos de expansão lexical entre outros efeitos processuais da linguagem.

Dos 84 neologismos evidenciados a partir de nossos critérios novitativo e lexicográfico, foram encontradas as seguintes ocorrências de formação de palavras: a) 45 derivações sufixais; b) 3 derivações prefixais; c) 1 derivação parassintética; d) 10 composições; e) 17 cruzamentos vocabulares; f) 2 truncamentos; g) 2 reduplicações; h) 1 recomposição; i) 3 formações por *splinter*; j) 5 extensões semânticas; k) 2 onomatopeias. Recordar-se aqui que existem casos de simultaneidade de processos de formação em alguns itens, como no caso do item “mimimi” (cód. 10), que envolve tanto a reduplicação quanto a onomatopeia em sua criação.

Em nosso *corpus*, não foram encontrados casos de formação neológica por derivação regressiva, derivação imprópria, siglagem, acronímia ou criação ex-nihilo, embora esses processos tenham surgido entre alguns itens não neológicos ou participaram indiretamente da produção lexical de algumas palavras entre as coletadas; esses casos serão comentados ao longo da evolução de nossa análise.

Estrangeirismos não foram considerados para a coleta, levando-se em conta que nossa investigação visa abordar os processos formativos e suas motivações neológicas com ênfase nas ocorrências situadas no âmbito da língua portuguesa. Entretanto a análise tratará de processos nos quais ocorreram hibridismo entre palavras de origem estrangeira e portuguesa (geralmente em cruzamentos vocabulares e formações por *splinter*): 16 neologismos tiveram presença de partícula estrangeira em seus processos formativos, os quais serão devidamente pontuados ao decorrer do capítulo.

6.1 Análise de neologismos

No Quadro 2, são apresentados 45 neologismos de nosso *corpus* formados por derivação sufixal.

Quadro 2 – Neologismos formados por derivação sufixal

(continua)

Cód.	Neologismo	Sufixo	Texto
80	amazofuturismo	-ismo	Conheça a nova sci-fi brasileira com sertãopunk, cyberagreste e amazofuturismo
69	belo-horizontês	-ês	Você é fluente em belo-horizontês ? Teste seu conhecimento no nosso quis de aniversário
64	bolsonarismo	-ismo	O bolsonarismo é um não às utopias.
48	carnistas	-ista	Carnistas falando sobre não ser saudável dá até dor no útero! [...]
22	cinco	-o	Pra quem ficou até tarde secando, só tenho uma coisa a dizer: eu cinco muito.
24	completaça	-aça	Vendo ou troco Spim Ltd - 2015 - Completaça
14	deboísmo	-ismo	Sua treta bate no meu deboísmo e volta.
17	desdeboar	-ar	Se você não está de boas, não venha desdeboar os deboadores .
18	deboadores	-dor(es)	
98	Experimentoteca	-teca	Experimentoteca
103	empoderamento	-mento	Empoderamento
56	favoritar	-ar	Favoritar
47	floorar	-ar	Para de ser [<i>vulgar</i>] e também de floorar o chat
88	flopar	-ar	Se flopar ok, porque tem ZERO obrigações de hitar
89	hitar	-ar	
71	gatonês	-(n)ês	Gatonês para iniciantes
102	gamificação	-ficar -ção	O que é a gamificação e como ela é vantajosa para as empresas?
91	googlar	-ar	Quero abrir uma empresa: vou " googlar " sobre isso, se existir, lá encontrarei quem possa me ajudar!
11	hominho	-inho	O nome disso não é action figure. O nome certo disso é " hominho ".
62	jaquei	-ei	Jaquei e agora!? Low carb. Você mais fitness
27	maratonar	-ar	Tim Black Família - Tela poderosa para maratonar suas séries na Netflix.
58	marvetes	-ete(s)	Marvetes esculachando o Martin Scorsese na internet
46	mineirizador	-izar -dor	[Mãe falando para o filho] Fique quieto. [Caipira soltando um "raio de queijo" pelos olhos] Raio mineirizador ! [Mãe falando para o filho] Sussega o facho.
43	mitou	-ou	Você mitou . Agora é só esperar seus likes.
61	mosquitoeira	-eira	Mosquitoeira - Capture o mosquito da dengue com uma armadilha
23	mulhere	-e	Mulhere-se
30	musicoteca	-teca	Musicoteca
9	outrar	-ar	Outrar-se ou a longa invenção de mim
33	Pãodequeijaria	-(a)ria	Pãodequeijaria
37	passodoria	-(o)ria	Planos mensais de Passodoria que cabem no seu bolso
76	photoshopa	-a	Mãe " photoshopa " baratas na foto de filho que não quis tomar banho
49	picolezeiro	-(z)eiro	Precisa-se de picolezeiro
72	Reveillonar	-ar	Reveillonar-nos-emos . Como será a vossa troca de ano?
67	sextômetro	-ômetro	Sextômetro
7	shippo	-o	Quando eu descubro que o casal que eu shippo tá junto

Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 2 – Neologismos formados por derivação sufixal

(conclusão)

Cód.	Neologismo	Sufixo	Texto
93	sororidade	-idade	Sororidade é: tratar uma mulher como você gostaria de ser tratada.
97	sobremesariano	-(r)iano	"Vegetariana?? Yecchh! Eu não sou vegetariano! Eu sou sobremesariano ."
60	sonhário	-ário	[...]Pesquisador sugere adotar um ' sonhário ', um caderno de anotações do que foi vivenciado durante o sono[...]
3	tarifômetro	-ômetro	Tarifômetro - Valor que os clientes conta digital economizaram em tarifas
81	terra-redondistas	-ista(s)	Terraplanistas & Terra-redondistas
4	twistou	-ou	#Twistou
50	viraliza	-iza	Vídeo de garotos pegando rabeira viraliza e vira meme nas redes sociais
85	trollagem	-agem	Manual épico da trollagem : as melhores pegadinhas para fazer com seus amigos!
86	trollar	-ar	Como trollar os seus amigos que têm celular Android - TecMundo
52	trouxariano	-(r)iano	[Nome da página: Trouxariano] Eu sou bv sim, fala aí uma pessoa que vc viu eu beijando. Agr fala seus comédia KKKKK

Fonte: Elaborado pelo autor

Dentre as sufixações encontradas, destacam-se aquelas de função verbalizadora, ocorrente em 20 dos casos, cujas partículas correspondem na verdade a flexões verbais atuando como sufixos verbais, de base comumente nominal substantivas (ALVES, 1994), a saber: **-o** (2 casos), **-ar** (10 casos), **-ficar** (1 caso), **-izar** (1 caso), **-ei** (1 caso), **-ou** (2 casos), **-e** (1 caso), **-a** (1 caso) e **-iza** (1 caso). A função de mudança de categoria lexical é presente na maior parte dos neologismos de nosso *corpus* sufixionados com os morfemas acima, com funcionamento mais ou menos propenso a constituir uma ação específica relacionada à semântica nominal da base e localizar essa ação em um tempo específico, próprio à forma flexionada, ou a uma forma nominalizada do verbo. O sufixo/desinência verbal **-o** em “Cinco [muito]”, por exemplo, remete à primeira pessoa do singular e ao presente do indicativo do verbo “cincar”, enquanto **-ei**, em “jaquei”, flexiona o verbo “jacar” à primeira pessoa do singular e ao pretérito perfeito do indicativo e o **-ar** atribui forma verbal infinitiva a “favoritar” e “maratonar”.

Outros tipos de sufixações de funções mais variadas totalizaram 27 dos casos, considerando-se 2 dessas cumulativas a sufixos verbais, em “gamificação” (**-ficar** + **-ção**) e “mineirizador” (**-izar** + **-dor**). Listam-se a seguir quais sufixos ocorreram: **-ismo** (3 casos), **-ista** (2 casos), **-ês** (2 casos), **-aça** (1 caso), **-dor** (2 casos), **-teca** (2 casos), **-mento** (1 caso), **-ção** (1 caso), **-inho** (1 caso), **-ete** (1 caso), **-eiro** (1 caso), **-ria** (2 casos), **-eira** (1 caso), **-metro** (2 casos), **-iano** (2 casos), **-ário** (1 caso), **-idade** (1 caso), **-agem** (1 caso). Dentre esses formativos e suas respectivas funções, de modo genérico, temos formadores:

- de palavras agentivas: “picolezeiro”;
- de substantivos: “trollagem”, “sororidade”, “empoderamento”, “gamificação”;
- de substantivos de local: “pãodequeijaria”;

- (d) de substantivos ideológicos, filosóficos, partidários: “**bolsonarismo**”, “**terra-redondista**”;
 - (e) de substantivos com função qualificadora: “**belo-horizontês**”, “**sobremesariano**”;
 - (f) de palavras com noções de grau, afetividade ou depreciação: “**completaça**”, “**hominho**”, “**marvetes**”;
 - (g) de palavras com traços de instrumento: “[raio] **mineirizador**”, “**mosquitoeira**”;
 - (h) e de palavras que partem de morfemas com semântica mais demarcada: “**experimentoteca**” (“coleção de”) e “**tarifômetro**” (“medidor de”).
- (ALVES, 1994; BASÍLIO, 1980, 2007, 2019; BECHARA, 2009; GONÇALVES, 2016a, 2016b, 2019; ROCHA, 1998).

No Quadro 2, na coluna “Sufixo”, demarcamos entre parênteses duas variáveis que podem ocorrer acopladas ao morfema da unidade lexical; estas, ocorrentes também nos próximos quadros, de outros processos formativos. Quando antes do sufixo (como em **-(z)eiro**, de “picolezeiro”), estes destaques correspondem a alomorfes (ou interfixos, conforme explicado no capítulo três); quando depois do sufixo (como em **-ista(s)**, de “terra-redondistas”), pretende-se indicar flexão de palavra, a fim de acentuar, conforme observado por Basílio (2007), que palavras flexionadas, sem alteração de categoria lexical, dizem respeito a formas diferentes de uma mesma entrada lexical. O mais importante é compreender os alomorfes como adequações dos itens lexicais ao padrão fonológico de uma língua específica, pouco interferente a outras características linguísticas da amostra e portanto, não levados em conta para generalizações mais abrangentes dos processos formadores (ROCHA, 1998).

Percebeu-se também que 8 dos 45 neologismos sufixais são formações híbridas, cujas bases são estrangeirismos (nominais ou verbais) e cujos formativos são, em todos os casos, sufixos verbais; ilustra-se assim certa produtividade característica do padrão “palavra estrangeira + sufixo verbal”, porém não devemos representá-lo sem destacar maiores implicações semânticas desse fenômeno. Ademais, abordar quaisquer de nossas ocorrências sob vias exclusivamente morfossintáticas não nos traz segurança para compreendê-las, visto que o perfil criativo de muitos desses itens lexicais exige analogias e relações situadas em suas dimensões de significado e de uso. Para isso, devemos experimentar alguns desses neologismos representados conforme os postulados gerativistas e cognitivistas abordados em nossa discussão teórica.

Observemos as Imagens 2 e 3:

Imagem 2 – belo-horizontês (cód. 69)

Você é fluente em belo-horizontês? Teste seu conhecimento no nosso quiz de aniversário

Anderson Rocha
 arocha@hojeemdia.com.br
 12/12/2019 - 06h00 - Atualizado 08h57

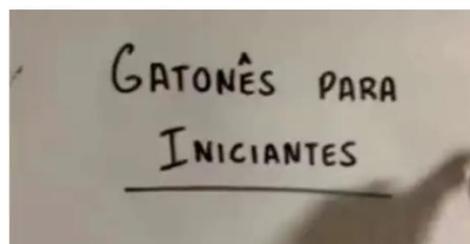
Belo-horizontino acha que nem tem sotaque, né? Pois é. Temos e é um dos mais charmosos do Brasil. Como todo jeito de falar, tem suas palavras que são desconhecidas até pelos próprios falantes. Por isso, eis a questão: você é fluente em belo-horizontês? Responda ao quiz e teste os seus conhecimentos do 'dialeto'. Nosso quiz foi feito com base no Dicionário Popular da Língua Belo-horizontina.

Fonte: ROCHA (2019)

Imagem 3 – gatonês (cód. 71)

Em vídeo hilário, rapaz ensina donos a se comunicarem com seus gatos

18/12/2019 às 16:15



Fonte: PIETRO (2019)

Na abordagem gerativa, a derivação realizada a partir do sufixo *-ês* pode ser deduzida a partir da regra de formação $[X]_{\text{Subs}} \rightarrow [[X]_{\text{Subs}} \text{ês}]_{\text{Subs}}$, lida assim: uma base de categoria lexical substantiva adicionada do sufixo *-ês* resultará em uma palavra substantiva. No entanto, ainda que na notação da RFP não haja espaço dedicado aos aspectos semânticos da formação, podemos conceber que a própria partícula pode trazer proposta de significado, que pode ser mais ou menos lexical (BASÍLIO, 1980).⁴³ Nos itens da Imagem 2 e 3, claramente o sufixo *-ês* é responsável por direcionar o significado da palavra em criação na seguinte direção semântica: “Língua ou linguagem relacionada a X”. Logo podemos representar ambos os itens por meio das seguintes RFPs:

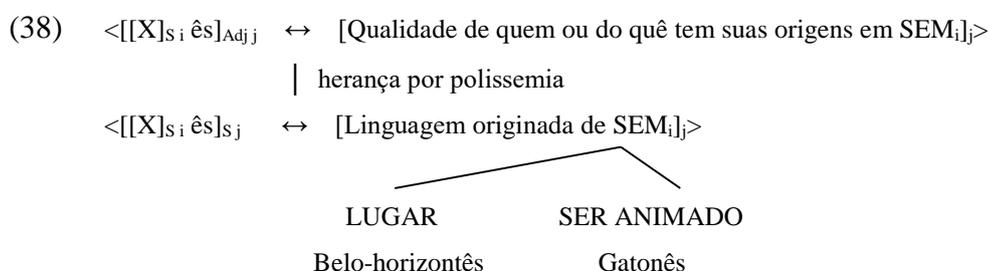
(36) $[\text{Belo-Horizonte}]_s \rightarrow [[\text{belo-horizonte}]_s \text{ês}]_s$ “Língua ou linguagem relacionada à cidade de Belo-Horizonte.”

(37) $[\text{gato}]_s \rightarrow [[\text{gato}]_s (\text{n})\text{ês}]_s$ “Língua ou linguagem relacionada aos gatos.”

⁴³ Sobre não apenas os sufixos, mas os morfemas em geral, Basílio (1980, p. 41) diz: “temos que admitir que a presença de algum significado não é o que caracteriza morfemas, mas temos também que admitir que muitos — se não a maior parte — dos morfemas, na realidade, apresentam significados específicos. [...] num grande número de construções não podemos atribuir um significado específico a cada componente morfológico. Construções deste tipo coexistem com construções em que o significado de cada parte da palavra é facilmente depreensível”. Tais considerações da autora não só tocam em discussões próprias dos pressupostos não morfêmicos da linguística cognitiva, geralmente oposta à sua escola de formação, como também expõem fragilidades da morfologia gerativa — como no modelo de Aronoff (1986), no qual os afixos praticamente não teriam significado lexical. Assim, concordamos com a autora quando ela diz que se deve evitar os extremos na hora de avaliar a semântica dos morfemas: nem definir a categoria como assemântica, nem a afirmar como semântica em todo caso. O posicionamento crítico de Basílio à própria abordagem gerativa no tratamento da formação de palavras é reafirmado em um artigo (BASÍLIO, 2010), já mencionado aqui antes.

A produtividade da regra articulada acima é factual, possibilitando-nos a criação de diversas palavras a partir do mesmo formato, partindo de bases de traços diversos: dicionarês (linguagem do dicionário), mineirês (linguagem do morador de Minas Gerais), passarês (linguagens dos pássaros). No entanto, conforme esclarece Basílio (2019), o formativo sufixal *-ês* é próprio à criação de adjetivos pátrios e correlatos, relacionados à base substantiva, resultado não previsto na RFP discutida para os exemplos anteriores, já que seu produto é substantivo e não adjetivo. Assim, podemos compreender que a generalidade da regra em questão não é absoluta e, ao buscar entender qual padrão de regras motiva determinada palavra, poder-se-ia haver ganho na observância da palavra formada em seu contexto de uso.

Sob a ótica da linguística cognitiva, o processo de derivação sufixal pode ser representado basicamente no esquema $[[X]_A Y]_B$, aplicável aos neologismos das Imagens 2 e 3 de forma tão similar às RFPs da linguística gerativa, que não vale aqui o espaço, porém são nos termos esquemáticos de Booij (2010), acrescidos da descrição semântico-pragmática e da relação de herança construcional, que podemos perceber vantagens de representação do fenômeno neológico. Observemos como as construções “belo-horizontês” e “gatonês” podem ser representadas sob a configuração dos esquemas de Booij (2010), em (38):



O esquema (38) nos possibilita alternativas de solução à irregularidade da RFP em prever os usos discutidos para as construções *X-ês*. Especificando o esquema maior em um subesquema, pudemos aplicar à representação tanto a acepção de Basílio para o sufixo (formador de adjetivos gentílicos) quanto a acepção própria ao texto dos itens (linguagem relacionada a X), além de abordar a relação entre ambas as aplicações semânticas, as quais sugerimos como vinculadas por herança de polissemia, na qual o significado de “linguagem originada de SEM” pode corresponder a uma extensão do significado primário “qualidade de quem ou do quê tem suas origens em SEM”, acompanhado de mudança categorial de adjetivo para substantivo.

Ainda assim, a complexidade alcançada pelos esquemas booijianos na investigação da criação lexical não deve ser motivo para que as RFPs sejam demeritadas, uma vez que o esquema contém entre seus próprios componentes representação muito similar às RFPs e parece mais aprofundar seu procedimento de análise que substituí-lo. Em caso de necessidade por representações mais objetivas de fenômenos lexicais, quando palavras são formadas por processos derivacionais mais transparentes, a sistematização das RFPs pode ser ainda mais efetiva. Entretanto, nos casos de formações marcadas por opacidade e irregularidade, os esquemas cognitivos compõem um modelo de representação valioso, graças a todas as relações que ilustram, levando em conta dimensões não visualizáveis nas RFPs. Vejamos como esquemas e RFPs se comportam ao retratar o processo formativo a partir de sufixos verbais, mais presente do que qualquer outro processo sufixal em nossa amostra. Observe as Imagens 4, 5, 6 e 7:

Imagem 4 – maratonar (cód. 27)



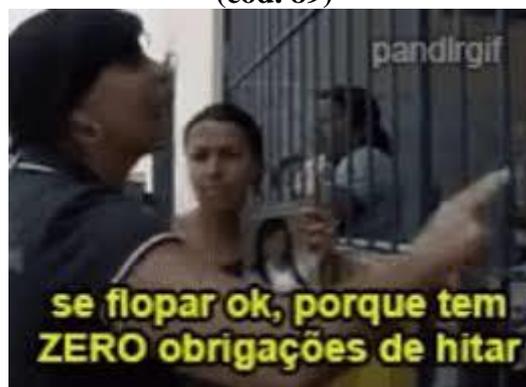
Fonte: Fotografia do autor (2019)

Imagem 5 – Outrar (cód. 9)



Fonte: CASTANHEIRA (2003)

Imagem 6 – flopar (cód. 88), hitar (cód. 89)



Fonte: GRETCHEN... (2018)

Imagem 7 – cinco (cód. 22)



Fonte: ZOEIRA... (2019)

Na imagem 4, deparamo-nos com o neologismo “maratonar”, cujo significado, de acordo com o Dicionário Informal (2020), remete ao ato de “assistir a um seriado, ler um livro ou consumir qualquer produto de entretenimento de forma ininterrupta[...]” (DICIONÁRIO INFORMAL, 2020); no caso do contexto da imagem, o produto de consumo são séries exibidas pelo serviço de *streaming* Netflix. Em outras palavras, “maratonar” é realizar uma sequência de atividades, conforme aponta acepção comum para “maratona” (DICIONÁRIO PRIBERAM, 2020; FERREIRA, 2009). Pensando em uma perspectiva gerativa, a partícula **-ar**, originalmente um morfema de flexão verbal, traz consigo pouco significado lexical quando utilizada como sufixo, e seu valor relaciona-se a características morfossintáticas, especificamente à conversão de palavras de categorias nominais em categorias verbais. Logo pode-se utilizar a RFP $[X]_s \rightarrow [[X]_s \text{ ar}]_v$ para se prever a formação tanto do neologismo “maratonar” quanto de outros de nossa amostra: “favoritar”, “googlar”, “reveillonar”, “trollar”. Em todos os casos, a RFP é suficiente para suportar os movimentos morfológicos envolvidos, além de possibilitar ao produto da formação o significado de “ação relacionada ao nome X”, justamente pelo significado “ação” estar com frequência relacionado com a categoria verbal; vide as RFPs em (39), conjugadas a seus respectivos significados:

- | | |
|--|---|
| (39) [Favorito] _s → [[Favoritø] _s ar] _v | “Tornar favorito” |
| [Google] _s → [[Google] _s ar] _v | “Pesquisar no <i>website</i> Google” |
| [Reveillon] _s → [[Reveillon] _s ar] _v | “Celebrar o <i>réveillon</i> ” |
| [Troll] _s → [[Troll] _s ar] _v | “Ser ‘ <i>troll</i> ’ com alguém” ⁴⁴ |

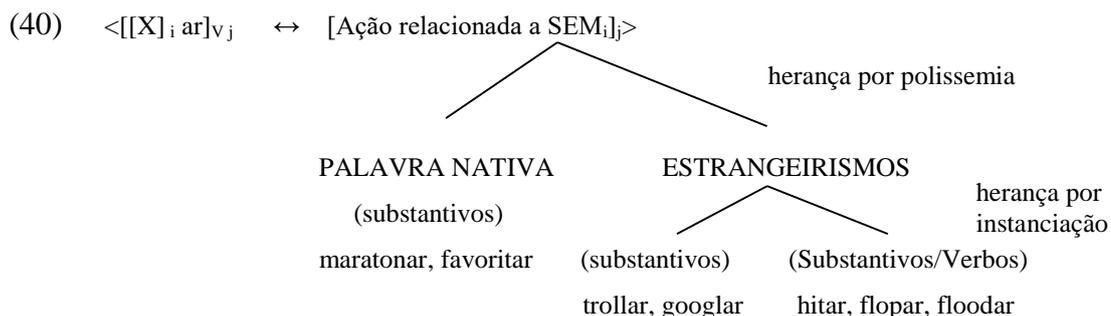
⁴⁴ O estrangeirismo *troll*, base desta sufixação, tem a seguinte conotação na linguagem coloquial dos internautas “Pessoa que gosta de sacanear as pessoas, fazem brincadeiras de mau gosto. Autênticos praticantes de Bullying.” (DICIONÁRIO INFORMAL, 2020).

É interessante observar que a conversão de categoria lexical apresentada na RFP atuante nos exemplos de (39) é completa, logo a mesma regra que funciona para que concebamos a entrada lexical “maratonar” cria possibilidade de se usar outras formas flexionadas do novo verbo, como “maratonei”, “maratonará”, “maratono”, e assim por diante, concebendo em nosso léxico a palavra e toda sua estrutura flexional.

A exemplo de “trollar”, pudemos verificar a sufixação verbal de outras bases, consideradas estrangeirismos, como “flop**ar**” e “hit**ar**” da Imagem 6, e também na unidade lexical “flood**ar**”. No entanto, a previsão desses casos pode ter ressalvas, se utilizada a mesma regra mencionada na criação dos verbos infinitivos **-ar** acima. Na referida RFP, a base a receber o sufixo é de categoria substantiva, entretanto as palavras do inglês “*flop*”, “*hit*” e “*flood*” podem corresponder tanto a verbo infinitivo quanto a substantivo, sem nenhuma alteração fonológica; como *fight*, *push*, *function*, conforme exemplifica Basílio (1980, p. 96). Não que busquemos aqui a mesma rigidez com a qual Aronoff (1976) trabalha as RFPs, mas compreendemos que quanto maiores as flexibilizações para se aplicar determinado modelo de regras, menor é a previsibilidade exata de seus produtos. Em outras palavras: admitir toda e qualquer exceção ao modelo de regras restringe a qualidade de suas previsões.

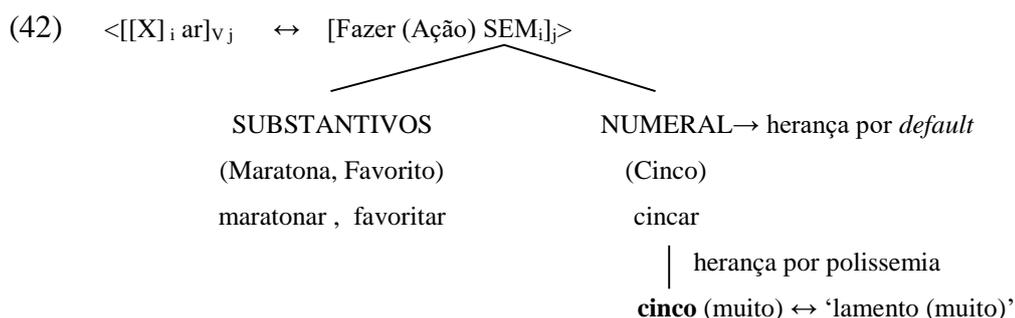
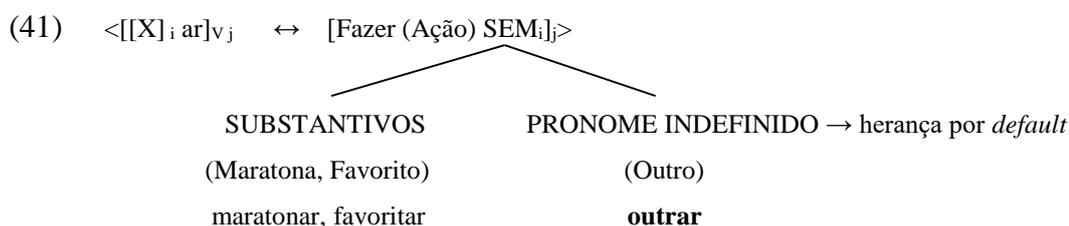
Assim como há instabilidades para se generalizar a categoria lexical da base, há também para se definir o comportamento semântico da palavra estrangeira no ambiente de nossa língua, que vai além de suas acepções originais. O lexema “*hit*”, no inglês, pode significar uma série de acepções, mas não específicas como o uso de “*hitar*”, no português do Brasil, para equivaler ao sentido de “fazer sucesso” nas redes sociais, a partir de um comentário, uma publicação (e, antonimamente, “*flop*” para o sentido de “não fazer sucesso, fracassar”).⁴⁵ Logo relações semânticas e morfossintáticas complexas como essas, que ocorrem na sufixação **-ar** de bases livres estrangeiras, envolvendo flexibilidade de categoria lexical e extensões de significado, podem não ter representação efetiva por meio das RFPs e serem mais compatíveis com a análise por meio dos esquemas cognitivos da morfologia construcional, como podemos observar:

⁴⁵ Na Imagem 6, a expressão indignada de Gretchen, que se tornou uma personagem popular em memes por seu temperamento e carisma, reafirma a ideia do enunciado, a partir dos significados apontados, encontrados no Dicionário Informal (2020).



No esquema maior, pôde-se apreender que a mobilidade semântica do uso de uma palavra de língua estrangeira como base para formativos da língua nativa trabalharia relações de herança motivadas por polissemia. No subesquema apontado, a liberdade categorial permitida à base da sufixação parece ser permitida pela condição de estrangeirismo, com possibilidades de traços categoriais substantivos, mas também trações simultâneos de verbo e nome: essa especificidade, abrindo margem à elaboração de um novo nível esquemático dentro do esquema maior, nos remeteu à herança por instanciação.

A aplicação dos esquemas construcionais nos permite também observar usos ainda mais específicos do sufixo **-ar** e suas flexões, conforme podemos ver nas Imagens 5 (**outrar**) e 7 (**cinco**). Ambas as formações provêm de bases com categorias lexicais consideradas raras à formação de palavras, respectivamente uma base pronominal e uma base numeral. O que acontece em cada um dos dois casos vai muito além de conversão categorial e se efetiva por meio de desdobramentos semântico-pragmáticos muito específicos, difíceis de serem capturados em generalizações por regras. Observemos as seguintes propostas de esquemas cognitivos para representar essas ocorrências de neologismos:



Em (41), o esquema prevê que construções lexicais adicionadas de **-ar** podem ter o significado de “fazer” o que aquele nome representa: de maneira simplificada, “maratonar” seria “fazer maratona”, “favoritar” seria “fazer (ou tornar) favorito”. No caso do item lexical “outrar”, poderíamos compreender o neologismo como “fazer o outro”, o que, percebido no todo do enunciado — “outrar-se” —, remete a “fazer-se o outro”. Assim, assumimos que uma relação de herança por *default* seria adequada para justificar essa criação neológica, considerando que o mesmo esquema que prevê construções verbais infinitivas criadas a partir de substantivos funciona para uma construção em particular, criada a partir de um pronome indefinido, na contramão das ocorrências comuns. Em termos gerais, o neologismo “outrar” participa do padrão do esquema (41) — do *default* — por compartilhar de características das construções X-ar: a) é um produto verbal; b) o significado envolve uma ação relacionada à semântica da construção base.

No esquema (42), do exemplar “cinco”, percebemos um processo similar na criação da construção, uma vez que a construção base é um numeral, categoria lexical também incomum nas sufixações com **-ar**, mas que compartilha traços dos produtos previstos por esse esquema. No entanto, o uso da palavra “cinco”, conforme pode ser visto na Imagem 7, trabalha significados mais amplos do que “fazer cinco” (neste caso, cinco gols); há uma extensão de significado criada pela circunstância relacionada ao enunciado e pelas relações sonoras ativadas pela desinência verbal **-o**. Na imagem, temos um placar de cinco a zero, indicando a vitória do Flamengo sobre o Grêmio, além da fotografia de fundo do técnico flamenguista (da época) Jorge Jesus e a legenda provocativa “Pra quem ficou até tarde secando, só tenho uma coisa a dizer: eu cinco muito”. De imediato, a semelhança fonética entre “eu sinto muito” e “eu cinco muito” ativa uma analogia fundamental para o efeito pragmático da construção sentencial, em que o significado prototípico de “cinco” (“fazer cinco”, na 1ª pessoa do singular) é expandido por um subesquema com um novo perfil semântico, o de “lamentar”, mas não só: o de “lamentar (ironicamente) por ter vencido o adversário por uma diferença (grande) de cinco pontos, independente da torcida contrária”.

Em vista da intrincação pragmática de construções como as esquematizadas em (41) e (42), devemos perceber seus esquemas mais como experimentações que representações inequívocas, uma vez que a aplicação das relações de herança pode sofrer variações interpretativas, nem sempre correspondendo necessariamente a uma única visão.

Muitos outros neologismos sufixais de nosso *corpus* possibilitariam discussões interessantes em suas possibilidades esquemáticas e de representação por regras de formação,

no entanto, devemos prosseguir a outros exemplares, a fim de refletir os aspectos de representação e generalidade em outros processos formativos de novos itens lexicais.

No Quadro 3, apresentamos 3 neologismos de nossa amostragem formados por derivação prefixal.

Quadro 3 – Neologismos formados por derivação prefixal

Cód.	Neologismo	Prefixo	Texto
17	desdeboar	des-	Se você não está de boas, não venha desdeboar os deboadores.
59	desonline	des-	Se eu não responder é porque eu to desonline
12	poliamor	poli-	Poliamor

Fonte: Elaborado pelo autor

Todas as prefixações encontradas se enquadraram em um mesmo padrão, no qual o afixo carrega traços semânticos que adjetivam a base e não altera sua categoria lexical; em uma diversidade de três categorias (substantivo, verbo e adjetivo), nenhuma se alterou. Ocorreram 2 prefixos distintos nessas unidades lexicais: **des-** (2 casos) e **poli-** (1 caso). Um desses casos, “**desonline**”, caracterizou-se por hibridismo devido a sua base estrangeira, enquanto os outros 2 envolveram a prefixação de palavras vernáculas, das quais uma era um item lexical não novitativo, “**poliamor**”, e uma era o item lexical neológico “**desdeboar**”.

Pela abordagem gerativa, podemos deduzir a seguinte RFP para lidar com as formações neológicas prefixais: $[X]_A \rightarrow [Y [X]_A]_A$. Aplicada sobre os itens em pauta, a RFP resulta nas seguintes notações de (43):

- (43) $[deboar]_V \rightarrow [des [deboar]_V]_V$ “Negação de ‘deboar’”
 $[online]_{Adj} \rightarrow [des [online]_{Adj}]_{Adj}$ “Negação de ‘online’”
 $[amor]_S \rightarrow [poli [amor]_S]_S$ “Amor em grande número”

Em certo grau, percebemos uma clareza maior neste processo, talvez por cada partícula ter um papel semântico definido o suficiente para se construir o significado da nova palavra composicionalmente. A título de exemplo, independente da base, **des-** sugere a mesma operação semântica: negação, ação contrária, interrupção de ato/estado, intensidade (BECHARA, 2009). Logo, se conhecemos o significado de “deboar” e “online”, conhecemos também os produtos **des-X** atuantes sobre essas palavras. Porém, ao lidar com o exemplar “poliamor”, nos deparamos com maior opacidade na tentativa de compor seu significado, pois mesmo que se conheça significados prototípicos do prefixo **poli-** (muitos) e da base “amor”, é necessário

aprofundamento contextual para se chegar à acepção novitativa do termo, não favorecida pela representação gráfica da RFP.

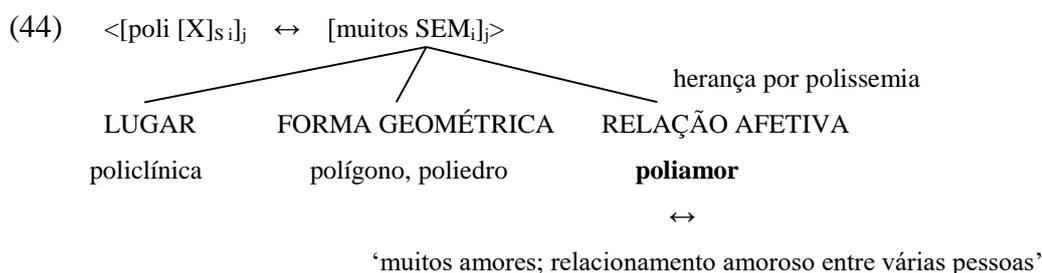
Para abordar a unidade lexical “poliamor” sob um viés cognitivo, por esquema construcional, observemos a Imagem 8, atentando-se às implicações pragmáticas sugeridas pela figura.

Imagem 8 – poliamor (cód. 12)



Fonte: BEAUMONT (2017)

A figura acima, de três escovas de dentes distintas, em um mesmo recipiente, posicionadas com cerdas contra cerdas, o coração marcado em uma delas, cria uma metáfora (as escovas são análogas a pessoas) capaz de direcionar as possibilidades semânticas de “amor” especificamente para a acepção de “relacionamento amoroso” e a prefixação acrescida com a partícula **poli-** adjetiva esse significado com a noção de “vários”; dessa forma, o significado de “poliamor” poderia ser concebido como “relacionamento amoroso entre várias pessoas”. Representamos essa construção no esquema construcional (44):



Logo “poliamor” apresenta-se como uma construção formada a partir de um *link* por polissemia, uma vez que o prefixo possibilita a expansão do perfil semântico prototípico do esquema **poli-X**. Levando em conta a função recorrente da prefixação em alterar ou expandir o significado da base em que se acopla (geralmente adjetivando-a), os outros itens aqui apresentados poderiam ser previstos por esquemas semelhantes.

Com relação aos processos formativos de derivação parassintética, encontramos apenas uma ocorrência, conforme apresentado no Quadro 4:

Quadro 4 – Neologismos formados por derivação parassintética

Cód.	Neologismo	Circunfixo	Texto
100	empoderam	em-X-ar	Mulheres empoderadas empoderam outras

Fonte: Elaborado pelo autor

Na literatura consultada, foram poucos os circunfixos encontrados, **em-X-ar** (ou **en-X-ar**, considerada a alomorfa entre “n” e “m”) sendo um entre sete listados, todos com a mesma função verbalizadora, a partir de substantivo ou adjetivo (GONÇALVES, 2019). Rocha (1998) ainda interpreta produtos adjetivos formados por derivação parassintética, por meio dos formativos **a-X-do** (**achocolatado**) e **des-X-do** (**descamisado**), no entanto, as formas em questão podem ser categorizadas tanto em adjetivos quanto em verbos na forma nominal do particípio. Assim, para este trabalho, trataremos esses produtos adjetivais como formas flexionadas e provenientes do paradigma do produto verbal — “**empoderadas**”, por exemplo, ocorrente no texto em que se manifesta o neologismo do Quadro 4, será tomada como uma flexão de “**empoderar**”, derivada, portanto, do mesmo processo formativo.

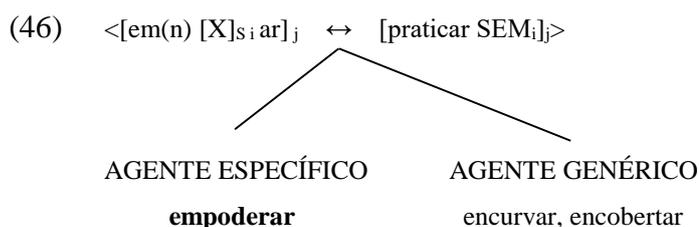
A perspectiva gerativa não apresentou RFPs específicas para a derivação parassintética, porém, aplicando-se a mesma lógica das RFPs afixais à noção de que as partículas parassintéticas são um único formativo, chega-se à fórmula experimental: $[X]_A \rightarrow [Y [X]_A Y]_B$. Aplicada ao neologismo parassintético encontrado, teremos (45):

$$(45) [\text{poder}]_s \rightarrow [\text{em} [\text{poder}]_s \text{ar}]_v \quad \text{“Ação relacionada à prática do poder”}$$

Embora a RFP aqui proposta funcione bem com as características morfológicas e sintáticas relacionadas a “**empoderam**”, o uso da palavra é mais específico que sua generalização por regra formativa permite captar. Localizada dentro de seu contexto, uma publicação de perfil do Instagram com a sentença “Mulheres empoderadas empoderam outras”, os traços semânticos do item lexical vão além de “praticar o poder”; porque levam em conta quem pratica esse poder. Uma das acepções encontradas no Dicionário Informal (2020), compatível ao uso do item em questão, diz que “empoderar” é um “processo em que uma pessoa ou grupo reveste-se de poder ou pela tomada ou pelo reconhecimento social”. Assim, essa conquista de poder parte de grupos com dificuldades para serem reconhecidos socialmente. Em

outras palavras, “empoderar” seria a “prática de poder por grupo não favorecido” (no caso do exemplar, o grupo “mulheres”).

Em esquema, sob vias da linguística cognitiva, sugerimos a seguinte representação, pautado em um *link* de herança por polissemia, visto que o formativo **em-X-ar** não só atribui nova categoria lexical à palavra base ao se unir a ela, como também traz novas possibilidades semânticas, além da prototípica:



Novamente, assumimos que nossos esquemas não são absolutos e são elaborados por crivo próprio da discussão desta pesquisa, não representando toda a realidade possível desse modelo de representação às construções neológicas da amostra. A proposta dos esquemas relaciona-se mais a exercitar os pressupostos teóricos cognitivistas levantados que formar postulados definitivos e solucionados. Logo, mesmo que se refute, por exemplo, a distinção entre os agentes “específico” e “genérico” propostos acima, não se invalida a discussão e a reflexão sobre a possibilidade, seja ela equívoca ou inequívoca.

Não encontramos neologismos formados a partir de outros processos de derivação — regressiva ou imprópria — em nossa amostra; o que não significa que esses processos produtivos não estejam presentes, mesmo que em escala menor, entre os formadores de neologismos da língua.

Embora nenhuma derivação imprópria tenha sido localizada como processo ocorrente entre os neologismos, não foi raro encontrar processos diversos de formação de palavras com função conversiva de classe, uma vez que a mudança de categoria é dita ser uma das principais motivações da criação lexical (BASÍLIO, 2007, p. 9; GONÇALVES, 2019, p. 126). O próprio “cinco”, de nosso *corpus*, abordado junto às derivações sufixais, pode tocar o contexto da derivação imprópria (conversiva) em algum grau, no instante em que a mesma forma fonológica é usada para expressar o “cinco” em categoria numeral e em categoria verbal, na primeira pessoa singular do presente do indicativo, do verbo “cincar”. O que coloca em questão a confirmação de “cinco” como derivação imprópria é a presença do morfema de flexão verbal. Dessa forma, como em todas as literaturas consultadas o processo de derivação imprópria foi

apresentado de maneira não morfológica, o exemplar “cinco”, flexionado da forma “cincar”, não foi categorizado como derivação conversiva. Esse caso aplica-se também na unidade lexical “passarinho” (cód. 55), considerada não neológica por datar de um poema clássico de Mario Quintana e ser presente em todas as fontes lexicográficas deste trabalho. Levando-se em conta seu texto de origem (“Eles passarão... eu passarinho!”), “passarinho” flexiona o verbo “passarinho” à primeira pessoa do singular, no tempo presente e no modo indicativo; a presença do morfema flexional **-o** impede que o item lexical seja fruto de uma derivação conversiva, ao menos nos termos deste trabalho e em sua literatura de apoio.

Conforme apresentado no Quadro 5, foram 10 as unidades lexicais formadas por composição:

Quadro 5 – Neologismos formados por composição

Cód.	Neologismo	Bases concatenadas	Texto
96	Islamofobia	Islã(mo) + fobia	Uso recente de termos como “crisofobia” e “ islamofobia ” é alvo de críticas e disputas por legitimidade
65	audiolivros	audio + livros	Ubook app. Maior plataforma de audiolivros e entretenimento da América Latina.
16	de boas	de + boa(s)	Se você não está de boas , não venha desdeboar os deboadores.
5	dez barra dez	dez + barra + dez	Eis que tu vê que a 10/10 está com o Zé Droguinha .
6	Zé Droguinha	Zé + droguinha	
73	lulopetismo	Lula(o) + petismo	[...] se fosse um documentário mostrando a maior manifestação de rua da história do Brasil (contra o PT do lulopetismo) [...]
105	patológicos	pato + lógico(s)	Eu: dessa vez vou prestar atenção na aula. Professor de biologia: agentes patológicos Minha mente: [meme mostra foto de patos vestidos como detetives]
78	sertãopunk	sertão + punk	Conheça a nova sci-fi brasileira com sertãopunk , cyberagreste e amazofuturismo
81	terra-redondistas	terra + redondistas	Terraplanistas & Terra-redondistas
90	vale-night	vale + night	A posse desse bilhete permite sair desgrudado(a) do namorado ou namorada [...] em um dos dias do Carnaval. [...] O vale-night é pessoal, intransferível e libera abaixo o identificado para a folia sem aporrinhão.

Fonte: Elaborado pelo autor

Das 10 composições, 2 são morfológicas, ou seja, composições formadas a partir de bases greco-latinas, especificamente os elementos **-fobia** e **audio-**. As 8 outras composições são morfossintáticas, formadas pela justaposição de bases livres da língua, de categorias lexicais em maior parte nominais. De todos os neologismos formados por composição coletados aqui, os exemplares “de boas” e “patológicos” têm função categorial adjetiva enquanto os 8 outros cumprem função substantiva. Dentre todas as ocorrências, 2 são hibridismos com presença do inglês: **vale-night**, composta pela base vernácula **vale-** e o empréstimo linguístico **night**; e **sertãopunk**, composta pela base vernácula **sertão-** e o empréstimo **punk**.

As RFPs trabalhadas por Aronoff (1976) e Basílio (1980) não cobrem diretamente os processos formativos de composição, assim como vários outros processos aqui abordados. Mesmo assim, a lógica de representação com que as regras existentes foram elaboradas nos permitem proposições de RFPs a fim de exercitar possíveis generalizações de processos formativos outros, como a composição. Logo, se na notação $[Y [X]_A]_A$, própria para derivações prefixais, $[X]_A$ são a base lexical e sua categoria, seria dedutível a seguinte RFP para composições: $[X]_A \rightarrow [[X]_A [Y]_A]_A$. Desta, depreenderam-se as seguintes representações:

- (47) [islamofobia]_s → [[islã(mo)]_s [fobia]]_s “rejeição aos islamitas”
 [audiolivros]_s → [[audio] [livro]_s]_s “livro gravado em som”
 [de boas]_{Adj} → [[de]_{Prep} [boas]_{Adj}]_{Adj} “tranquilo, calmo”
 [dez barra dez]_s → [[dez]_{Num} [barra]_s [dez]_{Num}]_s “nota máxima, perfeição”
 [Zé Droguinha]_s → [[Zé]_s [Droguinha]_s]_s “pessoa envolvida com drogas”
 [lulopetismo]_s → [[lula(o)]_s [petismo]_s]_s “ideia de governo característico do PT e do presidente Lula”
 [patológicos]_{Adj} → [[pato]_s [lógicos]_{Adj}]_{Adj} “patos dotados de lógica”
 [terra-redondistas]_s → [[terra]_s [redondistas]_s]_s “adeptos da ideia de que a terra é redonda”
 [vale-night]_s → [[vale]_v [night]_s]_s “permissão do(a) cônjuge para se divertir à noite sem sua companhia”

O que se percebe nas composições notadas em (47) é a frequência de não alteração de categoria lexical dos formativos para o produto, mesmo que uma ou outra base varie nesse sentido. Talvez isso ocorra em função dos processos acoplativos da composição decorrerem mais da semântica que da morfossintática própria das bases concatenadas.

As composições morfológicas se apresentaram muito similares ao processo da prefixação por se realizarem a partir de formativos com semântica bem definida (radicais greco-latinos) e grau composicional mais alto. Desse modo, conhecer de antemão os significados individuais do nome **islã** e do radical preso **fobia** nos permite induzir o significado de “islamofobia”; da mesma forma, partir dos significados isolados do radical **audio** e do nome **livros** para se chegar à ideia de “livros sonoros” é possível e não muito opaco. Observar esses dois neologismos nos permite até prever outras possibilidades lexicais com a RFP que simulamos para composições:

- (48) $[X]_s \rightarrow [[X]_s \text{ [fobia]]}_s$ “rejeição, medo, intolerância a X”
 $[X]_s \rightarrow [[\text{audio}] [X]_s]_s$ “X relacionado ao som”

Porém o modelo de generalização das RFPs não funciona com as composições morfossintáticas tão bem quanto em (48), ao menos não para todos os casos que encontramos. Composições morfossintáticas como “Zé Droguinha”, “vale-night” e “lulopetismo” podem até ser previstas pelas RFPs com algum grau de generalidade, mas outras construções compostas, como “dez barra dez” e “[agentes] patológicos” envolvem implicações semânticas opacas demais para serem cobertas dessa forma, por extrapolarem o limite “palavra”. Tentaremos explicá-las pelos esquemas da morfologia construcional, sob abordagem da linguística cognitiva. Observemos os exemplares em uso nas imagens 9 e 10:

**Imagem 9 – dez barra dez
(cód. 5), Zé Droguinha (cód. 6)**



Fonte: EIS QUE TU... (2020)

**Imagem 10 – patológicos
(cód. 8)**

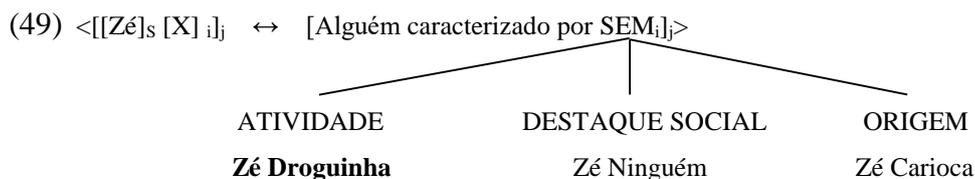


Fonte: AGENTES... (2019)

Para lidar com os exemplos, elaboramos o seguinte esquema com base no esquema de Booij (2013) para composições do inglês:

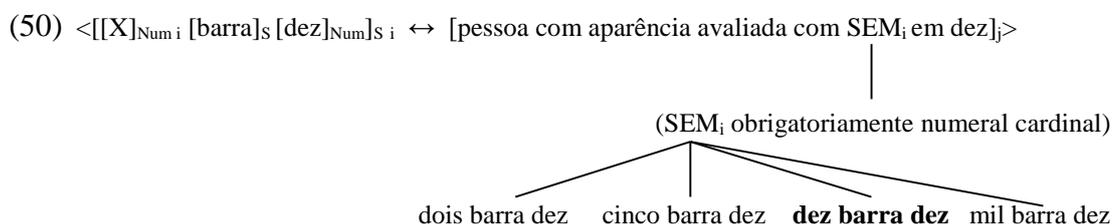
$$\langle [[X]_i [Y]_j]_k \leftrightarrow [SEM_i \text{ com relação a } SEM_j]_k \rangle$$

Na notação, X e Y representam as bases concatenadas, os subscritos indicam essas bases como índices variáveis, SEM indica o significado relativo à base específica e o subscrito externo aos colchetes identifica o produto do processo formativo. Relembramos que a parte do esquema anterior às setas duplas diz respeito ao polo formal da construção e a parte posterior indica o polo semântico, ambas num *continuum* de relações. Utilizando-se desse esquema, o composto “Zé Droguinha” pode ser representado como sugerido em (49):



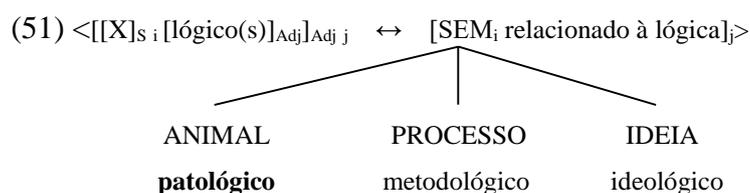
Assim, é possível perceber que os elementos concatenados à base **Zé**, também por relação de herança por polissemia, são capazes de adjetivá-la e atribuir a ela um novo perfil de significado. No caso da construção “Zé Droguinha”, caso a percebamos em seu uso na Imagem 9, a própria expressão intrigada do personagem Harry Potter (representando, talvez, o estereótipo “aluno”) ao perceber que a “dez barra dez” está acompanhada pelo “sujeito envolvido com drogas” favorece também o juízo depreciativo presente no morfema de grau em “Droguinha”. É perceptível que “Zé Droga” não causaria o mesmo efeito semântico e esse morfema de grau aplicado, simultâneo ao processo de composição, implica contrastes significativos nos desdobramentos pragmáticos da construção.

Já a construção “dez barra dez” é uma composição que funciona de maneira muito distinta do exemplo supracitado, conforme podemos observar em (50):



A construção “dez barra dez”, escrita em algoritmos (10/10) na Imagem 9, é também usada oralmente entre jovens com o mesmo significado, para se referir à “pessoa cuja beleza é avaliada com nota dez em dez”, em contextos usuais de interesse romântico/sexual. Além do conhecimento enciclopédico de que dez em dez significa alta performance e zero em dez, baixa, percebe-se que um fenômeno metonímico envolve esse neologismo, pois a referência a determinado sujeito é substituída por uma de suas características, atribuída pela nota em questão. No esquema, a relação entre as três bases é coordenada pela terceira, **dez**, cujo significado especifica quais valores a primeira base, X, pode assumir, e apenas a partir desse paralelo, sob essas regras específicas, o significado da construção torna-se viável. Por partir de variações condicionadas — em que X deve obrigatoriamente ser numeral cardinal, numa razão crescente de qualidade —, atribuímos a essa construção neológica *link* de herança por instanciação.

A unidade lexical “patológicos”, embora aparente ser um neologismo por extensão semântica, foi atribuída aos processos composicionais pelo uso específico da concatenação de suas duas bases, **pato** e **lógicos**. Como podemos perceber no texto da Imagem 10, há também relação intrínseca com a imagem do meme, sem a qual somos impossibilitados de compreender as particularidades semânticas dessa construção. Quando associamos a construção à imagem e à narrativa da pessoa estudante com dificuldades em se atentar a aula, a primeira base de “patológicos” deixa de ser o radical grego **pato-** para tornar-se a base livre e homófona **pato**, referente à ave. Assim, a composição e seu novo significado realiza-se de maneira simples, somando-se as características semânticas individuais dos dois elementos: o animal **pato** à qualidade de **lógico**. A relação semântico-pragmática “patos dotados de lógica” é ressaltada tanto pela palavra “agente”, que antecede “patológicos”, quanto pelos patos vestidos como detetives na imagem que ilustra o meme; agentes detetives são conhecidos por seu raciocínio lógico. Em esquema construcional, o neologismo em questão foi representado da seguinte forma, classificado por relação de herança por polissemia.



Fenômenos como este, em que construções lexicais são reinterpretadas conforme a divisão de suas partículas, são chamadas por Gonçalves (2016a) de decomposição sublexical, no entanto, sua funcionalidade tão similar à composição sintática foi compreendida aqui como uma subcategoria dos processos de composição e não nos motivou a criar seção específica.

O Quadro 6 apresenta os neologismos formados por cruzamento vocabular, que totalizaram 17 de nossa amostragem:

Quadro 6 – Neologismos formados por cruzamento vocabular

Cód.	Neologismo	Palavras transpostas	Texto
80	amazofuturismo	amazonas, futurismo	Conheça a nova sci-fi brasileira com sertãoopunk, cyberagreste e amazofuturismo
38	Bolsolini	Bolsonaro, Mussolini	Bolsolini , o presidente Uber. Foi eleito por um aplicativo e está nas mãos de um motorista.
77	cachorro-planistas	cachorro, terra-planistas	Convenção das pulgas cachorroplanistas
51	cafecolate	café, chocolate	Cafecolate
82	corônica	crônica, corona	" Corônica " de viagem: a volta para casa de um brasileiro na Europa
99	Digitau	digital, Itaú	Após ação no Conar, Itaú esclarece diferença entre "Digital" e " Digitau "
29	Dilmônica	Dilma, Mônica	É a Dilmônica !
70	flextariano	flex, vegetariano	Flextariano ? Búrguer de planta é pra quem come carne
40	Fofocalizando	fofoca, viralizando	Fofocalizando
94	infodemia	informação, epidemia	" Infodemia " e Covid-19: fluxo de informações e saúde mental em tempos de pandemia
41	inteligado	Intel, interligado	Intel. Inteligado em você.
63	Momonaro	Momo, Bolsonaro	Momonaro aparece em vídeos infantis ensinando a espalhar fake news e convence adultos que a reforma da previdência é boa
2	rivoutrada	Rivotril, revoltada	Hoje não tomei meu Rivotril tá. Tô rivoutrada .
67	sextômetro	sexta-feira, -metro	Sextômetro
45	Snapwhatsgram	Snapchat, Whatsapp, Instagram	Oi gata, você tem snapwhatsgram ?
74	terrorspectiva	terror, retrospectiva	Terrorspectiva - Os 60 melhores livros brasileiros de Terror da Década (2010-2019)
57	twitteratura	Twitter, literatura	" Twitteratura " seduz autores como alternativa para publicar histórias

Fonte: Elaborado pelo autor

Os cruzamentos vocabulares encontrados dividem-se nos seguintes padrões combinativos de classes lexicais:

- (a) N+N+N, 1 ocorrência: “Snapwhatsgram”;
- (b) N+N, 9 ocorrências: “amazofuturismo”, “Bolsolini”, “cafecolate”, “corônica”, “Dilmônica”, “infodemia”, “Momonaro”, “terrorspectiva” e “twitteratura”;
- (c) N+Adj, 4 ocorrências: “cachorro-planistas”, “Digitau”, “inteligado”, “rivoutrada”;
- (d) Adj+Adj, 1 ocorrência: “flextariano”;
- (e) N+V, 1 ocorrência: “Fofocalizando”;
- (f) N+Sufixo, 1 ocorrência: “Sextômetro”.

Dessas unidades lexicais, apenas “flextariano” figurou como hibridismo, por sua base estrangeira do inglês, *flex*.

Importante compreender sobre os padrões notados que não há ordem específica em como as bases se acoplam. Os cruzamentos vocabulares arranjam a disposição fonológica dos

itens cruzados com truncamentos, justaposições, interposições, apagamentos, fusão ou inserção de fonemas, sem limitar-se a fronteiras morfêmicas. Pode-se citar alguns desses neologismos de nosso *corpus* em que a separação entre as palavras-base reduzidas é bem clara — como em “**Bolso(naro)-(Musso)lini**”, “**cafe-(cho)colate**” e “**info(rmação)-(epi)demia**” —, outros em que acontece fusão de fonemas — “Bolsolini” (Bolsonaro, Mussolini) “twitteratura” (Twitter, Literatura) —, algumas ocorrências truncadas, justapostas com ou sem interfixo — “amazofuturismo” (Amazonas), “sextômetro” (sexta-feira) — e ocorrências em que o corpo fonológico das bases se mistura de forma assistemática, “encaixadas” a partir de analogias sonoras — como “corônica” e “rivoutrada”.

Observamos que o funcionamento dos cruzamentos vocabulares apresentou similaridade com os processos de composição entre bases livres, em especial na construção de significados da nova palavra: com transparência variável em sua composicionalidade, a semântica é constituída pelo significado das bases e pelas características pragmáticas do neologismo. Pode ser algo simples, que parte do significado individual das partes da amálgama, como encontramos no exemplar “cafecolates” (Imagem 11), ou algo não composicional, extremamente dependente de seu contexto de uso, como vimos em “cachorro-planistas” (Imagem 12), “corônica” (Imagem 13) e “rivoutrada” (Imagem 14).

Imagem 11 – cafecolates
(cód. 51)

Cafecolates	8,30	Suco
espresso, leite vaporizado, calda de chocolate e chantilly		300 ml
Irish coffee	13,90	Suco
espresso, whisky e chantilly		integrado
Chocolate quente	8,90	Mate
Chocolate quente europeu	12,50	
com chantilly e castanhas		
Choconhaque	11,20	
chocolate quente e conhaque		
Chás e infusões em sachê	6,00	
pergunte ao garçom as opções disponíveis		
Chá de hortelã	5,20	
Chá de gengibre, limão e mel	6,90	
Acréscimo de chantilly	1,80	
• BEBIDAS GELADAS •		
Água mineral	5,10	

Fonte: Fotografia do autor (2019)

Imagem 12 – cachorro-planistas
(cód. 77)



Fonte: CANIL HUANGDI BULL (2020)

**Imagem 13 – corônica
(cód. 82)**

“Corônica” de viagem: a volta para casa de um brasileiro na Europa

Jornalista do Grupo ND relata a saga de 40 horas para poder deixar a Europa em meio à pandemia de coronavírus e voltar para casa

DIOGO MAÇANEIRO, FLORIANÓPOLIS
22/03/2020 ÀS 07H30

Fonte: MAÇANEIRO (2020)

**Imagem 14 – rivoutrada
(cód. 2)**



Fonte: HOJE... (2016)

Em razão do cruzamento vocabular tratar-se de um processo muitas vezes não morfêmico, a representação por RFP própria à linguística gerativa não cobre generalizações desse fenômeno, uma vez que as regras que regem essas formações são instáveis e seus produtos chegam a ser idiossincráticos em caráter de produtividade. Por analogia a “cafecolate” e “cachorro-planistas”, podemos até criar palavras como “cafenhaque” ou “gato-planistas”, mas não se pode fazer o mesmo com “corônicas” e “rivoutrada”, vista a dependência fonológica unívoca que essas formações têm de suas palavras em amálgama. Mesmo em relação às duas primeiras — “café-X” e “X-(terra-)planistas” —, caso insistamos na tentativa de representar suas produtividades em RFPs, teríamos que dar conta da redução não morfêmica nas bases truncadas, e não há aparatos que permitam essa prática na literatura consultada, seja em Aronoff (1976), seja em Basílio (1980).

O modelo de esquemas construcionais de Booij (2010) apresentado por Gonçalves (2016b), ainda que situado na linguística cognitiva, em que se busca o tratamento holístico dos componentes linguísticos (encapsulados em teorias anteriores, como a gerativa), também apresenta determinada dependência dos morfemas para representar a generalidade produtiva de determinada construção neológica. Logo qualquer partícula não morfêmica não só foge aos padrões morfológicos comuns para formação de palavras, como interfere na forma como podemos conceber a semântica e a pragmática em manifestação na forma fonológica da unidade lexical. Contudo os esquemas ainda nos providenciam aparatos para tentar representar as construções em suas analogias, como propusemos em (52), (53) e (54):

(52) Proposta de esquema padrão para cruzamentos com semelhança fonológica:

$$\langle [X]_i \leftrightarrow [SEM]_i \rangle \approx \langle [Y]_j \leftrightarrow [Fonêmica\ similar\ a\ X\ e\ envolvido\ em\ SEM]_j \rangle$$

(53) Esquema aplicado a “corônica”:

$$\langle [Corona]_s \leftrightarrow [SEM]_i \rangle \approx \langle [X]_j \leftrightarrow [Fonêmica\ similar\ a\ 'Corona'\ e\ envolvido\ em\ SEM]_j \rangle$$

(54) Esquema aplicado a “rivoutrada”:

$$\langle [Rivotril]_s \leftrightarrow [SEM]_i \rangle \approx \langle [X]_j \leftrightarrow [Fonêmica\ similar\ a\ 'Rivotril'\ e\ envolvido\ em\ SEM]_j \rangle$$

O caráter dos esquemas duplos criados acima é experimental, mais um exercício que uma resolução, e foi baseado em esquemas de Booij (2013) aplicados para lidar com construções lexicais motivadas por relações paradigmáticas.⁴⁶ Embora essas notações possam funcionar em algum nível para descrever as construções especificadas, seu potencial de captar generalizações para novas construções nos mesmos moldes é delicado. Ainda assim, esquemas duplos podem nos permitir experimentar a esquematização de outros processos de formação de palavras não concatenativos motivados por analogias. O caráter restritivo de (52), que especifica a similaridade obrigatória do produto $[Y]_j$ ao corpo fonológico de $[X]_i$ para ocorrer, nos remete à relação de herança por instanciação, considerando que o esquema depois de \approx instancia o esquema anterior.

Há ainda uma especificidade muito própria desses cruzamentos vocabulares neológicos com relação ao uso — por serem usos idiossincráticos e pouco produtivos, características pragmáticas indispensáveis chegam a fugir de possibilidades esquemáticas. De “Cafecolate”, parece natural chegar à dedução de “bebida baseada em café e chocolate”, mas “cachorro-planistas” como “pulgas que acreditam que o cachorro é plano” depende do conhecimento enciclopédico sobre os terra-planistas e da metáfora criada por meio da charge na Imagem 12. Da mesma forma, o significado de “corônica” como “viagem longa e dificultosa durante a pandemia do Coronavírus” se apoia no conhecimento de pelo menos o lide da reportagem em que o neologismo ocorre (Imagem 13); e interpretar “rivoutrada” como “pessoa irritada por falta de medicamento calmante” envolve conhecimentos enciclopédicos sobre a droga em questão e sobre a popularidade temperamental da raça canina retratada no meme (pinscher), para que se capte a metáfora da Imagem 14. Todas ocorrências se mostram circunstanciais, com elementos pragmáticos imprevisíveis devido à singularidade de seus enunciados.

⁴⁶ Explicado em Booij (2013, p. 11) e Gonçalves (2016b, p. 36).

No Quadro 7, listam-se os 2 únicos neologismos advindos do processo de truncamento, formados a partir do substantivo “promoção” e do verbo “apaixonei”:

Quadro 7 – Neologismos formados por truncamento

Cód.	Neologismo	Palavras truncadas	Texto
35	promo	promoção	Promo xonei Imaginarium. Os produtos que você ama com precinhos de se apaixonar.
34	xonei	apaixonei	

Fonte: Elaborado pelo autor

O contexto dos itens é verificável na Imagem 15, registrada por fotografia em um estabelecimento comercial de presentes.

Imagem 15 – promo (cód. 35), xonei (cód. 34)



Fonte: Fotografia do autor (2019)

Percebemos nos dois itens lexicais que o apagamento sofrido pelas palavras truncadas não respeita limites morfêmicos. Embora **-ção** seja sufixo produtivo para formação de substantivos a partir de verbos (trair/trai**ção**, observar/observa**ção**), **promo-**, **apai-** e **-xonei** não são radicais, afixos ou qualquer partícula com significado lexical próprio no português brasileiro. Logo as dificuldades de representação desse fenômeno envolvem as mesmas discutidas no processo de cruzamento vocabular (que muitas vezes tem o truncamento como um subprocesso). O interessante a ser notado nas duas unidades lexicais é que o apagamento fonológico de uma delas realiza-se no final do item lexical (promo**ção**), um padrão recorrente, enquanto a outra apresenta apagamento inicial (~~apa~~xonei); truncamentos nos moldes desta última não ocorreram em nenhum dos exemplos da literatura consultada sobre a categoria (ALVES, 1994; CORREIA; ALMEIDA, 2012; GONÇALVES, 2016a, 2019; ROCHA, 1998).

No caso de “xonei”, a escolha por preservar o final da palavra em vez do início pode ter relação com o truncamento quando aplicado à categoria verbal, em que os morfemas flexionais

teriam maior importância para manter a semântica do verbo, mesmo em uma forma abreviada. Não prolongaremos a discussão sobre o tema neste trabalho, mas esperamos ensejar pesquisas a respeito.

Aronoff (1976), partindo da perspectiva gerativa, até chega a elaborar uma regra de truncamentos, mas ela não intenciona prever regras às formações truncadas, sendo aplicada especificamente como estratégia de cancelamento de morfemas na análise de palavras com bases presas em analogia a palavras vinculadas a essas por relação paradigmática; logo, por essa regra não abordar a produtividade neológica do fenômeno, não importa a nós explorá-la aqui.

Sob perspectiva cognitiva, pelas vias esquemáticas da morfologia construcional, não há muito ao que recorrer para tentar prever formações truncadas, uma vez que elas sugerem uma natureza tão irregular quanto os cruzamentos vocabulares, podendo ser morfêmicas ou não, porém, a partir da ideia de que construções truncadas sejam vinculadas às suas respectivas construções de origem por relações de herança por subparte, podemos experimentar alguns esquemas:

(55) Proposta de esquema padrão para truncamentos:

$$\begin{array}{l} \langle [X_i]_j \leftrightarrow [SEM_i]_j \rangle \\ | \text{ link por subparte} \\ \langle [Y_i]_j \leftrightarrow [SEM_i \text{ com função indexical}]_j \rangle \end{array}$$

(56) Esquema (62) aplicado a “promo”:

$$\begin{array}{l} \langle [\text{promoção}] \leftrightarrow [SEM_i]_j \rangle \\ | \text{ link por subparte} \\ \langle [\text{promo}] \leftrightarrow [SEM_i \text{ com função indexical}]_j \rangle \end{array}$$

(57) Proposta de esquema padrão para truncamentos:

$$\begin{array}{l} \langle [\text{apaixonei}] \leftrightarrow [SEM_i]_j \rangle \\ | \text{ link por subparte} \\ \langle [\text{xonei}] \leftrightarrow [SEM_i \text{ com função indexical}]_j \rangle \end{array}$$

O esquema padrão (55) baseia-se nos esquemas para formações por *splinters* — que são, a grosso modo, truncamentos que se tornaram produtivos —, mas é de caráter tão experimental como os esquemas que praticamos para os cruzamentos vocabulares; a produtividade é relativamente trabalhada, talvez em um ângulo muito esparso. Ainda assim,

com ele, podemos captar algumas características mais gerais dos itens em (56) e (57). Nos esquemas, tanto a forma inteira do item lexical quanto a fractal foram representadas como unidades integrais (X, Y), levando-se em consideração que a forma abreviada assume uma nova integridade em caráter pragmático-semântico, sob uma ótica gestáltica. A forma truncada não apenas reaplica o significado de sua forma inteira: assume novas características na dimensão pragmática, motivada por função indexical.⁴⁷ Dessa forma, explica-se porque a escolha de “Promo xonei” no lugar de “Promoção Apaixonei” não é arbitrária; o truncamento trabalha aqui com um contexto de relacionamento, com objetivo de integrar a marca comercial em questão ao grupo dos clientes potenciais por meio de uma linguagem talvez mais jovem, informal e descontraída.

Com relação a formações por siglagem e acronímia, não houve casos relevantes de neologismos em nosso *corpus*, logo não nos ocuparemos de analisar as particularidades do processo por RFP ou esquema de morfologia construcional. Podemos avaliar por alto que sua irregularidade morfêmica dificulta a criação de RFPs que as prevejam, ainda que fenômenos de derivação afixal presentes em siglas e acrônimos sejam representáveis, como “**PMDBista**” e “**pré-Enem**”. Esquemas cognitivos próprios à siglagem/acronímia também não foram encontrados em nossa pesquisa bibliográfica, porém experimentações de esquemas apropriados poderiam envolver combinações entre esquemas para composições morfossintáticas e esquemas para truncamentos, processos relacionáveis às noções abreviativas e lexicalizadas que permeiam a siglagem e a acronímia.

No Quadro 8, listam-se 2 neologismos de nosso *corpus* formados pelo fenômeno de reduplicação:

Quadro 8 – Neologismos formados por reduplicação

Cód.	Neologismo	Elemento reduplicado	Texto
10	mimimi	mi	Não é mimimi , é discriMInação, é feMInicídio, é Misoginia. [...]
19	pipipopopo	pi, po	" pipipopopo cigarro contém mais de 4700 substâncias tóxicas" Velho, 4700 substâncias tóxicas por 8 pila é muito barato

Fonte: Elaborado pelo autor

Ambos os itens também nos fogem a aparatos de representação morfológica como as RFPs e os esquemas da morfologia construcional, por não serem morfemicamente motivados em sua forma fonológica. Ocorre a repetição de um padrão silábico, no entanto, não há qualquer significado originado do fragmento repetido. Por meio da repetição da partícula, percebe-se a

⁴⁷ Segundo Gonçalves (2019), palavras com função indexical “sinalizam grupos de falantes — e, portanto, permitem que seja traçada uma espécie de perfil sociocultural dos usuários [...]” (GONÇALVES, 2019, p. 130).

Os dois casos apresentam também funções de ironização nos enunciados em que ocorrem, representando a “reclamação” ou o “falatório” de modo depreciativo; o próprio enunciado da Imagem 16 se propõe a desconstruir a ridicularização que envolve o termo “mimimi” e sua atribuição aos assuntos de violência contra a mulher.

Não há ainda chão morfológico seguro nas construções aqui apresentadas que nos permita representar sua formação reduplicativa esquematicamente. Há até estudos dentro da morfologia construcional envolvendo composições por reduplicação, mas apenas aquelas formadas por bases verbais ou bases nominais (GONÇALVES, 2016b, p. 83). Nestes, adota-se o esquema $[[X]_x[X]_x]_x$ para representar repetições de formas linguísticas, mas mesmo que insistíssemos em tentar sua aplicação nos itens em questão, suas partículas reduplicadas — **mi**, **pi**, **po** — não dispõem de categoria lexical (indicadas pelos subscritos do esquema), e o próprio produto lexical do processo pode não ter essa categoria clara: “mimimi” se enquadra como substantivo em nosso exemplo, mas como se categorizaria “pipipipopopo”, cuja função parece ocupar o lugar de toda uma sentença intercalada ao enunciado? Logo os esquemas de Booij (2010, 2013) parecem não ser compatíveis para representar ou prever generalizações desse fenômeno de formação lexical, caso seja de natureza amorfêmica.

A única ocorrência neológica de recomposição está disposta no Quadro 9:

Quadro 9 – Neologismos formados por recomposição

Cód.	Neologismo	Radical/Prefixo recomposto	Texto
39	trans-amor	trans-	trans-amor

Fonte: Elaborado pelo autor

Para clareza do neologismo em uso, vide a Imagem 18:

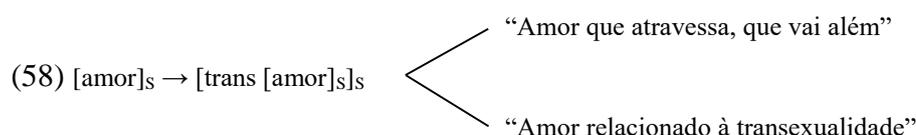
Imagem 18 – trans-amor (cód. 39)



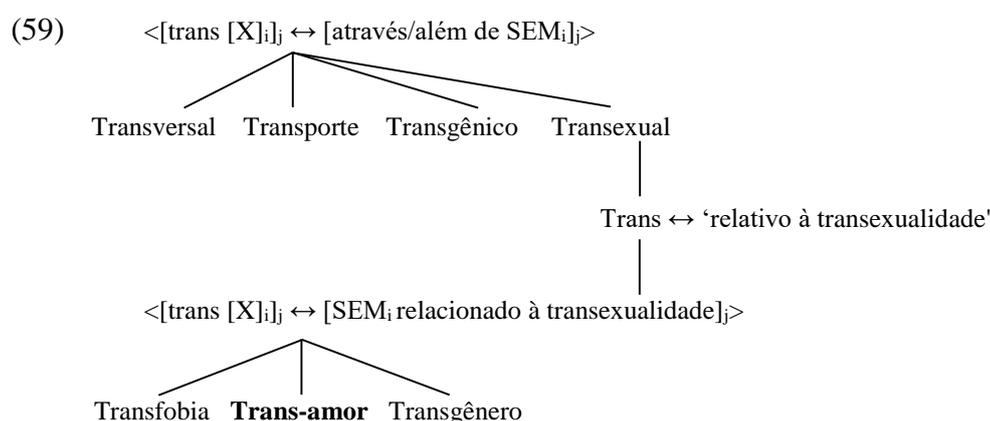
Fonte: Fotografia do autor (2020)

O prefixo grego **trans-** adiciona às bases em que se acopla o significado “além de, através de” (BECHARA, 2009, p. 368), no entanto, o contexto de seu enunciado, uma pichação, que controverte as regras e vai contra aquilo que é dito padrão na sociedade, nos abre margem para interpretação mais atual: a de **trans-** como truncação de “transexual” e a relação desse novo significado com a base **amor**. Em suma, o texto pode significar uma manifestação de apoio ao amor transexual, que sofre amplo preconceito social.

Sob uma abordagem gerativa, RFPs não parecem diferenciar a recomposição de outras derivações prefixais. O mesmo padrão funcionaria aos dois para prever possíveis formações com o afixo, embora o significado dos produtos da regra em questão possa tornar-se ambíguo sem as especificações atualizadas sobre as características semânticas do formativo. Poder-se-ia sugerir que se trabalhasse com duas RFPs distintas, uma para cada significado possível do prefixo, mas como esse tipo de especificação semântica não participa das generalizações previstas pelo modelo de Aronoff (1976), teríamos por representação a regra (58), sujeita a ambiguidades:



Sob abordagem cognitiva, a mera definição de **trans-** como prefixo ganha novas dimensões, uma vez que a relação entre derivação e composição é percebida num *continuum* pela proposta de Booij (2010), sobretudo no processo de recomposição, no qual manifestam-se tanto características de composição quanto de derivação. Pelos esquemas morfológicos construcionais, podemos representar de modo mais específico a ressignificação de formativos recompostos e sua produtividade, conforme podemos ver em (59):



Percebe-se nessa rede de esquemas duas possibilidades semânticas relacionadas ao prefixo **trans-**: a do primeiro esquema, referente ao sentido etimológico do formativo, e a do subesquema, que se vincula ao esquema superior por herança de subparte, ressignificando o prefixo metonimicamente a uma construção específica (no caso, “transexual”). Os procedimentos esquemáticos realizados para representar recomposições são bastante similares aos utilizados para representar as formações por *splinters*, uma vez que ambos os processos formativos se realizam a partir do encurtamento de construções para a criação de partículas lexicalmente produtivas, com *status* de afixo, como veremos a seguir.

No Quadro 10, temos a ocorrência de 3 neologismos formados por *splinters*:

Quadro 10 – Neologismos formados por *splinter*

Cód.	Neologismo	<i>Splinter</i>	Texto
1	chimilimão	chimi-	chimilimão
79	cyberagreste	Cyber-	Conheça a nova sci-fi brasileira com sertãopunk, cyberagreste e amazofuturismo
92	Poupecast	-cast	Poupecast

Fonte: Elaborado pelo autor

Todos esses neologismos se constituem como hibridismos, partindo de palavras não nativas ao português para o estabelecimento de seus *splinters*: **chimi-** é o encurtamento do estrangeirismo “*chimichurri*”, **cyber-** é truncação de “*cybernetics*”, **-cast** trunca “*podcast*” (GONÇALVES, 2016b). O que torna cada um desses truncamentos *splinters* é a capacidade de motivar novas criações lexicais, como se fossem morfemas — em suma, a produtividade. Nesse fenômeno, percebe-se que a forma reduzida herda propriedades semânticas da forma integral, metonimicamente.

Observem as Imagens 19 e 20, para contextualização pragmática dos neologismos “cyberagreste” e “poupecast” (“chimichurri” foi abordado previamente na Imagem 1, com exemplo de esquema cognitivo no capítulo quatro).

**Imagem 19 – cyberagreste
(cód. 79), sertãopunk (cód. 78),
amazofuturismo (cód. 80)**



Fonte: YUGE (2020)

**Imagem 20 – poupecast
(cód. 92)**



Fonte: POUPECAST (2020)

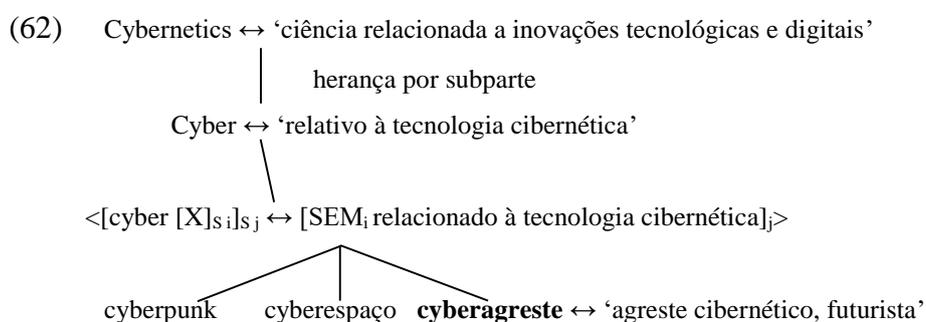
Como aconteceu com as recomposições, as RFPs do modelo gerativo podem funcionar para prever alguma aplicação do formativo a novas criações lexicais, desde que a partícula se comporte produtivamente (como um morfema) e se possa estabelecer categorias lexicais padrões a compor a base e o produto. As motivações de como o formativo adquiriu comportamento produtivo, entretanto não são evidenciadas ou não parecem ser preocupação da morfologia gerativa, ao menos nesse modelo de representação de regras elaborado por Aronoff (1976). Aplicadas RFPs similares às utilizadas na derivação sufixal e prefixal, considerando-se o *status* morfêmico dos *splinters* envolvidos nos neologismos, chegamos aos seguintes pares de notações:

- (60) $[X]_s \rightarrow [\text{cyber}[X]_s]_s$ “X adjetivado por *cyber*”
 $[\text{agreste}]_s \rightarrow [\text{cyber}[\text{agreste}]_s]_s$ “Agreste cibernético”
- (61) $[X]_v \rightarrow [[X]_v \text{ cast}]_s$ “*cast* adjetivado por atividade X”
 $[\text{Poupe}]_v \rightarrow [[\text{Poupe}]_v \text{ cast}]_s$ “*cast* sobre ‘poupar’”

Percebeu-se nesses itens lexicais que a função do *splinter*, quando precede a base, é similar à de um prefixo natural, adjetivando-a, e, quando sucede a base, é similar a um sufixo natural, alterando sua categoria lexical. Apesar de não termos encontrado aplicação de RFPs na literatura pesquisada sobre esse tipo de fenômeno, nota-se que a função morfêmica dos *splinters* nos permite trabalhar regras com chances interessantes de previsibilidade e descritibilidade de neologismos, com algumas ressalvas: a) não há RFPs que unifiquem sufixação e prefixação

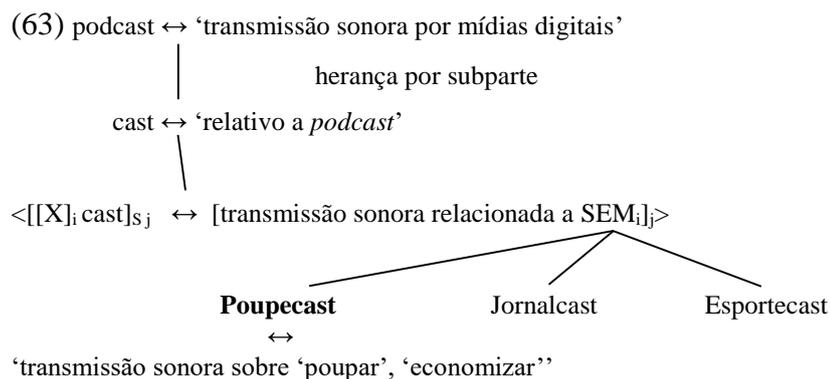
para uma generalização mais ampla, logo as duas fórmulas teriam de ser consideradas alternativamente, conforme o posicionamento do *splinter* no item lexical; b) representar os *splinters* com RFPs nos leva a abrir mão das motivações que em algum momento tornaram a partícula produtiva e, em consequência, a própria categoria acaba por ser agrupada ou aos sufixos ou aos prefixos, se perdendo.

Pelos esquemas cognitivos da morfologia construcional, pudemos cobrir o fenômeno de formações por *splinter* de forma ao mesmo tempo ampla e específica, com via de revelar motivações e desdobramentos das novas partículas produtivas. Baseado em um esquema de Gonçalves (2016b, p. 122) para o *splinter* **cyber-**, pudemos articular o esquema:



Em (62), conseguimos não só trabalhar a generalização dos processos cyber-X como compreender seu esquema primário e o *link* de herança por subparte que permeia suas aplicações semânticas. Quando observamos o contexto em que o neologismo foi utilizado — uma reportagem sobre a emergência de novos subgêneros literários de ficção científica — nos é possível estabelecer paralelos com outras construções formadas pelo mesmo padrão. Por associação, o significado “cibernética” metonimizado em **cyber-** acresceu às bases experimentadas a ideia de “futurismo, época em que a cibernética predomina” e desse significado pode-se deduzir o sentido de “cyberagreste” como um tipo de gênero literário tematizado no sertão futurista, dominado pela cibernética. Cabe destacar que a semântica de **cyber-** nas construções do subesquema em (62) podem ser um novo desdobramento esquemático de herança por polissemia, visto que há outros usos desse *splinter* não sinônimo a “futurista”.

Propusemos esquema semelhante à construção “Poupecast”:



Em (63), o mesmo desdobramento metonímico ocorre entre “*podcast*” e **-cast**, tornando-se explícita a utilização do fragmento para se dar nome a programas de *podcast* sobre temas diversos, conforme a própria Imagem 20 nos entrega em sua legenda explicativa sobre o que é o “Poupecast”. A novidade entre esse esquema e o anterior está na não especificação da categoria lexical da base a se juntar com o formativo. A morfologia cognitiva, por centrar-se no *output* dos processos formativos em vez dos *inputs*, nos permite tal flexibilização (BOOIJ, 2010; GONÇALVES, 2016b). Assim, em bases variantes de categoria lexical como as da formação X-cast, podemos trabalhar a produtividade do processo de maneira mais abrangente.

Dessa forma, percebemos que procedimentos esquemáticos para relações de herança por subparte parecem descrever com efetividade formações recompostas e elaboradas a partir de *splinters*, de modo amplo, das motivações “formativas do formativo” às particularidades semântico-pragmáticas que envolvem a unidade lexical. As RFPs também apresentam possibilidades de tratamento dos padrões que envolvem essas formações, com algumas ressalvas, e demonstram poder de previsão aproximado às suas aplicações sobre derivações e composições.

Vejamos no Quadro 11 os neologismos semânticos, criados por extensão semântica, que totalizaram 5 de nossa amostragem:

Quadro 11 – Neologismos formados por extensão semântica

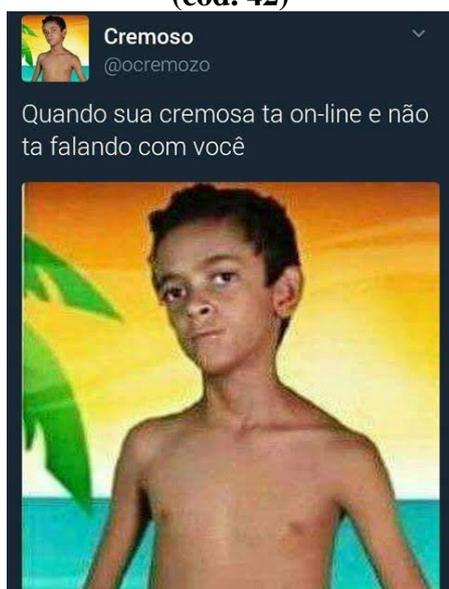
Cód.	Neologismo	Nova acepção ⁴⁸	Texto
42	cremosa	mulher atraente	Quando sua cremosa tá on-line e não ta falando com você
21	morena	mulher atraente	Eis que a morena entende de memes
55	nutella	pessoa fresca ou mimada	Os menino nutella de hoje nem vão saber o que é isso.
101	paranauê	conhecimento sobre algo	Esse manja dos paranauê
11	hominho	<i>action figures</i>	O nome disso não é action figure. O nome certo disso é " hominho ".

Fonte: Elaborado pelo autor

⁴⁸ Significados referentes aos verbetes encontrados no Dicionário Informal (2020).

Das ocorrências, originalmente, 1 é adjetivo — “cremosa” — e 4 são substantivos, mantendo-se essa mesma razão no uso de suas novas acepções, com 2 mudanças de classe lexical: “cremosa” torna-se substantivo e “nutella” muda de substantivo para adjetivo. Todas participam de um contexto mais informal em seus usos, com caráter gíriático, voltados para o humor. Vejamos como isso ocorre com alguns exemplares, nas Imagens 21, 22 e 23:

Imagem 21 – cremosa
(cód. 42)



Fonte: QUANDO SUA... (2017)

Imagem 22 – nutella
(cód. 55)



Fonte: DEU... (2020)

Imagem 23 – hominho (cód. 11)



Fonte: O NOME... (2019)

Todas essas palavras distinguiram-se de sua semântica prototípica e tornaram-se novitativas — logo deixaram de ser a “palavra antiga” para ser uma nova, um neologismo — por serem aplicadas em novas situações, nas quais ocorreram analogias entre domínios diferentes. “Cremosa”, associado à boa aparência de alimentos com creme, passa a referir-se à pessoa de boa aparência, que desperta interesse romântico/sexual; “Nutella”, associado a um

alimento caro, cujo valor é acessível pelos mais abastados e sem dificuldades sociais, passa a referir-se ao próprio indivíduo como se ele fosse esse consumidor estereotípico do produto; “Hominho”, popularmente usado para dar nome a bonequinhos de brinquedo, passa a referir-se aos *action figures*, que apesar de serem miniaturas de personagens, são na verdade — no contexto brasileiro da expressão estrangeira — artigos decorativos da cultura *nerd/pop* para colecionadores, sem uso lúdico.

No entanto, esses neologismos semânticos, por não partirem de qualquer mudança em sua forma fonológica para ocorrer, não nos dão margem para generalizações por regras de formação ou por esquemas morfológicos — não há formativo morfêmico ou mesmo não morfêmico envolvido nesse fenômeno de criação lexical. A morfologia construcional, situada na linguística cognitiva, trabalha pelo menos três *links* de herança para encontrar padrões formativos motivados por vias semântico-pragmáticas, a relembrar, o *link* por metáfora, o *link* por subparte (metonímia) e o *link* por polissemia, porém todas essas relações são mensuradas conforme a aplicação de uma partícula formativa e sua recorrência na criação de novas construções. Logo enseja-se aqui deixar este assunto aberto a outras pesquisas que tenham por objetivo a representação abstrata de fenômenos lexicais semântico-produtivos, seja por meio de regras, como busca a linguística gerativa, por meio de esquemas, como propõe a linguística cognitiva, ou por quaisquer outras vias teórico-metodológicas.

No quadro 12, podemos observar 2 onomatopeias presentes em nosso *corpus* de neologismos:

Quadro 12 – Neologismos formados por onomatopeia

Cód.	Neologismo	Som representado	Texto
10	mimimi	Reclamação repetitiva	Não é mimimi , é discriMInação, é feMInicídio, é Misoginia. [...]
19	pipipopopo	Discurso longo	" pipipopopo cigarro contém mais de 4700 substâncias tóxicas" Velho, 4700 substâncias tóxicas por 8 pila é muito barato

Fonte: Elaborado pelo autor

Os mesmos itens lexicais foram comentados nas análises de formação por reduplicação (Imagens 16 e 17). O neologismo “mimimi” nos sugere uma categoria substantiva, conforme deduz-se de seu posicionamento sintático no texto, enquanto “pipipopopo” não é claro quanto à categoria lexical, funcionando como uma sentença inteira intercalada a outra. As partículas **mi**, **pi** e **po** não seguem motivação formal discernível e, dispostas em reiteração como estão, parecem simular o som do próprio discurso em repetição, não o que o discurso diz; por isso sugerimos a classificação dessas unidades lexicais em nosso trabalho como criações

onomatopaicas. Isto é, embora a reiteração dessas partículas onomatopaicas funcione de modo intensificador, como acontece com as reduplicações formadas a partir de morfemas (essas esquematizáveis), o que se intensifica aqui não é a semântica do formativo e sim a duração, o volume, de um falar genérico, representado pelo corpo fonológico reiterado.

É pouco provável que haja regras capazes de prever as complexidades desse processo de formação tão irregular, visto que a percepção e representação fonológica nos parece subjetiva e idiossincrática demais para tal. Da mesma forma que a onomatopeia do latido de um cão é representada de formas diferentes no português e no inglês, ainda que motivados pelo mesmo som, pouco se consegue explicar porque o neologismo “pipipipopopo” não ganhou constância na língua como “babababibibi” (lembra de “nhem nhem nhem”?) que não seja unicamente por convenção linguística; talvez, quaisquer padrões CV dispostos da mesma maneira poderiam ter preenchido o papel que as partículas **pi** e **po** realizam.

Os modelos esquemáticos de Booij também não têm aplicação sobre esse processo não concatenativo de criação lexical, porém, mesmo diante das dificuldades para se generalizar o processo, é interessante como este funciona por meio de um tipo de metáfora, relacionando dois domínios: o do som que se tenta transcrever e o da forma fonológica análoga ao primeiro. Poder-se-ia argumentar que isso não passa do pareamento comum entre som e significado, mas deve haver algo mais na maneira como se instituem as onomatopeias, quando o significado se remete ao próprio som, e não com ele a um elemento do mundo. Deixamos o tema como questão a pesquisas mais específicas sobre esse fenômeno, já que ele foge às ferramentas de generalização praticadas neste estudo.

Neologismos categorizados como criações *ex-nihilo* foram ausentes em nosso *corpus*, dada a já esperada não produtividade do fenômeno, no entanto, na amostra excluída, figurou “tchutchuca”, que, mesmo não neológico, poderia ser interpretado como *ex-nihilo*; não por ser uma unidade lexical isenta de motivações, na leitura que este trabalho realiza, mas sim por ter possíveis motivações não detectáveis. Naturalmente, é improvável que algum aparato teórico-metodológico, gerativista ou cognitivista, se preste a encontrar padrões no que se diz imotivado, seja essa imotivação virtual ou concreta: não se pode prever o imprevisível.

Antes de prosseguirmos a alguns comentários gerais a respeito de nossa abordagem prática e de nossas reflexões sobre os 14 processos formativos de novas palavras — logo neologismos —, façamos um exercício breve para uma última consolidação acerca das representações gerativas e cognitivas operadas neste estudo, partindo da Imagem 24:

Imagem 24 – de boas (cód. 16), desdeboar (cód. 17), deboadores (cód. 18)



Fonte: SE VOCE... (2016)

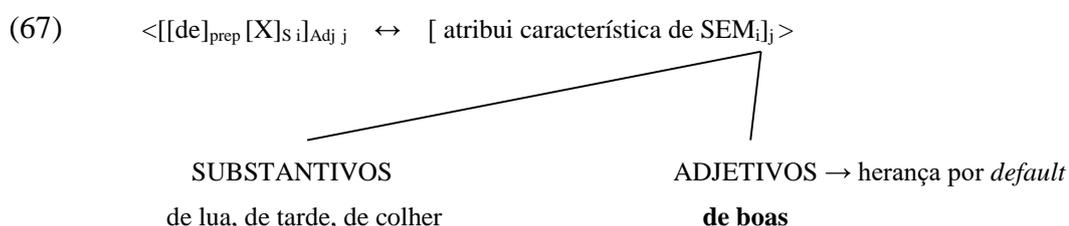
No meme ilustrado, temos a unidade lexical neológica “de boas”, com uso adjetival, servindo como base morfológica para duas outras palavras: o verbo “desdeboar” e o substantivo “deboadores”.

Em aspectos semânticos, de acordo com o Dicionário Informal (2020), estar “de boas” seria o mesmo que estar “tranquilo”, “sossegado”, embora esse significado não seja transparente na composição da pequena expressão; não se chega aos sentidos mencionados partindo dos significados isolados em “de” e “boas”. Ainda assim, por mais que não conheçamos as motivações semântico-pragmáticas iniciais dos constituintes da expressão, sabemos que ela é um produto de bases justapostas com determinada relação sintática, o que nos permite trabalhá-la no escopo das palavras formadas por composição morfossintática. A assertiva de “de boas” como palavra é também fortalecida pelo fato de a unidade admitir afixos e se estabelecer com perfil lexical produtivo: em “desdeboar” temos a presença dos processos derivacionais, tanto de prefixação (**des-**) quanto de sufixação (**-ar**), e em “deboadores” temos outra sufixação (**-dor[es]**). Vejamos como os três neologismos relacionados podem ser representados conforme as RFPs gerativas:

- (64) [de boas]_{Adj} → [[de]_{Prep} [boa(s)]_{Adj}]_{Adj} “tranquilo, calmo”
- (65) [desdeboar]_v → [des [deboar]_v]_v “desfazer a calma”
 [desdeboar]_v → [[de boa(s)]_{Adj} ar]_v
- (66) [deboador(es)]_s → [[deboar]_v dor(es)]_s “os que praticam a calma”

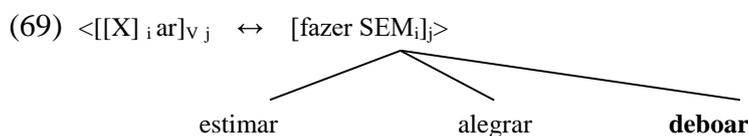
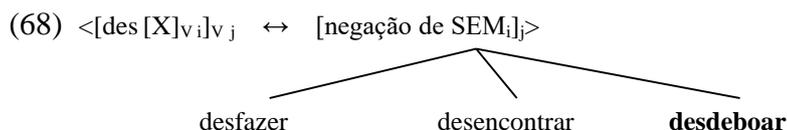
Enquanto “desdeboar” e “deboadores” são facilmente previstos nos padrões de regras **des-X**, **X-ar** e **X-dor**, a RFP proposta para “de boas” não é profícua, pela ausência grave de generalidade: sua elaboração se depara com os mesmos desafios que enfrentamos ao tentar abstrair regras de formação na análise de outras formações por composição morfossintática, como “dez barra dez”, cuja estrutura é mais irregular e idiossincrática.

Da mesma forma que praticamos anteriormente com as composições, podemos experimentar os esquemas boojianos da morfologia construcional na busca de proposições que representem redes e relações por detrás da composição “de boas”. Elaboramos para o idioma o seguinte esquema:⁴⁹

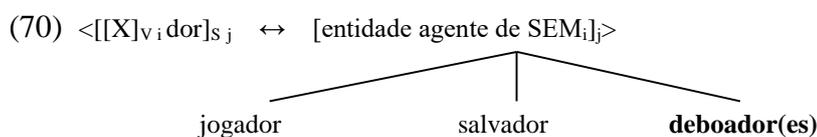


Percebe-se que a própria estrutura de “de boas” segue um padrão de locuções adjetivas formadas pela proposição “de” anteposta a um substantivo, do qual se deduzem suas características semânticas. O neologismo em questão tem a mesma função adjetival, compõe-se do “de” por primeiro elemento, mas pertence a uma classe anômala às previsões do esquema. Nas formações de (67), em que as bases são substantivas, existe certa transparência semântica: seja a metáfora de “lua” por “fases” para caracterizar alguém inconstante em suas escolhas, seja a literalidade de “tarde”, seja a metonímia de “colher” por “algo que se come de colher”. Aparentemente, são todos processos semânticos menos opacos que os ocorrentes em “de boas”, reforçada em contexto pela fotografia da preguiça e sua expressão na Imagem 24, para se chegar à ideia semântica de “tranquilidade, calma”. Assim, por ser uma construção mais próxima que destoante das generalidades do esquema (67), sugerimos à formação o *link* de herança por *default*. Partindo das conclusões desse esquema, chegamos a (68) e (69) para “desdeboar”:

⁴⁹ Na expressão idiomática “de boas”, “boas” pertence à classe adjetiva, mas não se aplica a qualquer outro nome, como ocorre em “É um homem **de boas** maneiras/**de boa** vida”. Hipotetiza-se que a origem da gíria decorra da redução de alguma sentença completa, como acontece na expressão “de quinta”, reduzida de “**de quinta** categoria”.



E a (70) para “deboadores”:



Em (68), (69) e (70), propomos que as construções neológicas em pauta sejam tratadas por relação de herança por polissemia, visto que em cada um dos casos, a relevância maior entre a construção básica (o *input*) e a construção formada (o *output*) se deu por acréscimo de perfil semântico da base “de boas”.

De maneira geral, pudemos observar que a aplicação dos modelos de representação por regras, pela gerativa, e por esquemas, pela linguística cognitiva, comportaram-se de maneira similar para prever motivações dos processos formativos de morfologia mais transparente: derivações prefixais e derivações sufixais. Inclusive, os esquemas desses fenômenos mostram em seu polo formal notação muito semelhante à RFP, mas combinada obrigatoriamente a um polo semântico, com detalhamentos possibilitados por subesquemas. A diferença principal decorreu do aprofundamento permitido pelos esquemas cognitivos à face semântica e pragmática da nova palavra, enquanto as RFPs nos ofereceram aparelhagem para formular padrões objetivos e com base na estrutura, sem necessidade de recorrer a instâncias mais pragmáticas do léxico. Tanto uma quanto outra teoria ofereceu soluções funcionais de abstração da formação sufixal/prefixal de neologismos e à configuração de seus componentes, com perspectiva mais formal, no caso das fórmulas de regras gerativistas, e conjugada entre forma e semântica, no caso dos esquemas.

Nossa amostra de derivação parassintética, mesmo sem fórmulas de RFPs presentes em nossa bibliografia para o processo, pôde ainda ser representada com um exercício de adaptação das regras de prefixação e sufixação em um única notação; igualmente ao que ocorreu com a representação cognitiva por esquema, com sua vantagem de detalhamentos por

subesquemática. Essa possibilidade de adaptação, tanto para as RFPs quanto para os esquemas, é favorecida quando os formativos envolvidos no neologismo são de natureza morfêmica. Partindo desse escopo, foi possível experimentar propostas de RFPs até mesmo para exemplares formados por processos não concatenativos, como a recomposição e a formação por *splinters*. Para tal, bastou-se conceber os formativos — o radical neoclássico ressignificado da recomposição, o truncamento produtivo das formações por *splinter* — como afixos e organizar a fórmula conforme sua posição anterior ou posterior à base, analogamente às RFPs para sufixações e prefixações. Mesmo assim, essas propostas adaptadas de generalização pelo modelo gerativo deixam espaço para ressalvas, cujos detalhes podem ser devidamente representados nos esquemas boojianos. Por meio destes, não só previmos padrões formativos da construção, como trabalhamos também o padrão “formativo do formativo”: entendemos o radical recomposto em seu sentido anterior e atual, bem como especificamos o truncamento do qual dado *splinter* se origina.

Com relação aos neologismos formados por composição, as RFPs gerativas foram aplicadas apenas àqueles de natureza morfológica, estabelecendo-se analogias entre bases presas greco-latinas e afixos comuns. Neologismos elaborados por composição morfossintática, na qual se incluíram não só palavras formadas por bases justapostas como também pequenas expressões idiomáticas de uma a três bases, foram cobertos com a prática dos esquemas construcionais, nos quais se pôde explorar o caráter sintático e relacional das composições com alguma eficiência, já que os esquemas construcionais nos permitem lidar com itens além das fronteiras lexicais.

A utilização de elementos semântico-pragmáticos presente nos esquemas de Booij nos deu suporte até mesmo para elaboração de esquemas para os neologismos formados por cruzamentos vocabulares e truncamentos, cuja estrutura irregular e amorfêmica bloqueou qualquer tentativa de análise por RFPs da gerativa. Obviamente, o caráter dos esquemas destinados a estes processos é bastante experimental, mas, mesmo em nível rudimentar, com eles pudemos estabelecer alguma generalidade nas construções neológicas representadas.

Como não obtivemos exemplares em nosso *corpus* para os processos de derivação regressiva e derivação imprópria, optamos por nos concentrar em processos outros, presentes na amostra coletada, a fim de não estender o capítulo de análise com mais especulações teóricas. Contudo, aos processos de siglagem e acronímia, que também não tiveram exemplar em nosso *corpus*, indeferimos o uso de RFPs para representação por falta de regularidade morfêmica e levantamos a possibilidade de se unificar esquemas relacionados a composições morfossintáticas e a truncamentos na busca por um esquema próprio para lidar com as

abreviações e o caráter sentencial próprio da siglagem/acronímia. As formações *ex-nihilo* também não tiveram exemplares na amostra, mas visto que o conceito da categoria propõe uma criação imotivada, não houve necessidade de abordá-la nem mesmo hipoteticamente.

Outros processos de formação neológica apresentaram-se por demais irregulares em sua estrutura formal, impossibilitando tanto a aplicação de RFPs quanto de esquemas cognitivos para explicá-los, a saber: a) a reduplicação, que até tem exemplos esquemáticos, mas apenas quando a partícula reduplicada procede de base morfêmica. Não era este o caso de nossa amostra; b) as extensões semânticas, que não variam em polo formal/morfológico e por isso são ausentes de formativos motivadores da nova palavra; c) as onomatopeias, cujo padrão formal segue padrões fonêmicos imotivados morfológicamente.

Diante do cenário analítico apresentado, percebe-se comparativamente que as vantagens dos esquemas cognitivos com relação às RFPs parecem decorrer tanto do espaço que a proposta cognitivista dá aos eventos semântico-pragmáticos na representação da construção/unidade lexical, quanto ao seu nível de profundidade e detalhamento de como os elementos linguísticos se comportam nessa rede. Ainda assim, os esquemas construcionais não conseguem cobrir todos os fenômenos criativos lexicais e há riscos subjetivos em seus procedimentos, seja nas suas elaborações ou na concepção do *link* de herança a motivar a construção; em contrapartida à representação mais objetiva e sólida das RFPs gerativas, cuja prática alicerça-se em componentes linguísticos mais palpáveis, ao preço de uma cobertura mais limitada da variedade de processos formadores de neologismos trazidos aqui.

Vejamos nas considerações finais quais impactos a atividade de análise desta seção têm sobre os objetivos desta pesquisa, o quanto pôde ser explicado acerca de nosso objeto e quais lacunas ficam acerca do tema, ao ensejo de novas abordagens.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de lidar com as particularidades processuais do fenômeno neológico, colocamos em observância ao longo de nossa proposta de estudo conceitos diretamente ligados à noção lexical — léxico, palavra, neologismo —, conforme concebido por autores diversos, sobretudo aqueles inscritos na linguística cognitiva e na teoria gerativa. Tivemos por noções chaves as seguintes ponderações teóricas construídas a partir de nossas discussões:

- (a) O **léxico** como uma rede de unidades e processos lexicais mais ou menos relacionados semântica, fonológica e morfossintaticamente, conforme a abordagem teórica;
- (b) A **palavra** como uma unidade simbólica da língua composta pela relação de suas características semânticas, fonológicas e morfossintáticas, pragmáticas e interindependentes;
- (c) O **neologismo** como manifestação de uma nova palavra, que parta de uma combinação entre identidades semânticas, fonológicas ou morfossintáticas inéditas à língua em uso em dada comunidade.

Nosso trajeto nos levou ao encontro de 14 processos de produção e criação de palavras conhecidos e mencionados em parte significativa de estudos morfológicos da palavra. Optou-se por uma abordagem que permitisse trabalhar a compreensão de como os aspectos novitativos emergiriam nesses procedimentos, quais de suas instâncias linguísticas estariam mais ou menos envolvidas em cada um e como iríamos figurá-las em nossa análise.

Paralelo a esse tratamento mais geral e descritivo sobre processos de formação de palavras, localizamos o domínio da morfologia conforme sua concepção pelo gerativismo e pelo cognitivismo, expondo de maneira breve seus respectivos panoramas e ampliando-nos em direção aos recortes teóricos pretendidos — por meio dos quais destacamos possibilidades representativas de generalização dos processos criativos lexicais e começamos algumas experimentações.

Nosso *corpus* de análise, constituído por 84 neologismos selecionados entre as 103 unidades lexicais coletadas, mediante critérios de exclusão definidos em nosso capítulo metodológico, foi avaliado, qualificado e quantificado conforme a categoria de formação das unidades lexicais listadas. A partir de nossa investigação, pudemos praticar as noções teóricas elucidadas, desenvolvendo o exercício de pesquisa com alternância entre as abordagens e algumas sugestões de tratamento às lacunas encontradas, como a proposta de modelos experimentais de esquemas cognitivos para representar a generalidade de alguns processos de

formação não morfêmicos, por exemplo, o cruzamento vocabular e o truncamento. Os frutos de nossa investidura levam-nos a considerar alguns pontos principais sobre o tema, sobre os objetivos e sobre a proposta desta pesquisa.

Trabalhamos a componência de unidades lexicais novitativas em uma diversidade de processos formativos de palavras, por via de representações teóricas diametralmente opostas, entre o atômico e o holístico na concepção de linguagem. A partir desse exercício de investigação e do contexto recortado para nosso *corpus*, pudemos perceber que as práticas neológicas miram a produção do novo a partir de procedimentos rotineiros de criação linguística: o produto é novitativo, os processos que o disparam são antigos.

A generalidade relacionada aos procedimentos de formação de palavras encontra limitações para ser representada em todas suas possibilidades — por regras de formação de palavras ou por esquemas cognitivos —, em especial quando o neologismo produzido envolve implicações semântico-pragmáticas pouco discerníveis em seu corpo morfossintático e fonológico. Em escopo geral, a abordagem cognitiva da morfologia construcional, baseada em Gonçalves (2016b) e Booij (2010), nos permitiu cobrir mais fenômenos criativos, por incluir o escopo semântico e pragmático em suas notações, mas trouxe também maiores riscos de análises subjetivas; a abordagem gerativista de uma morfologia mais centrada à palavra, apoiada em Basílio (1980) e Aronoff (1976), cobriu menos fenômenos criativos, mas com reflexões mais estruturais e objetivas.

Nossa prática possibilitou entender que os componentes participantes do aparato lexical são sensivelmente relacionados uns aos outros, mesmo que sejam observados por uma perspectiva gerativa, que os modulariza, ou por perspectiva cognitivista, que os concebe num *continuum* gestáltico. Dessa forma, compreende-se que mudanças em uma palavra de natureza morfológica, por exemplo, podem tocar as outras dimensões linguísticas — fonológica, sintática, semântica, pragmática — dessa construção em algum grau. Há processos cujas atividades parecem pertencer mais a determinados componentes do que outros, porém o envolvimento entre este e as outras instâncias é crível e mais ou menos verificável, conforme o caso. Tais complexidades sustentam uma combinatoriedade de fatores processuais que precedem a criatividade do léxico e justificam sua expansão e adaptabilidade tão fluida e imediata às atualizações da realidade linguística dos indivíduos.

Logo chegamos ao entendimento pretendido de que os neologismos são uma atualização linguística constante e natural à língua, não acessória ou eventual, por serem os próprios processos formativos do léxico constantes e naturais à língua, ativados tanto na recepção, quanto na produção linguística. Em suma, a neologia se apresenta tão imanente à linguagem

quanto os próprios procedimentos de formação lexical, diferenciada apenas por seu estado emergente.

Essa emergência respaldada na noção daquilo que é *novo* talvez seja o maior dificultador nos trabalhos de pesquisa sobre o neologismo, já que essa concepção novitativa pode flutuar conforme a abordagem teórica e a metodologia dos pesquisadores. A própria noção de “palavra” (o *logismo*), como vimos, já é permeada de debates e definida em um universo de categorias — a palavra gráfica, a palavra fonológica, a palavra como unidade sintática mínima, item lexical, entrada lexical, unidade lexical, vocábulo, lexema —, e esta, conjugada com a noção de “novo” (o *neo*), torna-se ainda mais opaca. Novo para o indivíduo? Novo para os registros? Novo para a comunidade linguística? Para lidar com esse percalço, a solução encontrada por nós foi justamente delimitar a nossa perspectiva novitativa, consideradas as teorias de suporte à pesquisa e nosso método de coleta, seleção e trabalho com os dados.

Portanto, depreendeu-se a condição de que o neologismo pode ser concebido não só como uma nova palavra, mas também como o novo uso de uma palavra, visto que unidades lexicais diversas emergem não apenas por operações morfêmicas — como na derivação —, mas também por reconfigurações lexicais realçadas em outras dimensões da língua — como a semântica nas gírias, a fonologia nos cruzamentos vocabulares, a sintaxe nas derivações impróprias. Ou seja, se existe motivação capaz de alterar a aplicação da palavra no cerne de seu uso, existe um neologismo, pois os efeitos resultantes da palavra deixam de ser os mesmos de sua identidade léxica anterior.

Cientes de que os maiores desafios encontrados para se definir o “neologismo” originam-se de um entrave semântico da terminologia, provável justificativa para que a literatura sobre neologia seja escassa e relegada a abordagens breves (quando são) nas bibliografias sobre morfologia, assumimos que a experiência desta pesquisa não visou arremates conclusivos sobre o assunto. Intencionou-se trazer luz sobre esse fenômeno frequente, tão pouco investigado, com experimentações sobre suas processualidades componenciais em sentido amplo, a fim de abrir espaço para novas discussões em pelo menos dois grandes veios teóricos. Esperamos a partir desta abertura de caminho, seja ela refutada ou corroborada, ter colaborado com a comunidade acadêmica nas macroinstâncias do objeto investigado.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário ortográfico da língua portuguesa**. 5. ed. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 01 mar. 2020.
- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 1994.
- ANDRADE, Katia Emmerick; RONDININI, Roberto Botelho. As “ianes” do porão: análise morfo-pragmática das atuais construções X-iane. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, p. 121-147, ago. 2016.
- ARONOFF, Mark. **Word formation in generative grammar**. 3 ed. Cambridge: MIT Press, 1976.
- BALESTERO, Mirella de Souza; CLEMPSI, Camila Bordonal; COSTA, Daniel Soares da. 2020. Processos de formação de neologismos no *Instagram*. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 51, p. 83-95, jan./maio, 2020.
- BASÍLIO, Margarida. **Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- BASÍLIO, Margarida. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 6. n. 2, dez. 2010.
- BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1978.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 81-96, dez. 1987.
- BOOIJ, Geert. **Construction morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, Geert. Morphology in Construction Grammar. *In*: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (org.). **The Oxford handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 255-73.
- BOULANGER, Jean-Charles. Développement, aménagement linguistique et terminologie: um mythe? L'exemple de la malgachisation. **Language problems and language planning**, v. 13, n. 3, p. 243-263, dec.1989. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/lplp.13.3>. Acesso em: 13 abr. 2020.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.

CABRÉ, Maria Tereza. **La terminologia**: teoria, metodologia, aplicaciones. Barcelona: Antártida/Empúries, 1993.

CABELLO, Ana Rosa Gomes. Processo de formação da gíria brasileira. **Alfa**, São Paulo, v. 35, p. 19-53, 1991.

CABELLO, Ana Rosa Gomes. Linguagens especiais: realidade linguística operante. **Uniletras**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 167-182, maio 2002.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. A criação neológica. **Revista Trama**, Cascavel, v. 2, n. 4, p. 191-203, jul./dez. 2006.

CAVALCANTE, Sandra Maria Silva; SOUZA, André Luiz. Linguística cognitiva: uma breve introdução. *In*: HERMONT, Arabie Bezri; SANTO, Rosana Silva de Espírito; CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. (org.). **Linguagem e cognição**: diferentes perspectivas, de cada lugar um outro olhar. Belo Horizonte: Ed. Puc Minas, 2010. p. 63-83.

CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

DICIONÁRIO INFORMAL [online]. 2020. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso em: 3 mar. 2020

DICIONÁRIO PRIBERAM da língua portuguesa [online]. 2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 23 abr. 2020

DOWTY, D. Compositionality as an empirical problem. *In*: BAKER, C.; JAKOBSON, P. (ed.) **Direct compositionality**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 23-101.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. *In*: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 217-234.

FERRAZ, Aderlande Pereira. Os neologismos no desenvolvimento da competência lexical. *In*: HENRIQUES, C. C.; SIMÕES, D. (org.). **Língua portuguesa, educação e mudança**. Rio de Janeiro: Europa, 2008. p. 146-162.

FERRAZ, Aderlande Pereira. **O discurso publicitário e a criação de palavras novas**: o desenvolvimento da competência lexical. *Revista de letras, Vitória da Conquista*, v. 11, n. 2, p. 49-69, jul./dez. 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Coordenado por Marina Baird Ferreira e Margarida dos Anjos. 4. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. *In: Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 59-87.

GOLDBERG, Adele. **Constructions at work**. New York: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. London, Chicago: University of Chicago Press, 1995

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016a.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Morfologia construcional**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016b.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Morfologia**. São Paulo: Parábola, 2019.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão de. Morfologia Construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. **Alfa**, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 165-193, 2014.

GZH. **Tchutchuca e tigrão**: de onde vêm as expressões usadas contra Paulo Guedes. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2019/04/tchutchuca-e-tigrao-de-onde-vem-as-expressoes-usadas-contrapaulo-guedes-cju2zn4cf00vi01nv5zb7x7wh.html>. Acesso em: 24 ago. 2020.

HERMONT, Arabie Bezri; SANTO, Rosana Silva do Espírito; CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. (org.). **Linguagem e cognição**: diferentes perspectivas, de cada lugar um outro olhar. Belo Horizonte: Ed. Puc Minas, 2010.

HERMONT, Arabie Bezri; XAVIER, Gláucia do Carmo. (org.). **Gerativa**: (inter)faces de uma teoria. Florianópolis: Beconn, 2014. p. 13-42.

HERMONT, Arabie Bezri; LIMA, Ricardo Joseh. Gramática gerativa: aspectos históricos e perspectivas atuais. *In: HERMONT, Arabie Bezri; SANTO, Rosana Silva do Espírito; CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. (org.). Linguagem e cognição*: diferentes perspectivas, de cada lugar um outro olhar. Belo Horizonte: Ed. Puc Minas, 2010. p. 23-59.

JACKENDOFF, Ray. **Foundations of language**: brain, meaning, grammar, evolution. New York: Oxford University press, 2002.

KATAMBA, Francis. **Morphology**. London: The Macmillan Press, 1993.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of cognitive grammar**. Volume 1: Theoretical prerequisites. California: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. **Cognitive grammar**: a basic introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, Ronald W. **Investigation in cognitive grammar**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2009.

LANGACKER, Ronald W. **Essentials of cognitive grammar**. New York: Oxford University Press, 2013.

LAPA, Manuel Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEITÃO DE ALMEIDA, Maria Lúcia; PINHEIRO, Diogo; LEMOS DE SOUZA, Janderson; NASCIMENTO, Mauro José Rocha do; BERNARDO, Sandra Pereira. Breve introdução à Linguística Cognitiva. *In*: LEITÃO DE ALMEIDA, Maria Lúcia; FERREIRA, Rosângela Gomes.; PINHEIRO, Diogo; LEMOS DE SOUZA, Janderson; BERNARDO, Sandra Pereira. (Org.). **Linguística Cognitiva: morfologia e semântica**. Rio de Janeiro: Publit, 2010.

LO-BIANCO, Alessandro. Alessandro Lo-Bianco: Livro é tão bom que deveria ser elogio. Tipo: “você está tão livro hoje”. *In*: PENSADOR. **Pensador: frases e pensamentos**. 2020. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTk5MjUyNw/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

OLIVEIRA, Aparecida de Araújo. Uma introdução à gramática cognitiva. *In*: **Linguagem e cognição: diferentes perspectivas, de cada lugar um outro olhar**. HERMONT, Arabie Bezri; SANTO, Rosana Silva de Espírito; CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. (org.). Belo Horizonte: Ed. Puc Minas, 2010. p. 105-123.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MARONEZE, Bruno Oliveira; GANANÇA, João Henrique Lara. Perspectivas onomasiológica e semasiológica nos estudos de neologia. **Labor Histórico**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 204-224, jan./abr. 2020.

MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. **Estrutura da língua portuguesa**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

MICHAELIS, Laura A.; LAMBRECHT, Knud. Toward a construction-based theory of language function: the case of the nominal extraposition. **Language**, Washington, v. 72, n. 2, p. 215-247, jun. 1996.

NETO, Natival Almeida Simões. Morfologia construcional e alguns desafios para a análise de dados históricos da língua portuguesa. **Domínios da linguagem**, Uberlândia, v. 11, n. 3, p. 468-501, jul./set. 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/36837>. Acesso em: 13 ago. 2020.

NUNES, Paulo César Ribeiro. **Estudo do léxico policial militar**. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Orientações para elaboração de trabalhos científicos**: projetos de pesquisa, teses, dissertações, monografias, relatório entre outros trabalhos acadêmicos, conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). 3. ed. rev. atual. Belo Horizonte: PUC Minas, 2019. Disponível em: www.pucminas.br/biblioteca. Acesso em: 17 set. 2020.

REY, Alain. Néologisme: um pseudoconcept? **Cahiers de Lexicologie**, n. 28, p. 3-177, 1976.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2000.

SÁEZ, Júlia Sanmartín. El neologismo desde una perspectiva contrastiva: entre lo cognitivo y lo lexicográfico. **Revista de investigación lingüística**, Murcia, n. 12, p. 147-174. 2009.

SANDMANN, Antônio José. **Morfologia geral**. São Paulo: Contexto, 1991.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. 27. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCALISE, Sergio. **Generative morphology**. Holland/Riverton: Foris Publications, 1986.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **O conceito relativo de neologismo e arcaísmo**: um estudo panorâmico. In: OLIVEIRA, Klebson ; SOUSA, Hirão F. Cunha; SOLEDADE, Juliana (org.). Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 11-20. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/3fz>. Acesso em: 15 mar. 2020.

SOUZA, Adilio Junior de. **Lexicalização e neologismo**: análise funcional em *corpus digital*. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Paraíba, João Pessoa, 2015.

SOUZA, André Luiz. A gramática de construções. In: HERMONT, Arabie Bezri; SANTO, Rosana Silva de Espírito; CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. (org.). **Linguagem e cognição**: diferentes perspectivas, de cada lugar um outro olhar. Belo Horizonte: Ed. Puc Minas, 2010. p. 125-144.

VELHA roupa colorida. Intérprete: Belchior. Compositor: Belchior. In: ALUCINAÇÃO. Intérprete: Belchior. [S.l.]: Universal Music, 1976. Aplicativo Spotify.

XAVIER, Gláucia do Carmo; MORATO, Rodrigo A. Teoria gerativa: uma introdução aos principais conceitos. In: HERMONT, Arabie Bezri; XAVIER, Gláucia do Carmo. (org.). **Gerativa**: (inter)faces de uma teoria. Florianópolis: Beconn, 2014. p. 13-42.

REFERÊNCIAS DO CORPUS

A VENCEDORA da eleição presidencial é baixinha, dentuça, gordinha, enfezada, só veste vermelho e tem um amiguinho de língua presa. **Meia hora**, Rio de Janeiro, 27 out. 2014. Capa.

EMPODERAMENTO é poder? **A Semana Online**, Curitiba, 01 nov. 2016. Disponível em: <http://asemanacuritiba.com.br/2.1175/empoderamento-%C3%A9-poder-1.1942893>. Acesso em: 26 mar. 2020.

AGENTES patológicos. **Império do Riso**, 2019. Disponível em: https://imperiodoriso.com.br/2019/10/31/agentes-patologicos/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=agentes-patologicos. Acesso em: 9 out. 2019.

APÓS ação no Conar, Itaú esclarece diferença entre “Digital” e “Digitau”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 jan. 2016. Mercado. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/mercado/2016/01/1734895-apos-acao-no-conar-itaue-sclarece-diferenca-entre-digital-e-digitau.shtml>. Acesso em: 26 mar. 2020.

ANUNCIAÇÃO, Débora. “Carne do Futuro” chega a BH e divide opiniões; entenda. **Bhaz**, 2019. Disponível em: <https://bhaz.com.br/2019/09/13/carne-futuro-bh-opinioes/#gref>. Acesso em: 13 set. 2019.

BEAUMONT, Diego. **Poliamor**. [S.l.: s.n.], 2017. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Poliamor-Poemario-ilustrado-Diego-Beaumont-ebook/dp/B0718XHQ8L>. Acesso em: 22 set. 2019.

BH DA ZUEIRA. **Li com a voz da minha mãe**. Belo Horizonte, 6 jul. 2017. Twitter: @bhdazueira. Disponível em: <https://twitter.com/bhdazueira/status/883042550197743616/photo/1>. Acesso em: 29 jul. 2019.

BOLSOLINI, o presidente Uber. [S.l.], 20 jun. 2019. Facebook: Ciro Sincero. Disponível em: <https://www.facebook.com/cirogomesincero/posts/d41d8cd9/3395741967137345/>. Acesso em: 20 set. 2019.

BRAHMA. Hoje é Zeca-feira? **Logopéia**, 2007. Disponível em: <https://logopeia.wordpress.com/2007/07/29/hoje-e-zeca-feira/>. Acesso em: 22 set. 2019.

BUONO, Vinícius. Eles passarão, eu passarinho: há 113 anos, nascia Mario Quintana. **Aventuras na história**, 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/personagem/eles-passarao-eu-passarinho-ha-113-anos-nascia-mario-quintana.phtml>. Acesso em: 16 nov. 2019.

CANETA DESMANIPULADORA. Publicação sem legenda. [S.l.]: 15 jan. 2020. Facebook: Caneta Desmanipuladora. Disponível em: <https://www.facebook.com/canetadesmanipuladora/photos/a.245804172452703/1029317817434664/>. Acesso em: 15 jan. 2020.

CANIL HUANGDI BULL. **Que comece a revolução!** #vaivendo. [S.l.], 23 jan. 2020. Facebook: Canil Huangdi Bull – Buldogue Francês. Disponível em: <https://www.facebook.com/bulldoggoiano/photos/que-comece-a-revolu%C3%A7%C3%A3o-vaivendo/2479697198938099/>. Acesso em: 5 fev. 2020.

CAPINA MEME FACTORY. **Momonaro se multiplica via mitose através dos vídeos do zapzap.** [S.l.]: 30 mar. 2019. Facebook: Capina Meme Factory. Disponível em: <https://www.facebook.com/CapinaMemeFactory/posts/2024214457677964/>. Acesso em: 3 nov. 2019.

CASTANHEIRA, Alexandre. **Outrar-se ou a Longa Invenção de Mim.** Porto: Campo das Letras, 2003. Disponível em: <https://www.wook.pt/livro/outrar-se-ou-a-longa-invencao-de-mim-alexandre-castanheira/82423>. Acesso em: 9 dez. 2019.

CGUEDES. **Paulo Guedes #TchutchucaDosBanqueiros.** [S.l.], 3 abr. 2019. Twitter: @cguedes1906. Disponível em: <https://twitter.com/CGuedes1906/status/1113597919934984193>. Acesso em: 20 set. 2019.

COMO trollar os seus amigos que têm celular Android: Tecmundo. [S.l.]: Tecmundo, 31 jul. 2015. 1 vídeo (1 minuto). Publicado por Tecmundo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FrEMSrsGbk0>. Acesso em: 26 mar. 2020.

COSTA, Glaucio. **#Umbiguismo:** Conheço de quilo esse tipo de gente. [S.l.]: 5 dez. 2019. Facebook: Glaucio Costa. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10214919412690539&set=a.1953594291255>. Acesso em: 6 dez. 2019.

DEU pra perceber mesmo. [S.l.], 6 nov. 2019. Facebook: Aqui até a tristeza pula de alegria. Disponível em: <https://www.facebook.com/vivaavida43/photos/deu-pra-perceber-mesmo-1678704592264629/>. Acesso em: 9 out. 2019.

EIS QUE A MORENA entende de memes. **Dopl3r**, 2019. Disponível em: <https://pt.dopl3r.com/memes/engra%C3%A7ado/eis-que-a-morena-entende-de-memes-ericipia-r-inao-o-comedia/433108>. Acesso em: 29 out. 2020.

EIS QUE TU vê que 10/10 esta com Zé Droguinha. **Gerar memes**, 2020. Disponível em: www.gerarmemes.com.br/meme/209158-eis-que-tu-ve-que-10-10-esta-com-ze-droguin. Acesso em: 23 mar. 2020.

EXPERIMENTOTECA. 2020. Página inicial. Disponível em: <http://experimentoteca.com/biologia/>. Acesso em: 26 mar. 2020.

FAQ 524: OLVE e mudança de padrão, Humor e Mediunidade, Obsessão e projeção, Pirar. [S.l.]: Saulo Calderon, 12 set. 2019. 1 vídeo (50 minutos). Publicado por Saulo Calderon. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d1ihimRIJrk>. Acesso em 12 set. 2019.

FÊNIX, La. **Manual Épico da Trolagem.** [S.l.: s.n.], 2017. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Manual-%C3%89pico-Trolagem-F%C3%AAnix/dp/8580682525>. Acesso em: 26 mar. 2020.

FERREIRA, Yuri. “Infodemia” e Covid-19: fluxo de informações e saúde mental em tempos de pandemia. **Hypeness**, 2020. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/03/infodemia-e-covid-19-fluxo-de-informacoes-e-saude-mental-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 26 mar. 2020.

GRETCHEN Se Flopar Ok GIF. **Tenor**, 2018. Disponível em: <https://tenor.com/view/gretchen-se-flopar-ok-hitar-zero-obrigacoes-de-hitar-gif-12644574>. Acesso em: 26 mar. 2020.

HOJE eu não tomeiii meu Rivotril tá! Tô rivoutrada! **Meme**, 2016. Disponível em: <https://me.me/i/hoje-eu-nao-tomei-meu-rivotril-ta-to-rivoutrada-kkkkkkkkkkkkkk-4528367>. Acesso em: 21 jan. 2020.

INTEL. **Inteligado**. 2019. Página inicial. Disponível em: <https://www.intel.com.br/content/www/br/pt/homepage.html>. Acesso em: 22 set. 2019.

JAQUEI e agora!? Low carb. Você Mais Fitness. [S.l.]: Malu Perini, 3 out. 2016. 1 vídeo (6 minutos). Publicado por Malu Perini. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZwQ8MrOT54Y>. Acesso em: 30 out. 2019.

KUNS, Gisele. Empoderamento feminino: escolha se amar. **NotiserraSC**, 2019. Disponível em: <https://notiserrasc.com.br/empoderamento-feminino-escolha-se-amar-por-gisele-kuns/>. Acesso em: 26 mar. 2020.

LEYA BRASIL. **Um livro fundamental para entender o presidente Jair Bolsonaro, seu governo e o bolsonarismo**. [S.l.]: 2 nov. 2019. Facebook: Leya Brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/leyabrasil/photos/um-livro-fundamental-para-entender-o-presidente-jair-bolsonaro-seu-governo-e-o-b/2951748728177996/>. Acesso em: 3 nov. 2019.

LOURENNO, Lilian. **Bate no meu deboísmo e volta**. [S.l.]: 23 ago. 2014. Twitter: @LilianLourenno. Disponível em: <https://twitter.com/LilianLourenno/status/503314467409899520>. Acesso em: 17 set. 2019.

LYRIO, Alexandre; RIOS, Mariana. Durval Lélys dá o vale-night para a galera curtir a festa sem agonia. **Blog Só Asa de Águia**, 2010. Disponível em: <http://soasa.blogspot.com/2010/02/durval-lelys-da-o-vale-night-para.html>. Acesso em: 26 mar. 2020.

MAÇANEIRO, Diogo. “Corônica” de viagem: a volta para casa de um brasileiro na Europa. **Ndmais**, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://ndmais.com.br/saude/coronica-de-viagem-a-volta-para-casa-de-um-brasileiro-na-europa/>. Acesso em: 23 mar. 2020.

MARQUES, Marcus. **Gamificação nas empresas: como funciona?** Marcus Marques, 2017. Disponível em: <http://marcusmarques.com.br/gestao-de-pessoas/gamificacao-nas-empresas-como-funciona/>. Acesso em: 26 mar. 2020.

MEMES NOBRES PARA PLEBEUS OCIOSOS. **Vm pergaminho mvi valioso foi disponibilizado aos plebevs deste fevdo.** [S.l.], 26 dez. 2019. Facebook: Memes Nobres para Plebeus Ociosos. Disponível em: <https://www.facebook.com/PlebeusOciosos/posts/2624653087570260>. Acesso em: 28 dez. 2019.

MENTOS. **Pode contar pra todos os tiozistas e milenistas de plantão:** bora quebrar o gelo? #QuebraGelismo. [S.l.], 6 mar. 2020. Facebook: Mentos. Disponível em: <https://www.facebook.com/mentosbr/posts/3110132915666004>. Acesso em: 13 mar. 2020.

MICHALSKI, Rafael. Terrospectiva: os 60 melhores livros brasileiros de terror da década (2010-2019). **Biblioteca do Terror**, 2019. Disponível em: <https://www.bibliotecadoterror.com.br/2019/12/terrospectiva-os-60-melhores-livros.html>. Acesso em: 31 dez. 2019.

MORANI, Helena. **Segunda da série #sororidade.** [S.l.], 18 out. 2018. Instagram: helenamorani. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BpFgovBlyIH/>. Acesso em: 26 mar. 2020.

MOSQUITOEIRA: capture o mosquito da dengue com uma armadilha. [S.l.]: Blogdelinks, 1 set. 2019. 1 vídeo (4 minutos). Publicado por Blogdelinks. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ayi1nI0D34W>. Acesso em: 28 out. 2019.

NERDONAUTAS. **Como dizem por aqui, pegaram ar.** [S.l.], 22 out. 2019. Instagram: Nerdonautas. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B37Ebs_hnwh/. Acesso em: 22 out. 2019.

NOBRE, Paty Moraes. Flextariano? Búrguer de planta é pra quem come carne. **Exame**, 2019. Disponível em: <https://exame.com/casual/flextariano-burguer-de-planta-e-pra-quem-come-carne/>. Acesso em: 12 dez. 2019.

OI gata, você tem Snapwhatsgram? **Meme**, 2019. Disponível em: <https://me.me/i/oi-gata-vc-tem-snapwhatsgram-tem-gata-10308105>. Acesso em: 8 nov. 2019.

PAULA, Alex de. **Quero abrir uma empresa:** vou “googlar” sobre isso, se existir, lá encontrarei quem possa me ajudar! Grupo DPG, 2018. Disponível em: <https://grupodpg.com.br/se-sua-empresa-contabil-nao-esta-no-google-ela-nao-existe/>. Acesso em: 26 mar. 2020.

PIETRO, Gabriel. Em vídeo hilário, rapaz ensina donos a se comunicarem com seus gatos. **Amo meu pet**, 2019. Disponível em: <https://www.ameupet.org/noticias/1156/em-video-hilario-razapaz-ensina-donos-a-se-comunicarem-com-seus-gatos>. Acesso em: 22 dez. 2019.

PIPIPIPOPOPO cigarro contém mais de 4700 substâncias tóxicas. **Dopl3r**, 2019. Disponível em: <https://pt.dopl3r.com/memes/graciosos/drauzia-vraunelas-atnaofodemalu-pipipipopopo-cigarro-contem-mais-de-4700-substancias-toxicas-velho-4700-substancias-toxicas-por-8-pila-e-muito-barato/292713>. 25 out. 2019.

POUPECAST. **Apple Podcasts**, 2020. Disponível em: <https://podcasts.apple.com/br/podcast/poupecast/id1456828121>. Acesso em: 26 mar. 2020.

QUANDO EU descubro que o casal que eu shippo tá junto. **Gerar memes**, 2020. Disponível em: <https://www.gerarmemes.com.br/meme/611786-quando-eu-descubro-que-o-casal-que-eu-shipp>. Acesso em: 23 mar. 2020.

QUANDO SUA cremosa tá on-line e não tá falando com você. **Imagem Whats**, 2017. Disponível em: <https://m.imagemwhats.com.br/quando-a-sua-cremosa-esta-online-e-nao-fala-com-voce/>. Acesso em: 29 out. 2019.

RABELO, Daiane. Falar em humildade é tão desumilde. **Pensador**, 2019. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MjQ0ODAzNA/>. Acesso em: 26 out. 2019.

ROCHA, Anderson. Você é fluente em belo-horizontês? Teste seu conhecimento no nosso quiz de aniversário. **Hoje em dia**, 12 dez. 2019. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/voc%C3%AA-%C3%A9-fluente-em-belo-horizont%C3%AAs-teste-seu-conhecimento-no-nosso-quiz-de-anivers%C3%A1rio-1.761758>. Acesso em: 25 dez. 2019.

SALVADOR (Município). **Não é mimimi, é discriminação, é feminicídio, é misoginia**. [S.l.], 26 nov. 2018. Facebook: Taissa Gama. Disponível em: <https://www.facebook.com/taissa.vasconcellos/photos/n%C3%A3o-%C3%A9-mi-mi-mi-%C3%A9-discrimina%C3%A7%C3%A3o-%C3%A9-femic%C3%ADdio-%C3%A9-misoginia-mais-de-135-milh%C3%B5es-de-/1856438201135987/>. Acesso em: 16 out. 2019.

SAYURI, Juliana. Os neologismos da intolerância religiosa. E suas controvérsias. **Nexo Jornal**, [S.l.], 9 maio 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/05/09/Os-neologismos-da-intoler%C3%A2ncia-religiosa.-E-suas-controv%C3%A9rsias>. Acesso em: 26 mar. 2020.

SE EU não responder é porque eu to desonline. [S.l.]: Renner Cantuaria, 1 dez. 2018. 1 vídeo (1 minuto). Publicado por Renner Cantuária. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kldh38ga49O>. Acesso em: 26 out. 2019.

SE VOCÊ nao está de boas não venha desdeboar os deboadores. **Meme**, 2016. Disponível em: <https://me.me/i/se-woce-nao-esta-de-boas-nao-venha-desdeboar-os-5363383>. Acesso em: 17 set. 2019.

SEMÁFORO é atropelado em Indaiatuba e desabafa: “Aff”. **Indaiatubanos**, 2020. Disponível em: <https://indaiatubanos.net.br/2020/01/19/semaforo-e-atropelado-em-indaiatuba-e-desabafa-aff/>. Acesso em: 22 jan. 2020.

SEMPRE foi hominho e sempre vai ser hominho. [S.l.], 2 jul. 2019. Facebook: O Macho Alfa. Disponível em: <https://www.facebook.com/omachoalfoficial/posts/1116356278550259>. Acesso em: 3 jul. 2019.

SERIES GUIDE. Versão 51. [S.l.]: TVDB, 2019.

SIGNIFICADO DE MITOU. **Significados**, 2017. Disponível em: <https://www.significados.com.br/mitou/>. Acesso em: 20 set. 2019.

SIGNIFICADO DE: MANJAR dos paranauê. **Qual é a gíria?**, 2019. Disponível em: <https://qualeagiria.com.br/giria/manjar-dos-paranaue/>. Acesso em: 4 out. 2019.

SIQUEIRA, Filipe. Mãe “photoshopa” baratas na foto de filho que não quis tomar banho. **R7**, 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/hora-7/fotos/mae-photoshopa-baratas-na-foto-de-filho-que-nao-quis-tomar-banho-31012020#!foto/1>. Acesso em: 3 fev. 2020.

SOTILLI, Sandro. **A justiça quer interditar o Maracanã**. [S.l.], 23 out. 2019. Twitter: @SandroSotigol. Disponível em: <https://twitter.com/SandroSotigol/status/1187192408376786945>. Acesso em: 26 mar. 2020.

SUBMARINO. **Sextômetro**. 2019. Página inicial. Disponível em: <https://www.submarino.com.br/>. Acesso em: 20 nov. 2019.

TAVARES LAVANDERIA. **Planos mensais de Passadoria que cabem no seu bolso**. [S.l.], 9 out. 2019. Facebook: Tavares Lavanderia. Disponível em: <https://www.facebook.com/tavareslavanderia/photos/1572281462914013>. Acesso em: 9 out. 2019.

TROUXARIANO. Publicação sem legenda. [S.l.], 3 out. 2019. Facebook: Trouxariano. Disponível em: <https://www.facebook.com/trouxariano/photos/a.1277803235684525/1672661259532052/?type=3>. Acesso em: 7 out. 2019.

“TWITTERATURA” seduz autores como alternativa para publicar histórias. **G1**, [S.l.], 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2013/04/a-hiperbrevre-twitteratura-seduz-cada-vez-mais-os-escritores.html>. Acesso em: 22 out. 2019.

VÍDEO de garotos pegando rabeira viraliza e vira meme nas redes sociais. **Blasting News**, 2019. Disponível em: <https://br.blastingnews.com/brasil/2019/09/video-de-garotos-pegando-rabeira-viraliza-e-vira-meme-nas-redes-sociais-002990399.html>. Acesso em: 30 set. 2019.

VOLTE a prestar atenção ao que você sonha, afirma o neurocientista Sidarta Ribeiro. **Últimas Notícias**, 2019. Disponível em: <https://www.ultimasnoticias.inf.br/noticia/volte-a-prestar-atencao-ao-que-voce-sonha-afirma-o-neurocientista-sidarta-ribeiro/>. Acesso em: 27 out. 2019.

WATTERSON, Bill. Sobremesariano. **Fragmentos de uma vida**, 2012. Disponível em: <http://tatsy.blogspot.com/2012/10/sobremesariano.html>. Acesso em: 26 mar. 2020.

YUGE, Claudio. Conheça a nova sci-fi brasileira com sertãopunk, cyberagreste e amazofuturismo. **Canaltech**, 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/entretenimento/conheca-a-nova-sci-fi-brasileira-com-sertaopunk-cyberagreste-e-amazofuturismo-159802/>. Acesso em: 9 fev. 2020.

ZOEIRA na web! Veja os memes do massacre do Flamengo sobre o Grêmio. **Terra**, 2019. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/lance/humor-esportivo/zoeira-na-web-veja-os-memes-do-massacre-do-flamengo-sobre-o-gremio.c7f80aa11d269749871fb04277b5a43837nyhc61.html>. Acesso em: 8 nov. 2019.

ANEXO A - AMOSTRAGEM

Todas as imagens dos exemplares coletados neste trabalho podem ser encontradas no seguinte *link* do aplicativo Google Drive:

- https://drive.google.com/drive/folders/1Q6obj9_dOcnqL6cVwX4yH_T4l4PkWR2v?usp=sharing

O título dos arquivos de imagem obedecem o padrão “Código Palavra (AUTOR, ANO)”; caso não haja chamada de autoria, o exemplar foi fotografado diretamente pelo autor desta pesquisa. Nas referências de Corpus, observa-se um grande número de fontes sem autoria, indicadas nas chamadas por “EXEMPLO...” e ano, conforme instrução normativa das Orientações para Elaboração de Trabalhos Técnicos Científicos (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA, 2019). A ausência autoral mostra-se muito recorrente no ambiente virtual, em especial, nas redes sociais, em que publicações ramificam-se de múltiplos compartilhamentos, às vezes de origem já extinta. Da mesma forma, muitas das fontes virtuais não são dotadas de local físico, cuja ausência foi indicada nas referências de *corpus* por [S.l.] — *sine loco* (sem local).